



**COOPERATIVA REGIONAL TRITICOLA SERRANA LTDA.**



Rua das Chácaras, 1513  
Caixa Postal 111 - Ijuí, RS  
Fone: PABX - (055) 332-2400  
Telex: 0552199

CGC ICM 065/0007700  
Inscr. INCRA N.º 248/73  
CGC MF 90.726.506/0001-75

**ADMINISTRAÇÃO**

Diretoria Executiva

Presidente:

Ruben Ilgenfritz da Silva

Vice-presidente:

Arnaldo Oscar Drews

Superintendente:

Clóvis Adriano Farina

Diretores Contratados:

Euclides Casagrande, Nedy Rodrigues Borges, Luís Régis do Amaral, Werner Erwin Wagner, Eduardo Augusto de Menezes, Valdir Zardin, Rui Polidoro Pinto, Bruno Eisele, Wilson Oliveira, Eduardo B. Ferreira, Renato Borges de Medeiros.

(Conselheiros(efetivos):

Alberto Sabo, Erni Schünemann, Egon Eickoff, Telmo Rovero Ross, Joaquim Stefanello.

Conselheiros (suplentes)

Alfredo Driemeyer, Reinhold Luiz Kommers, Ido Marx Weiller, João Telló, Arnaldo Hermann, José Carlos Vione.

Conselho Fiscal (Efetivos):

Dair Fischer, Aquilino Bavaresco, Antônio Bandeira.

Conselho Fiscal (suplentes)

Alvaro Darci Contri, Alceno Elvino Volmer, Rui Adelino Raguzzoni.

Capacidade em Armazenagem:

LOCAL	INSTALADA
Ijuí	164.000 t
Ajuricaba	33.000 t
Augusto Pestana	33.000 t
Chiapetta	60.000 t
Cel. Bicaco	40.000 t
Sto. Augusto - Sede	77.000 t
Sto. Augusto - Esq. Umbú	50.000 t
Ten. Portela	60.800 t
Vila Jôia	67.000 t
Rio Grande	220.000 t
Dom Pedrito	45.000 t
Maracajú - Sede	65.000 t
Maracajú - Vista Alegre	17.000 t
Sidrolândia	52.000 t
Rio Brilhante	29.000 t
Dourados - Sede	82.000 t
Itaum (Dourados)	26.000 t
Indápolis (Dourados)	17.000 t
Douradina	17.000 t
Caarapó	17.000 t
Ponta Porã - Posto Gualba	42.000 t
Itaporã - Montese	17.000 t
Campo Grande - Anhanduí	17.000 t
Aral Moreira - Tagi	17.000 t
Bonito	17.000 t



**COTRIJORNAL**

Órgão de circulação dirigida ao quadro social, autoridades, universidades e técnicos do setor, no país e exterior.

Nossa tiragem: 18.500 exemplares

Associado da ABERJE



Associado da



Registrado no Cartório de Títulos e Documentos do município de Ijuí, sob número 9.

Certificado de marca de propriedade industrial M/C11 número 022.775 de 13.11.73 e figurativa M/C11 número 022.776 de 13.11.73.

**REDAÇÃO**

Christina Brentano de Moraes  
Dária C. Lemos de Brum Lucchese  
Moisés dos Santos Mendes

Correspondente no Mato Grosso do Sul  
Lorena Ely Fischer

Composto no Jornal da Manhã, em Ijuí, e impresso no Jornal do Comércio, em Porto Alegre.

**Ao leitor**

O Dia do Colono deste ano foi marcado por algumas festas que aconteceram no Rio Grande do Sul, um costume que muitas comunidades preferem não deixar de lado. Mas o fato mais importante deste dia, porém, não foi uma festa, mas sim uma enorme concentração que reuniu mais de 10.000 agricultores no município de Ronda Alta, na Encruzilhada Natalino. Ali, há mais de quatro meses, 570 famílias de colonos sem-terra levantaram um acampamento na beira da estrada. Esta foi a forma de tornar público o problema de acesso à terra. Um problema, por sinal, que não atinge apenas as famílias dos acampados, mas ainda 200 mil famílias rurais do Rio Grande do Sul que não têm seu pedaço de terra para trabalhar. É também um problema já sentido por muito pequeno proprietário, que não vê perspectivas de colocação na terra para os seus filhos.

Além do protesto da terra, a concentração serviu para mostrar o desagrado dos pequenos produtores em relação à política agrícola nacional. Não se falou só de terra, mas também da crise da suinocultura, do problema dos preços, da Previdência Social Rural. Veja, na página 6, como foi este Dia do Colono lá na Encruzilhada Natalino.

Demorou mas mudou a política de fixação dos preços mínimos. A partir das próximas safras estes preços de garantia sofrerão um reajuste baseado no INPC, o Índice Nacional de Preços ao Consumidor. De quanto será esta correção ninguém ainda pode saber, O certo é que estes índices deverão — de acordo com a vontade das autoridades federais — ficarem bem menores do que aqueles verificados até hoje, pois existe a intenção de não permitir um aumento da inflação provocada por disparada de preços. Se este sistema de introduzir um reajuste agradou bastante aos produtores, o mesmo não pode ser dito sobre os preços básicos, tomados como ponto de partida. Em alguns produtos eles são mais baixos, inclusive, que os preços atualmente praticados no mercado. Desta forma, na época em que entrarem em vigor, mesmo com a correção, serão insuficientes para proporcionar a renda esperada pelos agricultores. Veja a matéria que está nas páginas 3 e 4.

**Do leitor**

**EDUCAÇÃO**

Estive lendo um exemplar do seu jornal e constatei vários artigos importantes e bastante interessantes, que realmente me chamaram a atenção.

Gostaria muito, se houvesse a possibilidade, de receber exemplares quando estes são editados.

Estou cursando o segundo ano de Magistério na Fundação Evangélica de Novo Hamburgo e o seu jornal viria ao encontro de muitos materiais didáticos que estou utilizando.

No exemplar que eu li havia um artigo sobre educação, do qual eu tirei muito proveito.

Lanine Fisch

Novo Hamburgo - RS

**QUEM MEXE NA TERRA**

Estando eu muito satisfeito com a atenção dispensada pelo Cotrijornal para comigo, gostaria de parabenizá-los pelo magnífico trabalho desenvolvido por vocês, trazendo a nós as informações de modo claro e exato através de entrevistas diretamente com o homem do campo, mostrando os seus problemas e dificuldades e também ao mesmo tempo nos dando novas idéias e também sempre dando instruções a nós que mexemos na terra.

Laureci Antonio B. Teixeira

Cristalina - GO

**CONTINUAR A REMESSA**

Não me recordo se minha assinatura teve início em 1980 ou antes. Contudo, sigo interessado em receber regularmente o Cotrijornal, sendo este interesse sempre renovado por ter nesse jornal expressiva fonte de ótimas informações que são para mim de enorme utilidade.

Portanto, caso haja suspenso eventualmente alguma remessa queiram gentilmente enviar-me tais números.

Newton Martins de Alencar

São Paulo - SP

**EMPAER**

Analisando várias edições do Cotrijornal, constatamos que os assuntos enfocados dão conhecimentos precisos e claros tanto para técnicos como para agricultores. Sabendo da necessidade de um aprimoramento constante dos conhecimentos técnicos, tendo em vista inovações tecnológicas que estão acontecendo na agricultura brasileira, a EMPAER (Empresa de Pesquisa, Assistência Técnica e Extensão Rural de Mato Grosso do Sul) solicita uma assinatura deste jornal para os seguintes extensionistas: Wellington Baganha e Ilário Maccari.

Wellington Baganha

Naviraí - MS

**ESTUDANTE**

Conheci através de colegas essa pu-

blicação, a qual me impressionou devido a veiculação de informações importantes e úteis a respeito de cooperativismo, de forma clara e sem fugir da profundidade que merece cada tema. Como estudante de Agronomia e ligado a uma organização que trabalha com cooperativismo, gostaria de receber este jornal como assinante.

Gilberto Carlos Mascarenhas  
Belém - PA

Agradecemos as felicitações enviadas pela passagem do oitavo aniversário de circulação do Cotrijornal recebidas de Mário Wunderlich, pela Secretaria da Agricultura do Rio Grande do Sul; Luiz Vicente Dutra, da Fundasul; Jair de Oliveira Soares, ministro da Previdência e Assistência Social; Assessoria de Relações Públicas da CRT; MPM Propaganda; Oly Fachin, presidente do IPE; deputado federal Victor Faccioni; Claudio de Mello, diretor-presidente da Epatur; Juarez Schneider, superintendente do INPS no Rio Grande do Sul; Pericles de Freitas Druck, presidente do Grupo Habitasul; deputado Alberto Hoffmann; Antonio Maciel, superintendente da Clavesul; Celito de Grandi, delegado regional do Trabalho; da Assessoria de Comunicação Social da Secretaria da Justiça do Estado; Valtoir Perini, diretor da Randon S.A. e Celestino Goulart, secretário da Justiça.



# A CORREÇÃO AGRADA. MAS NÃO OS VALORES

Os preços mínimos agora mudaram de nome. São chamados de preços básicos. Isto porque o Governo introduziu uma modificação nestes valores de garantia para as safras dos produtores brasileiros: um fator de correção que vai variar de acordo com o INPC, que é o Índice Nacional de Preços ao Consumidor. Este INPC sofre uma variação mensal, isto de acordo com os aumentos verificados em alguns dos produtos consumidos pelo povo e que são levados em consideração neste estudo feito pelo próprio Governo.

Estes preços básicos servirão de referência para os efetivos preços mínimos que estarão em vigor na época das colheitas. No caso da soja, por exemplo, o preço básico foi fixado em Cr\$ 945,00, servindo como fator de correção o INPC do semestre que vai de julho de 81 a janeiro de 82. Se o índice neste período, por exemplo, for o mesmo do semestre de julho de 80 a janeiro de 82, a correção será de 46,1 por cento, ficando o preço mínimo em Cr\$ 1.378,64.

## SISTEMA AGRADA. MAS NÃO A FORMA

Se esta fórmula de corrigir os preços agradou os produtores, o valor dos preços básicos deixou a desejar. As maiores queixas são exatamente para a soja e o feijão, que tiveram estes preços fixados em valores inferiores até mesmo aqueles que atualmente estão sendo praticados, no mercado. O Paulo Roberto da Silva, gerente do Departamento de Planejamento e Projetos da Cotrijuí, aponta três problemas bastante sérios nesta nova política.

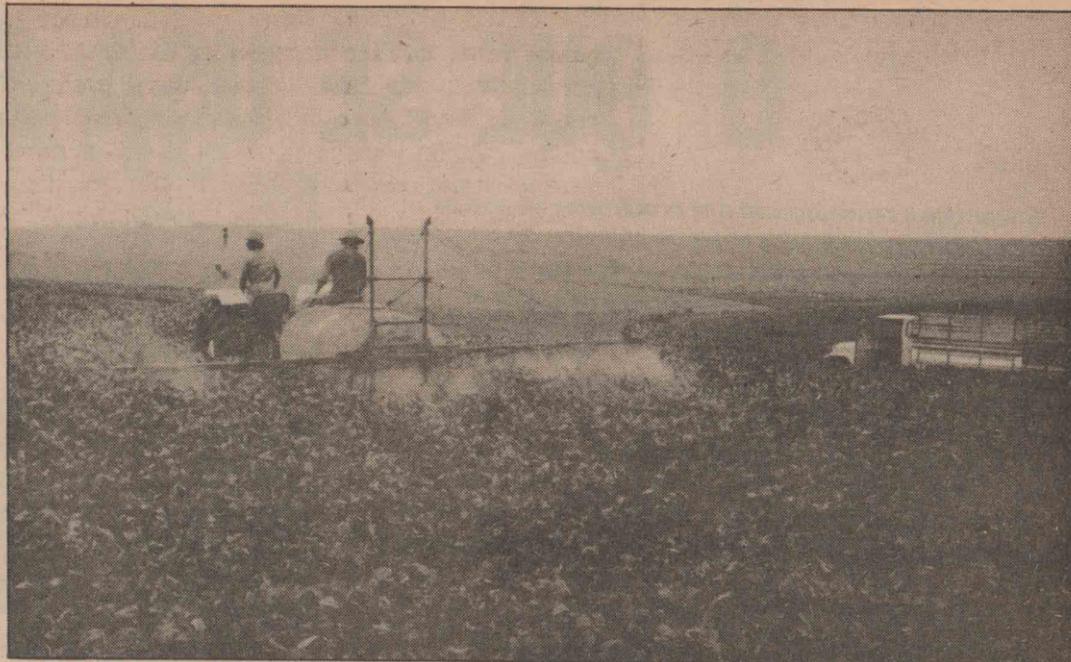
O primeiro é exatamente o preço de partida muito baixo. Os Cr\$ 945,00 fixados como

básico para a soja é um valor inferior até mesmo aos preços atuais do mercado. Para cobrir os custos de produção, calculados em Cr\$ 1.988,14 para uma produtividade de 25 sacos por hectare (ou Cr\$ 1.656,78 para 30 sacos), o preço de partida deveria ser pelo menos Cr\$ 1.300,00, na opinião do Paulo Roberto. Isto que nos cálculos do Departamento, o preço de comercialização da soja deveria ficar pelo menos em Cr\$ 2.029,05 se a produtividade chegar a 30 sacos por hectare. Este é o valor mínimo que deveria ser pago pela produção de soja se fosse seguido aquilo que diz o Estatuto da Terra, que garante 30 por cento da lucratividade sobre o custo de produção.

O caso é que seguindo a correção pelo INPC, dificilmente o preço da soja vai alcançar este valor. Este é o segundo problema apontado pelo Paulo Roberto.

O Índice Nacional de Preços ao Consumidor é sempre calculado na base de alimentos de primeira necessidade. Existe a intenção oficial de que este índice não supere os 50 por cento durante este segundo semestre do ano, isto dentro da tentativa de conter a inflação.

Ora, mesmo sendo otimista e colocando mais 50 por cento em cima dos Cr\$ 945,00, nem ao menos o custo de produção será coberto pelo preço mínimo da soja. Até pouco tempo atrás este tipo de coisas não preocupava muito os produtores de soja, pois o mercado sempre se manteve acima dos preços mínimos. O susto deste ano, porém, faz com que a situação seja encarada de forma diferente. É o preço mínimo, por exemplo, que é usado como cálculo para todos os EGFs (Empréstimos do Go-



É difícil que o preço mínimo da soja cubra os custos de produção

verno Federal), um recurso que muito produtor lançou mão para comercializar sua soja este ano e liquidar seus financiamentos.

### O CUSTO SOBE MAIS

Se o INPC, seguramente, não deve ultrapassar a casa dos 50 por cento, é líquido e certo que os insumos para a formação da lavoura vão subir bem mais que isto. Diz o Paulo Roberto:

— Os combustíveis subiram no ano passado 254 por cento. Os inseticidas tiveram um aumento médio de 200 por cento.

Um terceiro problema identificado pelo Paulo Roberto é o período considerado nesta variação do INPC. Na maioria dos produtos ele vai de julho a janeiro. Desta forma, a correção vai terminar antes mesmo que se inicie a comercialização do produto:

— Quem vai sofrer menos este problema serão os produtores paranaenses e do Mato Grosso, onde a safra é colhida mais cedo. Mas no Rio Grande do Sul, onde a comercialização inicia no final de março, abril, os produtores já estarão perdendo nesta correção.

### FEIJÃO E MILHO

No feijão a situação é bem parecida. O preço básico, fixado em Cr\$ 3.150,00, está abaixo dos Cr\$ 4.500,00 que andam sendo pagos pelo sacco de 60 quilos. Só que, ao contrário da soja, uma boa produtividade pode tomar menos ruim o preço mínimo que venha a ser praticado a partir de novembro. O difícil porém, como se sabe, é conseguir tirar

da terra uma boa produção de feijão.

Para o milho os Cr\$ . . . . 735,00 fixados como preço de partida estão acima dos Cr\$ . . . 600,00 que atualmente estão sendo pagos ao produtor. Mesmo que a correção do preço básico não acompanhe o aumento nos custos de produção, (isto pode ser visto ao comparar a evolução dos índices do INPC na tabela 2) o milho ainda não dará tanto prejuízo como em outros produtos. Inclusive nos estudos do Departamento de Planejamento e Projetos o custo de produção do milho alcançará Cr\$ 930,20 para uma produtividade de 65 sacos por hectare e de Cr\$ . . . . . 1.209,26 para uma produtividade de 50 sacos.

### ARROZ MAIS TRANQUILO

A situação mais tranqüila é a do arroz, especialmente no Rio Grande do Sul. Isto porque, pela primeira vez o VBC (veja matéria na página 4) é diferenciado para os produtores deste estado, onde o arroz, normalmente, é irrigado. Em

termos de preço básico o valor de partida já é maior do que o de mercado, atualmente de Cr\$ 940,00 por 50 quilos de produto em casca. O arroz ainda teve alguns benefícios extras nas novas normas aprovadas pelo Conselho Monetário Nacional. Estes são decorrentes de uma mudança no critério de classificação. Agora o preço mínimo é pago pelo arroz do tipo 3 (antes era tipo 2). Como no Rio Grande do Sul a maioria do arroz é tipo 2, os produtores receberão um ágio de 4,06 por cento sobre o preço básico fixado, o que o eleva para Cr\$ 1.040,60. Além disso, o arroz gaúcho recebe ainda mais 10 por cento de ágio, pois seu padrão de qualidade é superior ao básico de 40 inteiros por 28 quebrados. Na média o arroz gaúcho alcança a proporção de 50 x 18, o que vai elevar seu preço para mais de Cr\$ . . . . . 1.100,00 a saca antes da correção pelo INPC.

(veja a opinião dos produtores lendo a matéria da página seguinte)

### EVOLUÇÃO DO INPC (ÍNDICE DE PREÇOS AO CONSUMIDOR)

ÍNDICE (%)

Ano e meses	Mensal	Semestral	Anual
1979 — Set.	6,7	26,6	—
Out.	4,7	28,2	—
Nov.	5,8	33,2	—
Dez.	7,0	38,7	—
1980 — Jan.	6,6	40,9	—
Fev.	3,8	39,9	—
Mar.	5,1	37,7	74,3
Abr.	4,2	37,0	75,5
Mai.	5,6	36,8	82,9
Jun.	5,2	34,4	86,4
Jul.	5,8	33,5	88,2
Ago.	4,5	34,4	88,1
Set.	6,2	35,9	87,1
Out.	6,9	39,4	90,1
Nov.	8,3	43,0	95,6
Dez.	6,9	45,3	95,3
1981 — Jan.	6,5	46,1	95,1
Fev.	5,2	47,1	97,8
Mar.	5,6	46,2	98,8
Abr.	5,3	44,2	101,0
Mai.	7,3	42,7	104,1
Jun.	4,0	38,9	101,8

Fonte: IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística)

Produtos	Unidade	Preço Base	Início de operação	Fator de correção
Amendoim em casca	25 Kg	Cr\$ 630,00	DEZ/81	INPC de JUL/81 a NOV/81
Arroz em casca	50 Kg	Cr\$ 1.000,00	FEV/82	INPC de JUL/81 a JAN/82
Feijão	60 Kg	Cr\$ 3.150,00	NOV/81	INPC de JUL/81 a OUT/81
Girassol	40 Kg	Cr\$ 662,00	DEZ/81	INPC de JUL/81 a NOV/81
Mandioca	tonelada	Cr\$ 3.055,00	ABR/82	INPC de JUL/81 a MAR/82
Milho	60 Kg	Cr\$ 735,00	FEV/82	INPC de JUL/81 a JAN/82
Soja	60 Kg	Cr\$ 945,00	FEV/82	INPC de JUL/81 a JAN/82
Sorgo	60 Kg	Cr\$ 615,00	FEV/82	INPC de JUL/81 a JAN/82

# O QUE SE USA SOBE MAIS

Era antiga a reivindicação dos produtores de que os preços mínimos fixados antes da colheita, de forma que fosse possível programar a lavoura, sofressem ainda um reajuste nos seus valores. Só desta maneira se conseguiria evitar que a inflação "comesse" o valor destes preços até o momento de comercialização das safras. Por esta razão a medida autorizada pelo Conselho Monetário Nacional, de introduzir a correção nos preços, agora chamados de básicos, foi recebida com satisfação pela classe rural. Só que a partir do momento que os preços foram conhecidos e também os critérios para essa correção, muita da satisfação foi por água abaixo.

"Estes preços do Governo, mesmo que depois tenha reajuste, não dá para aguentar". Quem fala isso é o seu José Lori Flores Gonçalves, morador da Esquina Nossa Senhora de Fátima, em Santo Augusto:

— Além de baixo o preço, este reajuste nunca passa de 40 por cento. Até a época de vender a soja esse preço não é nada. O Governo pode botar até 100 por cento em cima dos Cr\$ 945,00 que não vai adiantar nada. Até lá, o preço dos insumos, do combustível, já levou o pouquinho do lucro que o produtor poderia tirar.

### TUDO É CARO. MENOS O PRODUTO

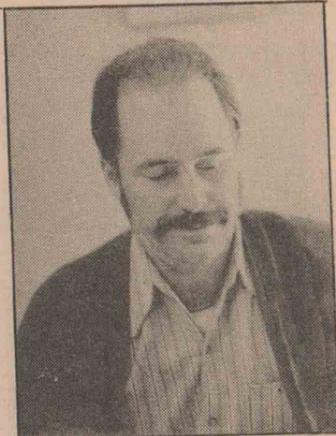
O seu Avelino Balduino Hermann, de São Miguel (Augusto Pestana), acha que o preço básico ti-

nha que ter partido pelo menos de Cr\$ 1.200,00 e depois ter ainda um bom reajuste:

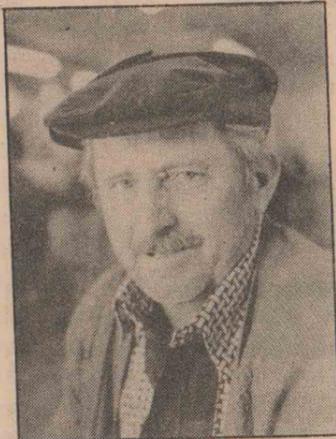
— Não é só o combustível e os insumos que podem subir quantas vezes quiserem. A produção também tem que pagar um preço que compense. Tudo o que a gente compra tem um preço lá em cima e o que nós temos para vender não tem preço. A situação tá nesse pé, que nem sei o que vai ser do agricultor. Quem comprou alguma máquina, comprou. Quem ainda não comprou, do jeito que vai, não compra mais nada.

Quem também ficou prá lá de desacomodado foi o seu Liberato Pereira Bitencort, da Linha Iracema, em Chiapetta:

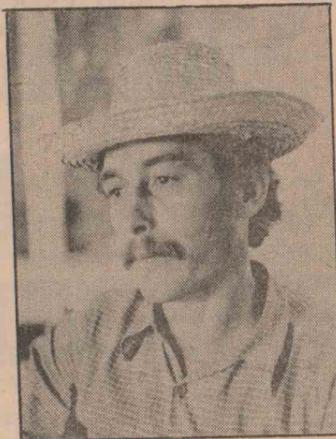
— Esse preço que o Governo largou, mesmo



José Lori Gonçalves: não dá prá aguentar



Avelino Hermann: o resto sobe como quer

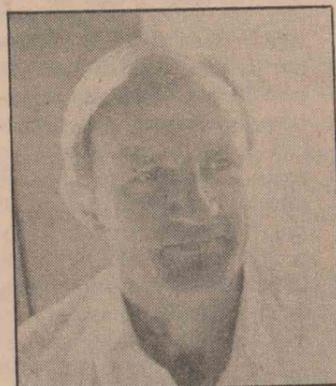


Liberato Bitencort: os custos sobem mais

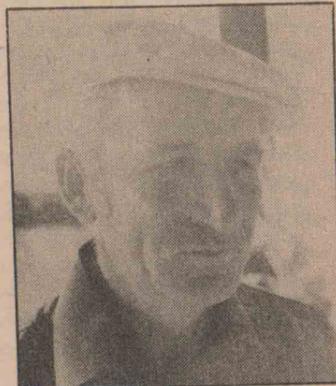
que tenha reajuste, não vale mais nada até a hora de vender. Só os custos da lavoura levam muito mais dinheiro. Se a inflação continuar como está, o preço da soja da próxima safra não pode ficar abaixo de Cr\$ 2.000,00. Esse ano a gente já andava pensando que ia ganhar uns Cr\$ . . . . 1.500,00 e ainda não passou de Cr\$ 1.085,00. Só os custos da lavoura levam muito mais dinheiro. Do jeito que está, o produtor não está nem tendo condições de formar a lavoura.

### O AGRICULTOR QUE SE DANE

Já o seu Edelmar Friderich, de Monte Alvão (Ajuricaba) tem uma explicação para esta política de fazer valer pouco o produ-



Edelmar Friderich: o agricultor que se dane



Harri Treter: é só no papo

to do agricultor:

— O negócio é largar comida barata para o povo. Assim, pagam de salário o mínimo possível para o povo ir se mantendo. E o agricultor que se dane.

O seu Edelmar também acha válida a iniciativa de corrigir os preços,

mas — a exemplo de muito mais gente — não concorda com o preço de largada dos produtos, que é muito baixo:

— E é difícil também saber se estes índices de correção, este INPC, serão os reais.

Para o seu Harri Treter, da Linha 7 Oeste, em Ijuí, a notícia de correção do preço "acho que é só no papo. Até hoje não resolveram nada na agricultura. Se eles atacassem os outros — principalmente os intermediários — como atacam nós, a situação era outra. Os outros fazem o que bem entendem com os preços do que vendem e para nós os preços são estes absurdos".

Ou como arremata o seu José Lori:

— O governo está muito enganado pensando que reduzindo os preços dos produtos agrícola vai conseguir combater a inflação. O que ele tem feito é só desestimular a agricultura. Ele fala que está incentivando, mas incentivo começa com condições de trabalho, com preços justos para que o agricultor tenha nem que seja um pouco de lucro. Quem anda lidando com trigo e soja anda muito desacomodado. Não vejo mais futuro. Nós trabalhamos para pagar as dívidas. Nem prá comer não dá mais.

## NÓS TEMOS O MELHOR TRATAMENTO PARA O SEU TRIGO:

### O TRATAMENTO PADRÃO.

Sabe como os órgãos oficiais fazem para saber quando um produto é realmente bom para o trigo? Eles comparam com Manzate® D e Benlate®.

Estes dois fungicidas são considerados padrão para todos os demais. Se o fungicida a ser testado chega a obter um desempenho igual ou superior ao de Manzate D e Benlate, ele é considerado bom.

Se o desempenho for inferior, ele é rejeitado.

Seu agrônomo sabe melhor do que ninguém como estes testes são feitos. Pergunte para ele.

**Manzate D + Benlate = proteção total para o trigo.**

Não é por menos que Manzate D e Benlate são considerados tratamento-padrão para o trigo. Em todos os testes de campo realizados,

chegou-se a obter um aumento de 30 a 100% de produtividade em comparação com as áreas não tratadas.

Isso porque Manzate D e Benlate protegeram totalmente o trigo, controlando as doenças da folha e da espiga, como a septoriose da gluma, a helmintosporiose e a gibereia.

Neste ano, saiba como colher mais trigo. Pergunte a quem usa Manzate D e Benlate.

Ou, para maiores informações, envie o cupom anexo para Du Pont do Brasil S.A.-CP8112-São Paulo-SP



**AGROQUÍMICOS**

\*Manzate D e Benlate são marcas registradas da Du Pont.



Nome \_\_\_\_\_ CEP \_\_\_\_\_  
 Endereço \_\_\_\_\_ Tel. \_\_\_\_\_  
 Empresa \_\_\_\_\_  
 Cargo \_\_\_\_\_ Cidade/Estado \_\_\_\_\_  
 \*Manzate D e Benlate

# POUCO E CARO

Se é para se fiar em crédito para continuar plantando, o melhor é tirar de vez o cavalo da chuva. Com a divulgação dos novos Valores Básicos de Custeio ficou mais uma vez bem claro que não será via crédito que o produtor vai poder fazer sua lavoura. Isto não só pela redução nos recursos, como também pelos já conhecidos e altos custos que o dinheiro vem tendo para a agricultura.

O Governo nem está mais escondendo de ninguém sua posição quanto a isto: a época de subsídios ao crédito agrícola é coisa do passado. O ministro da Agricultura, Angelo Amaury Stábile, por exemplo, lembra que a política oficial é substituir a vantagem do subsídio pela "vantagem de um preço mínimo que dê a tranquilidade ao produtor que alcança uma faixa média de produtividade".

Mas como estes preços também não estão sendo adequados, o produtor, descapitalizado, não tem de onde tirar recursos próprios para aplicar na agricultura. Inclui-se a reivindicação de preço tem pesado, nos últimos tempos, muito mais do que a de crédito. O maior problema, porém, é que grande parte dos produtores voltados para as lavouras de soja, de arroz, etc, estão tão comprometidos com o sistema de produção que não estão conseguindo se libertar do crédito.

## PREJUÍZO DO GRANDE

Os grandes agricultores, em especial, não concordam com a diferenciação de categorias de produtores, pois, para eles, os financiamentos são concedidos na proporção de 60 cento deste valor. É como diz o seu Cícero Kurtz, dono de 1.650 hectares de terra em Dourados, no Mato Grosso do Sul, e vice-presidente do Sindicato Rural do município:

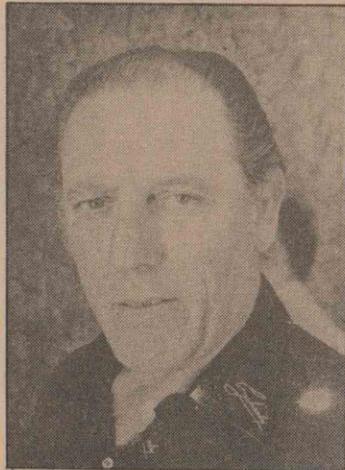
— Em função desta diferença, na nossa região já houve uma redução de 14 por cento na área de lavoura. Este ano a tendência é diminuir 20 por cento. O grande vem sendo muito prejudicado pelo fato de receber só 60 por cento do VBC. O Governo pensa que o grande tem dinheiro, mas ele também está descapitalizado.

A redução na lavoura de soja do seu Kurtz vai ser grande nesta próxima safra. Dos 1.000 hectares que ele plantou há dois anos agora só serão formados 100 hectares.

— Vou entrar é para a pecuária. Não corro risco, não tenho prejuízo, não tenho depreciação e nem dependo de mercado internacional.

## NÃO COBRE CUSTO

Outro que vai reduzir a lavoura é o seu Darci Angelo Giacomini, de Ponche Verde,



Cícero Kurtz: entrar na pecuária

em Dom Pedrito:

— Estes VBCs que o Governo soltou, tanto para a soja, como para o arroz, não dá para cobrir os gastos da lavoura. Muito produtor vai ter que recorrer a recursos próprios e, no nosso caso, que só pegamos 60 por cento, a situação piora mais ainda.

Ele já está decidido a reduzir a lavoura de soja nuns 60 por cento da área:

— Vou plantar só uns 50 hectares, na torcida de que pelo menos os preços da produção para a próxima safra melhorem um pouco mais.

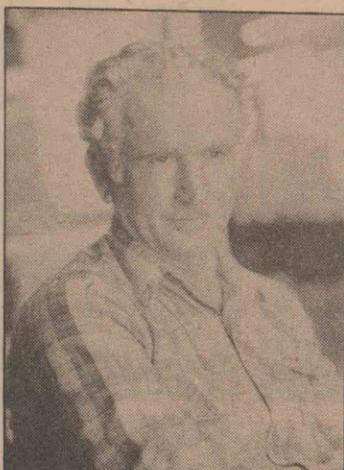
Os compromissos do arrendamento impedem que Edelci Carlos Comin, também de Dom Pedrito, reduza sua área de plantio na próxima safra. Vontade bem que ele tinha, porque os recursos do crédito não vão permitir formar a lavoura em condições:

— Muito lavoureiro vai ter que dispor de outros recursos. Mas nem todos, por causa de descapitalização, devido a produção não ter preço compensador, vai poder formar a lavoura. Para o arroz o VBC tinha que ser de no mínimo 80 por cento de uma valor não inferior a Cr\$ 65 mil. Neste caso, o produtor já iria depender de uma parcela menor de dinheiro próprio.

## É PIADA

“Isso que o Governo está oferecendo não é VBC. É piada”, fala o seu Ronaldo Ernesto Fick, que tem lavoura arrendada em Vacaiquá, em Dom Pedrito. Segundo ele, estes valores não dão nem para as três coisas básicas da lavoura: a semente, o adubo e o herbicida. E explica:

— Só pode dizer que este VBC é bom quem está acostumado a plantar Proagro. O produtor que planta para colher não tem condições de fazer a lavoura. Se muita gente continua insistindo em plantar é só por causa dos compromissos a longo prazo, como arrendamentos e máquinas. Vai acontecer é do pessoal plantar de qualquer jeito. Se não temos condições de pôr tecnologia dentro da lavoura, não vai ha-



Darci Giacomini: reduzir a área



Edelci Comin: compromissos

ver condições de aumentar a produtividade.

O Ronaldo já vem reduzindo de ano para ano a sua lavoura. Dos 340 hectares da safra de 79/80, a do ano passado chegou só a 110, e sem financiar, por causa dos juros. Seu dinheiro não dava para plantar mais do que isso. E, para economizar, ele mesmo foi pra cima do trator, comprou adubo no cedo, não contratou mão-de-obra de fora.

O caso é de que depois da colheita, onde ele tirou perto de 18 sacos por um, chegou a conclusão de que aplicou mal o dinheiro:

— Se tivesse pego e depositado até mesmo numa caderneta de poupança, teria ganho mais do que aplicando na lavoura. O preço da soja não acompanhou nem de perto o crescimento da inflação.

E para comprovar a péssima situação que anda o agricultor e a insuficiência dos recursos de crédito, ele conta o caso do seu sogro, o seu Armindo Kettelmann, que em 22 hectares colheu 1.200 sacos de sorgo. A colheita foi boa, mas na hora de acertar as contas faltou dinheiro:

— Nuns cálculos por cima, sem levar em conta juros e desgaste de máquinas, ele gastou na lavoura Cr\$ 493.400,00. O adiantamento deu Cr\$ 436 mil, o que vai dar prejuízo de Cr\$ 57.400,00. E o Governo ainda fala que o produtor tem de fazer a lavoura com recursos próprios. Mas da onde ele vai tirar o dinheiro, se está totalmente descapitalizado?

## Valores Básicos de Custeio (VBC) (em cruzeiros por hectare)

Faixa de produtividade (em kg por hectare)	Soja			Aumento real (em %)
	Irrigação Mecânica	Irrigação Natural	Demais Regiões	
Até 1.250	17.000,00			0,25
1.251 a 1.500	20.200,00			1,92
1.501 a 1.750	22.000,00			3,00
1.751 a 2.000	25.200,00			3,10
Acima de 2.000	27.000,00			0,50
<b>Arroz Irrigado Rio Grande do Sul</b>				
	Irrigação Mecânica	Irrigação Natural	Demais Regiões	
Até 2.800	40.100,00	33.400,00	37.800,00	7,28
2.801 a 3.400	47.300,00	38.200,00	44.300,00	7,01
3.401 a 4.000	56.400,00	45.200,00	52.700,00	3,60
Acima de 4.000	64.100,00	50.100,00	49.400,00	4,55
<b>Arroz Sequeiro</b>				
	Toco	Região SUDAM	Demais Regiões	
Até 1.000	9.500,00	12.800,00	12.700,00	8,81
1.001 a 1.300	12.600,00	17.600,00	16.000,00	—
1.301 a 1.600	14.200,00	22.700,00	20.600,00	—
Acima de 1.600	15.100,00	28.700,00	26.100,00	12,88
<b>Milho</b>				
Até 900			7.700,00	5,96
901 a 1.300			11.700,00	2,17
1.301 a 1.700			13.400,00	1,41
1.701 a 2.100			16.200,00	0,78
2.101 a 2.500			18.900,00	-0,20
2.501 a 3.000			21.800,00	-1,00
3.001 a 3.500			24.700,00	-2,47
3.501 a 4.000			32.800,00	—
Acima de 4.000			32.800,00	—
<b>Feijão</b>				
Até 400			8.700,00	12,88
401 a 600			18.200,00	3,31
601 a 800			20.700,00	0,01
801 a 1.000			24.900,00	0,07
Acima de 1.000			29.800,00	2,52
<b>Girassol</b>				
Até 1.800			21.900,00	9,28
Acima de 1.800			28.100,00	11,93
<b>Sorgo</b>				
Até 2.000			12.100,00	7,74
2.001 a 3.000			21.100,00	12,72
Acima de 3.000			23.700,00	12,10

## Que diferença

A Organização das Cooperativas do Rio Grande do Sul e mais a Cotrijui e a Fearroz (Federação das Cooperativas de Arroz) fizeram um estudo dos custos de produção. Com os números na mão apresentaram ao Governo os Valores Básicos de Custeio que seriam necessários para as próximas safras de verão. Só que os VBCs ficaram bem abaixo do que seria necessário para formar a lavoura a capricho.

Para a soja a reivindicação era de Cr\$ 29.365,33 na faixa mais comum de produtividade que vai de 1.751 a 2.000 quilos por hectare. O VBC, porém, foi fixado em Cr\$ 25.200,00 nesta faixa.

Para o feijão o VBC deveria ficar em Cr\$ 39.725,83 na faixa de produtividade superior a 1.000 quilos por hectare. O valor fixado, entretanto, foi de Cr\$ 29.800,00. Em outra faixa, dos 600 aos 800 quilos por hectare, a reivindicação era de Cr\$ 31.210,00, enquanto o VBC foi fixado em Cr\$ 20.700,00.

No milho a reivindicação era de Cr\$ 35.571,24. O VBC ficou apenas em Cr\$ 32.800,00 nas maiores faixas de produtividade, ou seja, aci-

ma de 3.500 quilos por hectare. Numa estimativa de colheita menor, entre 1.700 a 2.100 quilos, o pedido de VBC era de Cr\$ 28.502,68, e o concedido ficou bem abaixo disso: Cr\$ 16.200,00.

Também no arroz irrigado o financiamento vai ficar mais baixo do que o necessário. No lugar dos Cr\$ 67.658,31 solicitados para a faixa entre 3.400 e 4.000 quilos, o Governo concedeu apenas Cr\$ 56.400,00 para as lavouras com irrigação mecânica e Cr\$ 45.200,00 para as com irrigação natural.

Os mini e pequenos produtores — aqueles que tiveram uma renda bruta, no ano passado, inferior a 600 MVR, ou seja, Cr\$ 2 milhões e 443 mil — terão direito a 100 por cento do VBC. Os médios, aqueles que tiveram renda bruta entre 600 e 3.000 MVR, ou seja, até Cr\$ 12 milhões e 215 mil — receberão 80 por cento do VBC. Já os grandes produtores, com renda superior a 3.000 MVR, terão direito apenas a 60 por cento do VBC. Apenas no feijão todos os produtores, independentemente de tamanho, receberão 100 por cento do VBC.



O Dia do Colono deste ano amanheceu diferente para cerca de 10.000 agricultores gaúchos. No lugar de acordar cedo para se preparar para as tradicionais festas do 25 de Julho, este pessoal levantou de madrugada para pegar os ônibus que tinham por destino a Encruzilhada Natalino, no município de Ronda Alta. Ali, há mais de quatro meses, 570 famílias de agricultores sem-terra estão acampadas na beira da estrada, esperando uma decisão do Governo sobre seu assentamento em terras do Rio Grande do Sul.

A concentração na Encruzilhada Natalino foi a forma que a Fetag (Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Rio Grande do Sul), vários sindicatos de trabalhadores rurais e ainda entidades e sindicatos que reúnem trabalhadores urbanos, acharam que seria a mais correta para assinalar o Dia do Colono deste ano. "Não existem motivos para fazer festa", dizia o presidente da Fetag, o ijuiense Orgênio Rott, "só problemas para o agricultor".

O dia 25 de julho era o último prazo dado pelos colonos para que as autoridades dessem uma solução para o problema. Não veio a solução e saiu a concentração. Ali se protestou contra a situação da terra, da saúde e dos preços. No seu final a decisão de agora acampar em frente ao Palácio Piratini, em Porto Alegre, forçando uma decisão para este problema. Um problema que não é só dos colonos sem-terra da Encruzilhada Natalino, mas sim também de muitos colonos que hoje estão na terra, mas não podem afirmar, com certeza, se amanhã a situação será a mesma.

## NO DIA DO COLONO O PROTESTO PELA TERRA

Desde cedinho da manhã do dia 25 de julho começaram a passar ônibus e carros nos 17 quilômetros de estrada de chão batido que separam a Encruzilhada Natalino da cidade de Sarandi. Agricultores de vários municípios do Rio Grande foram levar seu apoio e sua solidariedade aos acampados. Alguns enfrentaram a distância também por curiosidade, para ver com seus próprios olhos a situação das 2.600 pessoas que, como vem sendo contado pelos

jornais, rádios e TVs, estão enfrentando o frio, as chuvas e a miséria na luta pelo direito de ter terra para trabalhar.

Aí pelas 10 horas da manhã a maioria das delegações já havia chegado. Começou então uma procissão que percorreu os 2 quilômetros de estrada onde foram levantados os barracos. Faixas e cartazes carregados pelos acampados falavam de sua luta:

"Queremos terra no Rio Grande do Sul".

"Se a terra for repartida o mundo será cristão".

"Terra sem povo: igual palácio sem Governo".

"A terra é para quem nela trabalha".

"Terra no Mato Grosso para os mato-grossenses, na Bahia para os baianos, no Rio Grande do Sul é para nós", isto numa clara posição dos acampados que não aceitam as propostas de serem levados para outros estados. Os colonos inclusive fizeram um levantamento, mostrando todas as áreas de latifúndios que existem no Rio Grande do Sul onde daria para assentar muitas das 200 mil famílias gaúchas de trabalhadores rurais que não têm sua própria terra para cultivar.

### A CRUZ E OS LENÇÓIS BRANCOS

O símbolo da procissão, porém, era uma cruz feita de troncos de árvores. Sobre ela estavam três lençóis brancos, representando as três crianças que morreram neste inverno ali no acampamento. O frio, as chuvas, as precárias condições de moradia, não permitiram que elas sobrevivessem ao inverno. Mesmo que cheguem alimentos, roupas e agasalhos enviados por sindicatos e entidades que estão apoiando a luta dos acampados, estas crianças não resistiram e acabaram morrendo.

De tempos em tempos a procissão parava. Os colonos gritavam seus protestos e suas exigências: terra no Rio Grande do Sul; terra para criar nossos filhos e não para negócio; terra para os trabalhadores e não para os que moram na cidade; terra em condições de pagar com o produto do nosso trabalho; mais assistência médica; que aqueles que estão contra os acampados venham ver a situação; que seja cumprido o Estatuto da Terra; que seja cumprido o segundo artigo deste estatuto, onde está dito "ser dever do poder público promover e criar condições de acesso do trabalhador rural à propriedade da terra economicamente útil e de preferência nas regiões onde habita".



Três lençóis brancos, três crianças mortas

# A Tribuna do Povo

O palco era a carroceria de um caminhão. Ali subiram colonos acampados e representantes de diversas entidades que estavam participando da concentração. Suas palavras, sempre no mesmo tom, eram de protesto contra a situação da agricultura brasileira, com críticas abertas ao modelo político e econômico que está provocando todos estes problemas no setor rural. Era a tribuna do povo, que teve como figuras mais aplaudidas os representantes dos acampados, o tesoureiro da Contag (Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura), o Francisco Urbano Araújo Filho, e ainda o declamador Adão Preto, que é lá de Miraguá e com seus versos claros bem retratou os problemas do agricultor.

Urbano, por exemplo, lembrou que esta situação dos acampados é a mesma de diversas outras partes do país, "porque a propriedade está concentrada e a política econômica é contra o povo". Para o tesoureiro da Fetag, que é do Nordeste do Brasil, "a única solução para os milhares de sem-terra é a Reforma Agrária, porque desapropriações de áreas isoladas servem apenas para apagar momentaneamente o fogo em determinados locais, sem resolver o problema integralmente". Ele ainda falou que a proposta oficial de levar estes acampados para o Mato Grosso não é uma proposta séria:

— Como levar gaúcho para lá se o pessoal daquela região também está sendo expulso da terra? Que terra querem dar para os gaúchos?

## DESPREGA OS OLHOS DO CHÃO

Já o Adão Preto foi tão aplaudido na sua apresentação que precisou permanecer na carroceria do caminhão e recitar uma trova. Primeiro, numa canção, ele contava os problemas dos colonos numa rima bem feita que dizia por exemplo, "Justiça para quem merece, e terra para quem trabalha". Depois ele recitou uns versos que já ficaram famosos na época do confisco, de uma poesia que ele mesmo fez e se chama "Colono, desprega os olhos do chão". Um dos versos é assim:

— E a tal da Reforma Agrária/Que é tanto comentada/Quantos políticos se elegeram/ Falando na lei sagrada?/Pois faz mais de quinze anos/ Que esta lei foi aprovada/ Mas não se aplica na terra/Está sempre engavetada/De tanto estar nas gavetas/Deve estar embolorada.

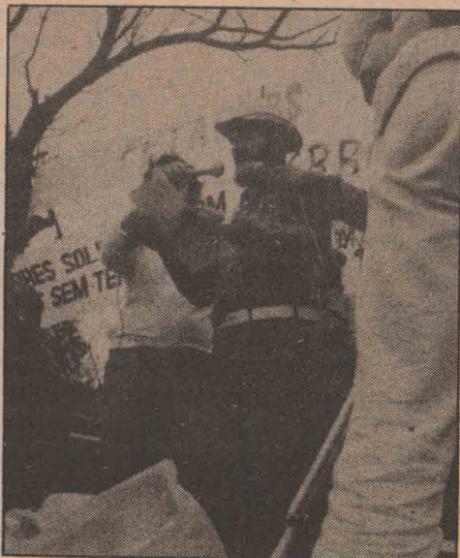
## QUEM É VAGABUNDO E LADRÃO?

Quem mais falou, foi Antoninho Campignotto, representante dos acampados. Num discurso bem preparado — e que ele até levou para ler para não esquecer, na emoção, qualquer coisa que fosse importante — ele tocou em tudo quanto é problema que os sem-terra da Encruzilhada Natalino já enfrentaram nestes quatro meses:

— A gente nem sabe como responder as infâmias de quem nos chama de ladrão e criminoso. Mas tem muito mais criminoso e ladrão de gravata do que aqui no acampamento. Nos chamam também de vagabundo. Mas vão ver lá com nossos patrões quem subia no trator e quem tem calo na mão. Perguntem aos índios da reserva que



Adão Preto: terra para quem trabalha



Antonio Campignotto: aqui tem terra

cultivava a terra, perguntem aos nossos pais se não queremos trabalhar. Pobre sem terra é vagabundo, rico jogando no clube é vocação. Convidamos a quem nos acusa que venha passar uma noite para saber como passa este povo.

Antoninho colocou muito claro que eles não aceitaram o caminho que muito outro agricultor se viu forçado a tomar: ir para as cidades e viver nas favelas, se marginalizar:

— Quando se vai para a favela não aparece o problema, parece que está tudo resolvido.

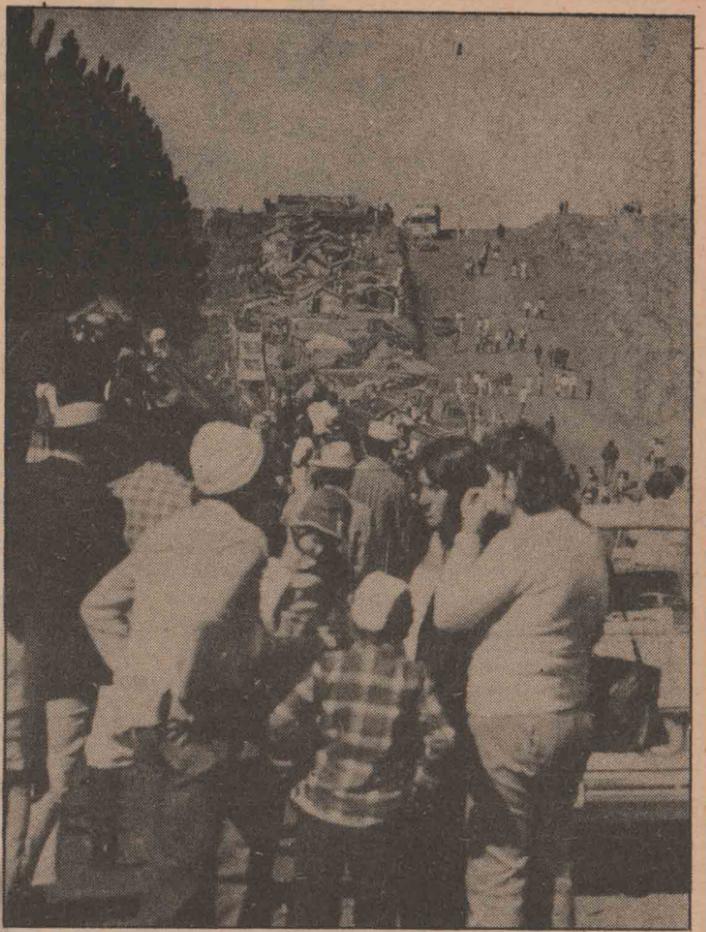
## ACAMPAR AGORA NO PALÁCIO

Ele deixou bem claro também que ninguém está pedindo terra de graça, mas sim terra que se possa pagar com as colheitas que forem feitas, com o trabalho de suas mãos. E se pede também terra no Rio Grande do Sul por saber que aqui existe terra para os colonos:

— Só nesta região tem mais de 50.000 hectares mal cultivados que deveriam ser desapropriados e divididos para famílias sem-terra. Como não tem terras no Estado?

Foi Antoninho também quem falou da decisão tomada pelo movimento dos sem-terra: acampar desta vez na frente do Palácio do Governo, em Porto Alegre. "Mas nos acompanhem", pediu ele a todos os que participavam da concentração, "que não suportamos mais esta situação. É um movimento não só de nós que estamos acampados, mas de todos colonos. Nossa união vai fazer o mundo mais bonito".

São dois quilômetros de barracos na beira da estrada



## A Igreja não pode virar as costas

"A semente foi lançada hoje na Encruzilhada Natalino, mas temos que chegar à colheita" dizia D. Thomás Balduino, bispo de Goiás Velho, durante a missa que encerrou a concentração do Dia do Colono. Antes da missa o bispo tinha visitado barraco por barraco e se inteirado da situação dos sem-terra, e disse que "a Igreja não pode virar as costas para este problema". Na celebração da missa ele contou com o auxílio dos acampados.

A leitura do Evangelho abordou o milagre da multiplicação dos pães, comparado por ele como "o mesmo milagre destas barracas. O alimento que recebemos aqui é graças à solidariedade. É o fraco acreditando no fraco e o pobre buscando forças com o pobre. Aqui a nossa esperança nasceu. Muitos vieram por curiosidade, mas saíram daqui convertidos".

D. Thomás fez também um apelo no sentido de que "precisamos nos comprometer com os irmãos, mas não só no apoio em acampar no Palácio. Este povo quer a terra, só acredita no dom da terra, que é dom de Deus".

## CANTOS E SÍMBOLOS

A missa foi com muito canto, com músicas dos colonos, que eram cantadas bem alto por todos, inclusive as crianças, que sabiam de cor as letras e melodias. Os de fora podiam se guiar pelas letras distribuídas durante a manhã. Uma delas, o hino oficial dos acampados, chamado "Caminhando para a luta", diz no seu início:

Vamos lutar irmãos, vamos lutar/Vamos lutar pra defender nosso chão/Vamos



D. Balduino: nossa esperança nasceu

lutar irmãos, vamos lutar/Pra conquistar a terra do tubarão.

Pois esta luta não está sendo fácil/Vamos lutar com muita confiança/Só não podemos é deixar morrer/Nossa alegria e esperança.

O final da missa foi o ofertório, quando os acampados levaram ao altar — feito toscamente de bambu — os símbolos de sua luta:

— A cruz com três panos brancos, lembrando as três crianças mortas.

— Um feixe de varas, que significa a força da união.

— Uma panela vazia, mostrando a miséria dos acampados.

— Um saco de terra, o símbolo do desejo de conquistar a terra e trabalhar.

## Colonos em Porto Alegre

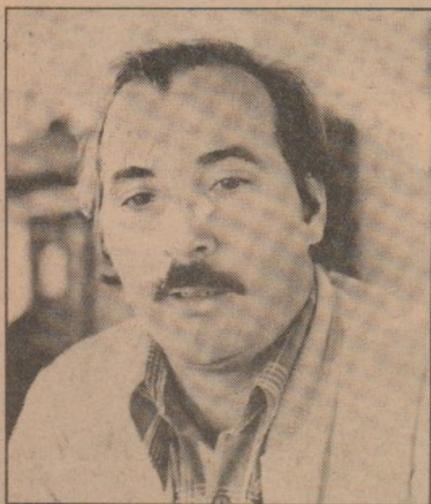
Na terça-feira, dia 28, quatro ônibus de colonos da Encruzilhada Natalino foram até Porto Alegre. Mesmo que não tenham ainda conseguido montar seu acampamento em frente ao Palácio Piratini — no que foram impedidos pela Secretaria de Segurança, que só permite concentrações públicas em dois outros locais da capital — eles prometem dar ainda um prazo de 15 dias para que seu problema seja solucionado. Enquanto isto não acontecer, não arredam o pé da cidade.

# A BOA PRODUTIVIDADE TEM LÁ SEU SEGREDO

Durante muito tempo o milho foi considerado uma cultura secundária dentro da propriedade, usado mais no trato dos animais do que como fonte de renda direta do produtor. Por esta razão, era comum o costume de se escolher a pior área dentro da propriedade para semear o milho, em zonas com muita declividade e sujeitas à erosão.

"Felizmente", diz o Antonio Vieira dos Santos, agrônomo do Departamento Técnico da Unidade Santo Augusto, "essa mentalidade vem mudando bastante de uns dois anos para cá. Isto em função da melhor produtividade que vem sendo conseguida e também pela melhora nos preços. Hoje, o produtor já anda escolhendo boas áreas e empregando alguma tecnologia na lavoura".

E o saber plantar o milho é muito im-



Antonio dos Santos: o segredo na uréia

portante no resultado final da colheita. É que a cultura é bastante exigente, requerendo um bom preparo do solo e muita adubação. A planta também não produz, por exemplo, se implantada em solos encharcados.

## ADUBAÇÃO

Como o milho extrai uma grande quantidade de nutrientes do solo, é necessária uma adubação correta para que a produção chegue a um bom resultado. Esta adubação é feita de acordo com os resultados da análise de solo, que vai dizer quais os nutrientes e em que quantidades serão precisos para o bom desenvolvimento da planta. Mesmo que existam estes nutrientes no solo é necessário fazer a adubação, como conta o agrônomo, para que no ano seguinte o solo continue apresentando condições de produção. O adubo deve suprir essa retirada de nutrientes, mantendo a fertilidade do solo.

Para uma produção média de 4 mil quilos por hectare, a recomendação é que o produtor use em torno de 250 quilos de adubo por hectare. "Neste caso", explica o Antonio, "também deverá ser feita, em cobertura, uma aplicação de uréia, na base de 60 quilos por hectare".

É sabido que o milho responde muito bem a uma adubação e a uma cobertura de uréia ou sulfato de amônia bem maior.

Um produtor pode muito bem chegar a uma produção de 5 a 6 mil quilos por hectare se fizer uma adubação com uns 300 quilos de adubo e uma cobertura de uréia em torno de 100 quilos por hectare, desde que as demais práticas sejam seguidas corretamente e não falte água.

O Antonio garante que um dos segredos da produção de milho está na cobertura de uréia. Essa uréia pode ser aplicada na forma parcelada. A primeira metade é aplicada 45 dias após a germinação e a outra metade uns 15 ou 20 dias depois da primeira aplicação.

## QUANDO SEMEAR

A época de semeadura do milho também é muito importante. As variedades precisam ficar ajustadas à melhor época de plantio, pois é certo que a temperatura tem uma grande influência no desenvolvimento da planta. Uma variedade do tarde, por exemplo, nunca deve ser plantada no cedo.

Variedades precoces têm sido bastante utilizadas, principalmente se o produtor gosta de fazer duas culturas de verão numa mesma área, embora isto não seja recomendável pelo excessivo trabalho do solo. Mesmo correndo o risco de enfrentar uma geada, o produtor planta o milho logo nos primeiros dias de agosto, embora a recomendação dos técnicos é de que o plantio aconteça nos primeiros dias de setembro, até o máximo novembro. Segundo o Antonio essa é a época ideal:

— Um atraso na época de plantio, se der uma falta de chuva, pode ocasionar um decréscimo na produtividade.

O milho pode ser plantado de duas formas: em linhas ou em covas. No primeiro caso, coloca-se em torno de 5 a 7 sementes por metro linear. As distâncias entre uma linha e outra, variam de 80 centímetros a um metro. Já o plantio em covas é manual e feito com o uso do saraquá. Por esse método, coloca-se de duas a três sementes dentro de cada cova, distante uma da outra a 40 centímetros. A distância entre as linhas também fica entre 80 centímetros a um metro. Para garantir uma boa produtividade, e levando-se em conta a quantidade de adubo na lavoura, o melhor é ter uma densidade de 50 mil pés por hectare.

Também pode ser cultivado nas for-

mas "solteiro" e "consorciado". No primeiro caso a lavoura é ocupada única e exclusivamente pelo milho. Na forma consorciada planta-se uma outra cultura, que tanto pode ser a soja, como o feijão ou a mandioca, entre as fileiras de milho. No caso do produtor consorciar o milho com a soja, a semeadura da soja deve ser feita um mês após a semeadura do milho, na ocasião dos primeiros tratos culturais dispensados à lavouras.

## INÇOS E PRAGAS

Logo após a germinação, os inços estabelecem uma concorrência muito grande com o milho. Para terminar com os inços que infestam a lavoura, o produtor pode utilizar herbicidas ou então a capina mecânica. Antes da aplicação de qualquer herbicida é preciso identificar a invasora. Se for gramínea se utiliza, seguindo sempre a orientação técnica, herbicida para folhas estreitas, com o cuidado de que muitos destes também matam o milho, que também é folha estreita. Para combater outros tipos de invasoras existe o herbicida de folhas largas. A dosagem deve ser de acordo com o tipo de solo, intensidade da infestação e época da aplicação.

Apesar do herbicida ser largamente utilizado no combate às invasoras, o Antonio recomenda o uso da capina. Através da capina, além de eliminar os inços, o produtor pode fazer um aconchego de terra junto à planta, oferecendo, portanto, maiores condições de enraizamento. "A capina não tem época certa. Pode ser feita quantas vezes a lavoura estiver inçada", diz o Antônio.

O milho não é uma cultura que enfrente sérios problemas de pragas. "Geralmente não se recomenda nenhuma aplicação de inseticidas no milho", diz o Antonio. As ocorrências de pragas são bastante pequenas. Às vezes aparece alguma "broca do solo", "broca de raízes", lagartas ou fede-fede, sem prejuízos maiores para a lavoura.



O milho é planta exigente em solo, adubação e água

## O cuidado com o solo

Uma prática que também tem apresentado bons resultados na cultura do milho é a do plantio direto. Isto quem conta é o agrônomo Rivaldo Dhein, coordenador da área de solos do Departamento Técnico da Cotrijuí. Ele conta que nos Estados Unidos, por exemplo, existem produtores plantando milho há 20 anos, sempre em plantio direto, e sem maiores problemas.

Como a planta é muito exigente em umidade, tem pouca resistência à seca e ainda expõe muito o solo à erosão, "é recomendável que o solo não seja revolvido tão

intensamente", explica o agrônomo. A resteva da cultura anterior deve permanecer na superfície do solo, para que a água da chuva seja melhor aproveitada. Desta forma, no lugar de escorrer na superfície, a água penetrará no solo, onde ficará armazenada para ser aproveitada durante todo o ciclo da cultura. É também muito importante como lembra o Rivaldo, "que na fase do pendoamento, quando a exigência de água é bem maior, não falte umidade na terra, pois o rendimento ficará seriamente comprometido".

## A dependência do híbrido

O milho híbrido tem um potencial de produção muito grande, chegando a produzir em torno de 30 por cento a mais do que os milhos comuns, nas mesmas condições de solo e clima. "Mas nem mesmo assim o produtor está sabendo aproveitar muito bem essa potencialidade do milho híbrido", lamenta o Luiz Volney de Mattos Viau, agrônomo do Departamento Técnico da Cotrijuí, Ijuí. O híbrido plantado com uma tecnologia bem aplicada, pode produzir até 10 toneladas por hectare, "no entanto o produtor anda produzindo em média duas toneladas por hectare", diz o Volney. O grau de tecnologia aplicado na lavoura de milho, se comparado com outras culturas que nem o trigo ou a soja, tem sido o responsável pelo mau aproveitamento da grande potencialidade do híbrido.

Um pouco é por causa da tecnologia. Outro pouco por causa da dependência do produtor em ter que andar comprando semente todo o ano, pois o híbrido perde parte de sua capacidade de produção se continuar sendo plantada a mesma semente. E é exatamente por isto que alguns Institutos de Pesquisas andam trabalhando em

cima de outras variedades que não híbridas. A intenção é fazer com que o produtor, através de uma orientação técnica, tenha condições de produzir a semente em casa mesmo.

"O produtor se livraria um pouco da dependência do híbrido, embora se saiba que não existe variedade que produza tanto quanto o híbrido, tal é o aprimoramento do seu material genético", explica o Volney. Mas assegura que já existem variedades que produzem mais ou menos a metade do que produz um híbrido, o que seria bastante vantajoso, na medida em que não fosse necessário ter de andar comprando sempre semente. "Muitos produtores já andam cultivando algumas variedades crioulas, que precisam apenas de um trabalho de pesquisa que melhore as suas qualidades genéticas, para que rendam uns 20 ou 30 por cento a mais do que estão rendendo". Não que o produtor tenha que deixar de plantar o híbrido, mas sim oferecer condições para obter respostas da planta. Não adianta também plantar só o híbrido, se não existem condições de explorar toda a sua potencialidade.

# O CAPRICHOSO CONTA PONTOS

Proprietário de 40 hectares na Linha 14 Norte, Ajuricaba, o seu Teobaldo Fuhrmann anda louco de satisfeito pela quantidade de milho que colheu na safra passada. Plantou 25 hectares, e duvida que alguém, pelas redondezas, tenha colhido tanto milho quanto ele. Fechou a lavoura com uma média de 154 a 155 sacos, o que vai dar uma produtividade de mais de 8 mil quilos por hectare. Ele conta o segredo de tanta produção:

— Colhi bem, mas também dei uma caprichada grande, que o milho precisa mesmo é de capricho. E isso que a lavoura recebeu só uma passada de uréia, por causa de que a família ficou toda gripada e não me fio muito em peão para passar uréia na lavoura. Tivesse passado duas vezes, tinha dado muito mais.

As recomendações do seu Teobaldo para uma boa produção de milho começam ainda no preparo do solo. Diz ele:

— Milho precisa ser cultivado e não jogado à toa. Tem que ter muito cuidado no preparar a terra. Trator só uso para passar a grade e depois o pé de pato, que vai bem no fundo para rasgar a terra. Depois não entra mais trator na lavoura que é para a terra não batumar.

A semeadura é toda feita com tração animal. Quando o milho começa a crescer, o seu Teobaldo já trata de passar uréia. Em seguida, ele entra com a carpideira, também puxada com tração animal, e vai en-



Teobaldo Fuhrmann: caprichando muito

## A euforia já preocupa

A propaganda que vem sendo feita sobre as vantagens de produzir milho começa a preocupar. O receio é que os produtores se joguem de corpo e alma nesta cultura e passem a depender extremamente das empresas que produzem a semente. Outro problema também é mercado, pois o aumento na oferta tende a aviltar o preço do produto.

Este tipo de preocupação apareceu com insistência durante o I Consoja, que aconteceu em Campo Grande no período de 13 a 17 de julho (veja matéria na página 18). Falaram sobre ela o presidente da CNA (Confederação Nacional da Agricultura), Flávio Brito; o representante da Agricultura junto ao Conselho Monetário Nacional, Mário Stadler de Souza; e Ruben

costando a terra nas carreiras de milho. "Encostando a terra, o milho agüenta bem a seca e pode vir bastante sol que não dá prejuízo", garante o seu Teobaldo.

Para este ano, os planos do seu Teobaldo são de plantar mais de 25 hectares de milho, mas financiados serão apenas 8 hectares, "pois é melhor se virar por conta". Vai aproveitar também para fazer uma experiência: plantar milho de dois ciclos de maturação. Ele diz:

— No lugar de plantar soja no meio das carreiras de milho, vou plantar variedades de ciclo diferentes.

### O SEGREDO NA ADUBAÇÃO

Os irmãos Milton e Ângelo Mariotti, proprietários de 1.200 hectares no Rincão do Turvinho, em Coronel Bicaco, foram os primeiros a plantarem o milho pelas redondezas. A primeira lavoura, de 100 hectares, foi feita em 77. Desde lá, eles só têm procurado aumentar a área. Na última safra, plantaram 150 hectares, com uma produção por volta de 80 sacos por hectare.

O segredo de uma boa produção de milho, segundo os irmãos Mariotti, está principalmente na adubação da lavoura. No ano passado, numa parte da lavoura eles usaram 30 mil quilos por hectare de adubação orgânica — esterco misturado com água — e ainda mais 150 quilos por hectare de adubo químico. Na parte em que não foi nada de esterco, foram usados, em cada hectare, uns 300 quilos de adubação química e ainda mais 100 quilos de uréia. Diz o Ângelo:

— O milho só dá bem se a terra for bem corrigida e tiver uma boa adubação, seguida de cobertura de uréia. Se o tempo corre bem, também ajuda bastante a produção.

A lida de milho na propriedade dos Mariotti é toda mecanizada, desde o plantio até a colheita. Em vez de capina, porque a lavoura é grande, se usa o herbicida.

Madrugadores que são, mesmo correndo o risco de pegarem alguma geadinha braba, os Mariotti começam a plantar o milho logo no início de agosto, para colher nos primeiros dias de janeiro. Logo em seguida é feito o plantio da soja ou do feijão, "as-

Ilgenfritz da Silva, presidente da Cotrijuí.

A colocação de Ilgenfritz foi no sentido de se tentar descobrir "se é um anjo ou um demônio quem está fazendo propaganda do milho", e que se avalie com clareza quais as intenções deste incentivo ao aumento de área plantada com esta cultura. O receio é que se embarque em outra canoa furada, onde quem vai se afogar é o produtor.

Tanto Flávio Brito quanto Stadler falaram da preocupação na dependência da tecnologia importada, pois apenas as multinacionais detêm as matrizes para a produção de sementes de milho híbrido. Para continuar plantando, o produtor precisará estar amarrado e comprometido com estas empresas.



Os irmãos Mariotti: madrugar e plantar no cedo

sim, fazemos duas culturas de verão num mesmo período", diz o Milton.

### A TERRA NÃO É BOA

Em Formigueiro, Augusto Pestana, o seu Biágio Menegol plantou 4 hectares de milho e conseguiu colher por volta de 65 sacos por hectare. O seu Biágio conta porque a produção andou meia baixa:

— A terra só não produziu mais porque era muito ruim. Pura terra de campo. Só de adubo gastei uns 5 sacos por hectare e quase nem adiantou. Quando a terra é de colônia não precisa tanta adubação.

Bem na época em que o milho começou a alcançar uns 80 centímetros de altura, o seu Biágio fez uma cobertura de uréia. O milho estava amarelado e, depois da cobertura, se recuperou logo.

Mesmo que esteja sujeito a enfrentar alguma geadinha, o seu Biágio prefere plantar o milho bem no cedo, como ele diz:

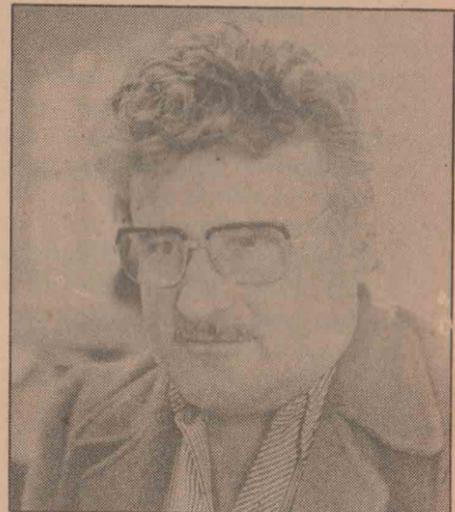
— No ano passado levei um susto grande. Aquela geadinha de 18 de setembro deu uma boa sapecada no meu milho, mas sorte que ele reagiu bem. Não gosto de plantar no tarde. Já andei experimentando, mas me convenci de que o milho que dá melhor mesmo é o de agosto.

### AJEITAR QUALQUER TERRA

"Uma lavoura de milho não se faz de uma hora para a outra", garante o seu Canísio José Welter, proprietário de 12 hectares na Linha São Francisco, São Martinho. Na sua lavoura de milho, de 5 hectares, vai um tanto de adubo orgânico e outro de químico. O esterco é colocado duas vezes por ano, uma vez quando a lavoura está sendo preparada para uma outra cultura e, depois, quando chega a vez do milho. Ele conta o quanto põe de esterco na lavoura:

— Sempre procuro caprichar bem a minha terra, pois não acredito em terra que não dá prá ajear. Ando sempre colocando um pouco de esterco nas minhas lavouras. Só na de milho, de cada vez que passo, uso uma base de 12 mil quilos por hectare. Aí então, só aplico uns 150 quilos de adubo químico por hectare. Quando eu aplico só o adubo químico, vai uns 300 quilos.

Para experiência, o seu Canísio plantou uma área de 9000 metros quadrados só com adubação orgânica e garante que foi muito bem. "Colhi uns 60 sacos nessa área,



Biágio Menegol: teve azar com a terra



Canísio Welter: não ajudar multinacionais

sem nada de adubação química ou cobertura de uréia". Ele atribui um pouco da produção alta ao tempo que correu muito bom. Ele fala:

— O milho é uma planta que corresponde fielmente a qualquer adubação. Não sei de outra planta que se compare ao milho em produção e em respostas. Gosto da adubação orgânica porque tenho uma boa produção, não tenho custos elevados na lavoura e ainda não estou ajudando as multinacionais ficarem mais ricas.

Também não gosta de aplicar herbicidas nas lavouras. Prefere fazer capinas e garante que todo o bom produtor deve fazer tantas capinas quanto o milho necessitar. "A capina é bom porque mexe com a terra. O pior é deixar o inço tomar conta". De dois em dois anos, o seu Canísio tem por hábito mudar a área de milho.

# MATO QUE TE QUERO MATO

As lavouras de trigo e de soja derrubaram quase tudo quanto era mato que existia por esse Rio Grande afora. O que contava era expandir as lavouras e a derrubada das matas deixava novas áreas livres para o plantio. E tanto foi o desmatamento que quase nada sobrou. Logo no início da colonização, a área da Região Pioneira era quase 100 por cento coberta de matos. Hoje já não existem nem 7 por cento dessa cobertura florestal. Os municípios de Ijuí, August Pestana, Ajuricaba, Coronel Bicaco, Tenente Portela, Braga e Miraguaí eram puro mato. Apenas os municípios de Tupanciretã, Santo Augusto e Chiapetta, apresentavam algumas zonas de campo aberto.

As conseqüências desse desmatamento vão desde o desequilíbrio ecológico até ao desaparecimento de algumas espécies nativas e até mesmo de animais. Foi preciso que muita coisa começasse a cair fora de época, que muita erosão andasse abrindo sulcos por muitas coxilhas e várzeas, que a madeira desaparecesse do Estado, que o ratão, a paca e muitos outros animais não fossem mais vistos, para que os próprios agricultores se dessem conta de que é preciso fazer alguma coisa para que a situação não se agrave ainda mais. Está na hora de plantar de tudo e um pouco, desde a pitangueira, o sete-capotes, o araticum, a timbaúva, a jaboticabeira. . .

Se fala muito em reflorestar, em plantar espécies nativas nos mesmos lugares de onde foram tiradas. Mas de saída, qualquer reflorestador já tropeça na falta de informações ou pesquisas que tragam dados concretos a respeito do desenvolvimento de uma árvore nativa. Tudo o que existe foi tirado de observações técnicas das matas ainda existentes.

"Quase nada sabemos a respeito da produção de mudas e do desenvolvimento das nativas. O mais difícil é que uma pesquisa para tirar alguma informação correta não se faz em um ou dois anos", assegura o Nilo Rubem Leal da Silva, engenheiro florestal do departamento técnico da Cotrijuí. É preciso de 40 a 50 anos ou mais de pesquisa, pois o ciclo vegetativo dessas espécies é mais longo e completamente diferente do ciclo de uma planta anual. "Tem que ser uma pesquisa de geração para geração", completa o Nilo.

Ao lado da falta de informações, as espécies nativas apresentam um crescimento mais lento, se comparadas, por exemplo, ao eucalipto. O grau de produção de sementes é bastante baixo em relação às espécies exóticas, como o pinus e o eucalipto, e a germinação de determinadas espécies é difícil e demorada. "E ainda não temos informações concretas sobre o espaçamento mais aconselhável para o plantio das mudas e nem respostas de crescimento".

## USANDO O EUCALIPTO

Nesse tempo todo, o produtor



A derrubada das matas para expandir as lavouras

tem procurado suprir o desaparecimento de grandes matos nativos com matos de eucaliptos, de crescimento bastante rápido, mas de uso bastante restrito. Foi o eucalipto que andou produzindo muita lenha e até madeira em curto espaço de tempo. O Nilo concorda que realmente uma mata de eucalipto tem o seu valor, que não é só econômico. "É o eucalipto, apesar de ser uma essência exótica, que tem preservado as poucas matas que ainda sobram". O eucalipto tem sido a grande opção de florestas de utilização rápida. "Nem por isso", diz o Nilo, "o agricultor vai deixar de lado as nativas, mesmo sabendo que é preciso paciência para enfrentar um crescimento um tanto lento e com um rendimento comercial em médio espaço de tempo".

## REGENERAÇÃO NATURAL

Matas nativas, além de garantir um abrigo para a fauna, são importantes para o desenvolvimento da flora inferior — samambaias, avencas e arbustos. Essa flora inferior é a grande responsável pela recuperação dos solos, na medida em que adiciona matéria orgânica, evitando a erosão e contribuindo na infiltração de águas nas matas, que terminam por alimentar, com água pura, as vertentes que descem aos riachos e grandes rios.

Uma área já desgastada pelo uso na agricultura e que fica em pousio, pode ir aos poucos se recuperando e até ser responsável por uma futura mata nativa. Depois de algum tempo de abandono, começam a aparecer as primeiras espécies conhecidas como "precursoras", como a aroeira, o timbó, o vassourão, o fumo-bravo, o branquilho, o guamirim, o camboatá, a pitangueira, o sete-capotes. . . , que têm a função natural de preparar o solo para outras nativas. "As espécies precursoras", garante o Nilo, "são espécies que se adaptam perfeitamente

em solos pobres e com erosão". É através dessas precursoras que começa a regeneração natural de uma área em abandono.

## ESCOLHER CERTO

Na hora de reflorestar com nativas, a primeira coisa que um produtor tem que fazer é escolher as espécies de acordo com o solo. Depois de adequadas as mudas ao tipo de solo, o segundo passo é preparar a área onde elas serão introduzidas. O produtor deve ter o cuidado de preparar bem o solo com matéria orgânica, que tanto pode ficar espalhada por toda a área ou então, o que é o melhor, apenas nas covas. "O agricultor", lembra o Nilo, "deve levar em conta que a maioria das nativas ne-

cessita de uma cova com terra de boa qualidade. Existindo um bom enraizamento inicial, a muda terá um bom desenvolvimento aéreo".

É muito comum acontecer de uma muda não apresentar um bom desenvolvimento, o que desestimula o reflorestador. "Pode acontecer de uma muda não morrer, mas cresce muito pouco ou quase nada". Geralmente ocorre quando a cova é muito pequena. A adubação orgânica, por sua vez, vai fortalecer a muda, pois conserva a umidade do solo, a fertilidade e uma temperatura estável durante todo o ano, além de melhorar as qualidades físicas e químicas do solo, contribuindo para o crescimento normal das espécies.

## Plantio sem novidades

Normalmente o plantio de mudas nativas segue o mesmo sistema do plantio de outras mudas. É preciso uma cova bem feita e muito bem adubada com matéria orgânica, de profundidade suficiente — no mínimo 30 centímetros — para que a raiz tenha condições de se desenvolver normalmente. O plantio deve acontecer no período chuvoso, mais propriamente nos meses de junho a setembro, sempre obedecendo um espaçamento em torno de quatro metros de distância de uma muda para a outra. A limpeza da área onde foram plantadas as mudas, geralmente não é necessária, pois as ervas que cobrem o solo são anuais, desaparecendo após o seu ciclo. E as nativas sempre necessitam de uma certa concorrência para crescerem em altura. "Uma cobertura vegetal, mesmo que seja de ervas daninhas, protege o solo contra os pingos da chuva e evita a erosão", ressalta o Nilo. Por outro lado, quando essa vegetação morre, ela adiciona a matéria orgânica ao solo.

## SEMENTES E MUDAS CASEIRAS

Fazer mudas em casa mesmo é bastante fácil. Basta apenas colher algumas sementes de espécies nativas que ainda res-

tam pela propriedade. É aconselhável conservar muito bem a época do amadurecimento dos frutos para que a semente seja colhida na hora certa. Para a boa germinação da semente, a melhor coisa é uma terra de mato. As mudas podem ser produzidas em embalagens — latas, canudos ou sacos plásticos — ou com raiz nua (semeada no chão). No caso da muda de raiz nua, basta fazer a semeadura no solo preparado, e não precisa arrancar as mudas, fazendo o plantio no lugar definitivo. As espécies mais aconselháveis, neste caso, são o cedro, timbaúva, canafístula, canjerana, caroba, angico, louro, açoita-cavalo, guajuvira. . . As mudas nativas frutíferas devem ser produzidas em embalagens, colocando-se uma ou duas mudas em cada embalagem.

No caso das sementes serem produzidas que nem a da timbaúva, canafístula, canatinga, grábia entre outras e, portanto, apresentarem uma germinação demorada, precisa escarificar a semente ou então deixar em água quente, até que esfrie, para que haja um amolecimento do tegumento externo, o que faz com a germinação seja mais rápida e parelha.

# Muita coisa já mudou: água limpa, menos vento...



Lauro e Maria Rovena Fritzen: pensando nos netos

Pensando nos netos e bisnetos, o seu Lauro Fritzen e a dona Maria Rovena, da Linha Modesta (Chiapeta) decidiram há seis anos atrás, reflorestar as beiradas dos rios, vertentes e várzeas descampadas com espécies nativas e também exóticas. Tanto o seu Lauro como a dona Maria Rovena sabem que não poderão aproveitar muito bem o que estão fazendo, "mas queremos que nossos bisnetos corram nas beiras dos rios e comam frutos saudáveis".

Nesses seis anos já foram plantadas umas 24 mil mudas — a maioria é eucalipto — "que se desenvolve mais rápido". Mas já foram plantados muito angico, guajuvira, canafístula, pitangueiras, araticum. . . — O angico meio desiludiu o seu Lauro, "que não sai nunca do chão" e ele não quis mais saber de plantar. "Plantei umas 3.500 mudas e acho que não tem 2.000".

## MUITA MUDA DE CASA

Muita muda de essência nativa é preparada em casa mesmo, pela dona Maria Rovena, que aproveita a sombra do parreiral que tem no fundo do quintal para fazer as mudas. Só no ano passado, ela fez umas 500 mudas de uva do Japão — que dá muita lenha boa e os frutos servem de alimento para os pássaros. "Tenho um pé de uva do Japão em casa, então é só colher as sementes e semear. Depois é só espalhar as mudas por toda a propriedade, nas áreas onde não se usa para lavoura". E assim, todos os anos, a dona Maria Rovena prepara uma porção de mudas de araticum, pitangueira, erva-mate, ameixa de inverno. . . O seu Lauro, por sua vez, procura mudas pelos matos. Ele tem certeza que já andou plantando mais de 300 mudas de cada nativa que predomina pela região. E pretende continuar

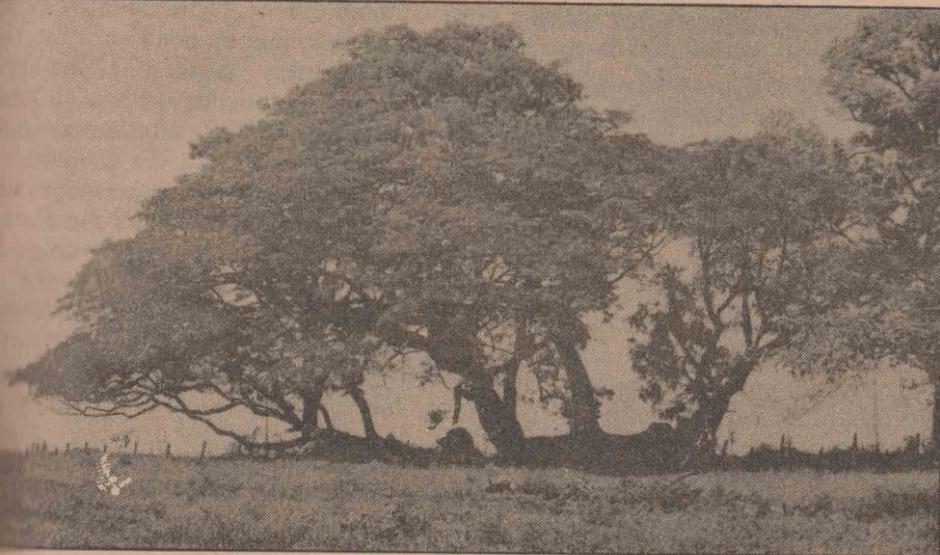
com isto, até que todas as áreas à sua volta, que não estão sendo utilizadas para a agricultura, estejam reflorestadas.

Embora os resultados do reflorestamento ainda não apareçam a olho nu, com diz o seu Lauro, muita coisa já mudou. Por exemplo, a água da vertente, onde estão plantados angicos, canafístulas, pitangueiras. . . já está ficando limpa.

— Sempre que chovia, a água trazia terra da lavoura e atulhava a sanga. Agora, de tão limpa, já dá prá ver os peixes na água.

Os vizinhos do seu Lauro, que moram do outro lado da vertente, também estão tirando proveito da pequena mata que recém está querendo se formar.

— Os vizinhos andam bem faceiros, porque agora não tem tanto vento, como tinha até alguns anos atrás, que um mato também é um bom quebra-vento.



A timbaúva se adapta bem a solos profundos e férteis

## Em cada canto uma espécie

As áreas que devem ser reflorestadas são aquelas que apresentam afloramentos de rochas, terrenos pedregosos e de difícil mecanização, terrenos inclinados, ao redor de vertentes e de açudes, nos costados de rios e riachos. Nessas áreas, onde a produção agrícola é baixíssima, a cobertura florestal deve ser permanente.

Nas beiradas dos rios e vertentes, o Nilo recomenda o plantio de espécies frutíferas de folhas perenes, que nem o araticum, a guabiroba, a uvaia, a pitangueira, o ingá, o tarumã, a cerejeira. . . , que ajudam a proteger o solo, servem de abrigo para os animais e ainda seus frutos alimentam os peixes e pássaros.

Mas para que tudo dê certo, é preciso, em primeiro lugar, adequar as espécies aos tipos de solo. Tem espécies, como a bracatinga, que se dão muito bem em solos pobres e secos. Já a timbaúva é uma espécie que apresenta um desenvolvimento muito bom em todos os tipos de solos. Só não se acerta em solos úmidos.

Espécies nativas frutíferas recomendadas para o plantio em margens de cursos d'água, açudes e vertentes, servindo de alimentos para a fauna e ainda consideradas árvores melíferas.

### OS SOLOS ADEQUADOS

Em solos úmidos, ao longo de cursos de água, ao redor de vertentes e açudes, o reflorestador pode plantar tranquilamente o açoita-cavalo, o tarumã, a farinha-seca, o marmeleiro, o branquilha, a pitangueira, a guabiroba, o ingá, as canelas, a guajuvira, o angico, a jaboticaba, a uvaia, entre tantas outras. Já a timbaúva, o guatambu, a canela-de-veado, a cabreuva, e mais ainda o angico, preferem solos pedregosos e úmidos, com afloramentos de rochas.

Já o louro, o cedro, a canafístula, a canjerana, a caroba, o pinheiro brasileiro, o camboatá, a grábia, a timbaúva, a cereja, a erva-mate e o alecrim são nativas mais exigentes, que preferem solos profundos, bem drenados e férteis. Em solos secos e sem fertilidade, adaptam-se bem a timbaúva, o timbó, a aroeira e a bracatinga.

As tabelas abaixo mostram as espécies de rápido, médio e lento crescimento, com os tipos de solos que melhor se adaptam, e qual o aproveitamento de cada espécie.

### RÁPIDO CRESCIMENTO

ESPÉCIE	TIPO DE SOLO	APROVEITAMENTO
Açoita Cavalo	úmido	madeira, lenha
Bracatinga	pobre, seco	lenha, madeira, tanino e ornamental
Canafístula	profundo	madeira, ornamental
Canjerana	profundo	madeira
Caroba	profundo	madeira
Louro	profundo	madeira — lenha
Timbaúva	menos em solo molhado	madeira, ornamental
Erva-mate	profundo	erva-mate, ornamental

### MÉDIO CRESCIMENTO

ESPÉCIE	TIPO DE SOLO	APROVEITAMENTO
Cedro	profundo	madeira, ornamental
Guajuvira	úmido, pedregoso	madeira, lenha
Pinheiro Brasileiro	profundo	madeira e frutos

### LENTO CRESCIMENTO

ESPÉCIE	TIPO DE SOLO	APROVEITAMENTO
Angico	úmido, pedregoso	lenha, madeira
Camboatá	profundo	lenha, madeira

ESPÉCIE	TIPO DE SOLO	APROVEITAMENTO
Cereja	leve, fértil	frutos, ornamental
Guabijú	fértil, pedregoso, úmido	frutos, ornamental
Guabiroba	fértil, úmido	frutos
Ingá	leve, úmido	frutos, ornamental
Jaboticaba	fértil, úmido	frutos, ornamental
Pitanga	fértil, úmido, pedregoso	frutos, ornamental
Sete-capotes	fértil, leve	frutos, ornamental
Uvaia	úmido, leve	frutos, ornamental
Araticum	leve, úmido, fértil	frutos, ornamental

# A AMEAÇA QUE RONDA OS MINIFÚNDIOS

Monte

A região da Grande Dourados, no Mato Grosso do Sul, é bem uma prova de que a pequena propriedade tem sido responsável por toda a estrutura que pode tirar um Estado da estagnação. Mato Grosso do Sul, que cresceu ao redor desta Região, hoje abrangendo mais de 20 dos 55 municípios do Estado, dá essa prova, mas só agora atenta para uma ameaça que ronda esses minifúndios. A valorização da terra, a proximidade com os maiores centros, as estradas, todo o desenvolvimento criado no meio e em torno das pequenas propriedades são, no momento, alguns motivos do desatino desses minifundiários.

E não é apenas a pressão exercida pelos grandes fazendeiros, que aparecem oferecendo dinheiro por essas terras férteis e bem localizadas, que ameaça os pequenos. Na verdade, os próprios minifundiários admitem que as ofertas tentadoras têm contribuído para a fuga de muitos ex-colonizadores e posseiros, mas isso não é tudo. Hoje, não há quem desconheça que, somado a tantos outros fatores, o minifúndio começa a ficar inviável no Mato Grosso do Sul por causa da expansão acelerada da lavoura de soja.

Isso já foi dito pelos antigos moradores da colônia federal de Dourados, uma área de quase 270 mil hectares, ocupada por mais de 10 mil famílias a partir de 1940. Como aconteceu em muitas regiões do Rio Grande do Sul e outros Estados onde a soja quase que tomou conta de tudo, a pequena propriedade não suportou a monocultura. E o diretor regional da Cotrijuí no Mato Grosso do Sul, Nedy Borges, está certo de que a situação preocupa a todos.

## CHEQUE OURO

"A soja é o cheque ouro do produtor", lembra Nedy Borges, para definir bem o que a cultura representa como certeza de resposta imediata. Isso quer dizer que, como também aconteceu nas terras gaúchas, a soja representa atualmente no Mato Grosso do Sul uma garantia de mercado e, até bem pouco, também uma garantia de preço. Mas essa idéia apressada, de que a oleaginosa pode render tudo o que nenhuma outra cultura já rendeu, em termos financeiros, só vale, talvez, para o grande proprietário. Com a soja, o pequeno deixou praticamente de lado a lavoura diversificada, que tinha amendoim, feijão, mamona, algodão, man-

Segundo Nedy Borges, a tendência hoje continua sendo o crescimento da lavoura de soja no Mato Grosso do Sul, que já ocupa mais de 800 mil hectares com essa cultura. O arroz vem em segundo lugar, com 420 mil hectares; o trigo em terceiro, com 140 mil; e o milho em quarto lugar, com 130 mil hectares. Esses são dados oficiais, que foram divulgados até em folhetos de propaganda do I Congresso Nacional da Soja, realizado no mês de julho em Campo Grande.

As outras culturas, que antes tinham maior importância no Estado, como o algodão, o feijão, o amendoim, a cana e a mandioca, aparecem englobados, e não se especifica nem mesmo a área de plantio de cada uma. Os folhetos de propaganda dizem apenas que essas culturas, juntas, renderam um milhão e 740 mil toneladas, considerando-se as últimas safras. Para Nedy Borges, a soja leva vantagem nisso tudo porque, entre outras coisas, tem uma estrutura de comercialização e até de distribuição de sementes e acompanhamento técnico que as outras lavouras não têm.

## SOBRA TERRA

Uma certeza de que a lavoura de soja poderá crescer, apesar de representar uma ameaça para o pequeno, está no fato de que o Mato Grosso do Sul tem ainda muitas terras agricultáveis hoje inexploradas. Hoje, a agricultura ocupa um milhão e 600 mil hectares, e sobram ainda para serem ocupadas com lavouras outros 9 milhões e 500 mil hectares, localizados no cerrado, que representa 27 por cento da área de 350 mil quilômetros quadrados do Estado.

E a Cotrijuí pode tentar impedir que a soja se transforme num incômodo maior para o pequeno? O diretor regional acredita que a Cooperativa pode, pelo menos, começar desde já a estimular o produtor a diversificar suas atividades. E, de início, o leite aparece como alternativa importante. A Cotrijuí já está participando da Cooperativa Central de Leite do Mato Grosso do Sul, e tem colocado o assunto em discussão através de uma série de reuniões com os produtores. O interesse é grande, e por isso talvez aconteça a diversificação a partir da criação de gado leiteiro.

Esse quadro desfavorável, por enquanto, para o pequeno pode ser notado na colônia federal de Dourados (veja edição de junho do Cotrijournal) e em outras áreas colonizadas

ao mesmo tempo ou anos depois. As colonizações iniciadas por Getúlio Vargas deram certo até o momento em que a pequena propriedade, de geralmente uns 30 hectares, não entrou na tal economia de mercado. Melhor explicando, o minifúndio quase não teve problemas, enquanto a terra não foi explorada de forma intensiva e indiscriminada. A soja mudou isso, e tomou de uma vez só todo o espaço da lavoura, exigindo insumos modernos, máquinas, financiamentos.

## CONCENTRAÇÃO

Com os altos custos da lavoura, começou a fuga dos colonizadores, e esse processo de migração para o Norte se acelerou nos últimos anos. As terras antes invadidas pelo pessoal do Nordeste, que ocupou vastas áreas, começam a cair nas mãos dos grandes proprietários. A lavoura vai se concentrando em poder de poucos, e os pequenos ficam cada vez mais espremidos em pouco espaço.

Só que, nessa história toda, a soja e outros fatores que facilitam a migração dos pequenos estão dentro de um conjunto de coisas que vêm desfavorecendo o minifundiário, responsável por quase tudo o que foi implantado e cresceu nas regiões mais importantes não só do Mato Grosso do Sul, como também de outros Estados. Os agricultores sabem disso, mesmo que alguns não consigam ver a situação bem clara. As histórias de antigos e novos moradores de Montese, uma localidade de Itaporã, dão uma idéia dessa desesperança (veja nas páginas seguintes), num Estado tão grande e que tanto deve aos pequenos agricultores.

A debandada de produtores não aconteceu só na área federal colonizada por Getúlio Vargas em Dourados. Em outras localidades próximas, como em Itaporã, que também faz parte do município de Dourados, anos atrás, não fica fácil de se encontrar os primeiros moradores da colônia municipal. A ocupação da colônia, administrada pelo município, teria começado por volta de 1940, mas aí a divisão dos lotes não foi muito disciplinada. Deu muita briga, e tempos depois da chegada dos colonos é que a situação meio que se regularizou.

Seu José Joaquim Correa, um paulista de Andradina, chegou Montese, um dos distritos de Itaporã abrangidos pela colonização, em 1951. Ele era arrendatário em São Paulo e arriscou vida nova no Mato Grosso porque a imprensa se encarregava de dizer que havia terra à vontade. Mesmo assim, seu Zé Correa como ele é conhecido, não recebeu nenhum lote de graça, porque a ocupação estava encerrada. Ele teve que comprar 45 hectares por 22 contos; essa terra só foi marcada mesmo anos depois.

— Eu perdi uns 1.300 pés de fé na demarcação, pra evitar que a área ficasse com uma curva. Tinha gente que, na hora de marcar, queria perder um lote de banana, uns pés de taquara. Nós mesmos eslhíamos a terra, e só depois é que acontecia a medição.

## PAGANDO Cr\$ 208 MIL PELO HECTARE

Seu Zé chegou a Montese com 36 anos, a mulher e três filhos. Um das crianças morreu logo depois da chegada, e hoje são seis os filhos (homens e três mulheres), mas só deles e mais um genro cuidam da terra. Ele entregou aos dois a administração das áreas, pois hoje não apenas os 45 hectares comprados



Nestor Araújo: o pobre não tem mais vez

# Montese: uma colonização indisciplinada

em 51: são 207 hectares, adquiridos aos poucos. Este ano, ele comprou os últimos cinco alqueires, pagando dois milhões e 500 mil cruzeiros. Isso quer dizer que cada hectare custou uns Cr\$ 208 mil.

No início, seu Zé chegou a colher de tudo um pouco, e por volta de 1962 plantava mais de 20 mil pés de café. Deu geada forte em 75, e ele abandonou essa plantação. Hoje, cultiva soja e trigo e tem gado de leite. Ele sabe que foi um dos poucos que prosperaram, e lembra que Montese tinha colonos nordestinos, e até paraguaios, que foram desaparecendo. Os que ficaram, conta ele, "têm só uma casinha pra morar". Mas além dos antigos colonizadores, também o pessoal que foi chegando depois anda meio feio de vida. Montese é, na verdade, um monte de terras retalhadas, muitas com menos de 10 hectares.

## DONOS TOMARAM AS TERRAS DE VOLTA

Seu Nestor Araújo, um cearense que fugiu do nordeste em 59, não conseguiu muita coisa no Mato Gros-

so do Sul. Comprou sete hectares, pagando mil cruzeiros velhos (um cruzeiro hoje) pelo alqueire, que tem perto de dois hectares e meio, e este ano viu sua situação piorar. Ele arrendava nove hectares de dois donos, e os dois pediram as terras de volta. Seu Nestor também aderiu à soja e ao trigo, e até leite ele compra. Tem nove filhos (cinco destes ainda estão em casa), e tem certeza de que "só a rocinha não dá mais".

— O pobre não tem mais vez. Antes ninguém lidava com veneno, trator, adubo. A vida era mais fácil. Hoje o tubarão tomou conta e o lucro fica é com a indústria.

Um dos arrendadores das terras que seu Nestor ocupava, começou cobrando 25 por cento da produção em 66. Depois passou para 30 por cento, e há dois anos pediu 40 por cento. O que sobrava da safra para seu Nestor? Sobrava quase nada, como vinha acontecendo com seu Antônio Alberto da Cunha, outro micro produtor de Montese. Seu Antonio saiu de Minas há uns 12 anos e comprou dois hectares da antiga colônia

municipal. Arrendou outros dois, e também perdeu a terra arrendada este ano, pois o dono decidiu pedir a área.

Ele já está decidido: vai procurar emprego na construção civil na cidade, porque "outro jeito não tem". Anos atrás, seu Antônio plantava milho, amendoim, e depois se passou pra soja, o trigo e o milho. Mas o que pode render de soja e de trigo em quatro hectares? Fazendo as contas, ele acha que sobrou de lucro, no ano passado, menos de três mil cruzeiros por mês. Seu Antonio tem três filhos, e já convidou a mulher pra mudar de vida. O que ele não quer é voltar pra Minas, e o mais certo é que acabe arrendando os dois hectares, emprestando também uma vaca e uma égua que puxa o arado e uma carroça.

## ZANZOU TANTO QUE GANHOU APELIDO

Antonio vai encontrar na cidade outros ex-colonos que passaram a vida zanzando como posseiros, sem nunca conseguirem a terra que um dia fosse só deles. Seu José Adão do Nascimento até pegou o apelido de Zé Posseiro por causa dessas andanças. Com 52 anos, analfabeto, desconfiado e falando pouco quando está diante de estranhos, seu José mora num barraco da Vila Almeida, um bairro pobre de Dourados. Ele é filho do gaúcho Marciano do Nascimento, que chegou ao Mato Grosso

em 1929, à procura de terras. Marciano zanzou, trabalhou para os outros, foi parar na periferia de Dourados e morreu atropelado por um carro na vila, há uns cinco anos.

Zé Posseiro, filho único, ficou morando com a mãe, dona Alexandrina, que também morreu há quatro meses. Há uns anos, ele conheceu dona Silvéria, uma descendente dos índios guaranis, e só se casaram há dois meses. "Quase que morro solteiro", diz seu José, explicando que teve que casar para poder adotar um menino de sete anos, pois só assim ele poderá estudar. O casal tem outro filho adotivo, é dono do barraco onde mora e de um terreninho, que deve valer uns Cr\$ 80 mil, segundo seu Zé.

Ele vive fazendo biscates em Dourados, e não tem saudades da lavoura, onde nunca a família conseguiu alguma coisa. Teve uma época que seu Marciano tentou deixar a vida de posseiro e pegar um lote da colônia municipal, em Itaporã, mas a tentativa não deu certo. Ele ficou pouco tempo em cima da terra, como arrendatário, e depois se mudou pra cidade. Seu Zé relembra isso e fica orgulhoso quando alguém diz que ele deve ter herdado o sotaque gaúcho do pai e da mãe, apesar de ter nascido no Mato Grosso, logó que a família chegou. Faz tempo que ele sonha com uma idéia antiga: conhecer o Rio Grande do Sul, mesmo que não saiba nem pra que lado fica o chão de onde saíram seus pais.

José Correa: um dos poucos que prosperaram



Antonio Alberto da Cunha: vai trabalhar na construção civil

Zé Posseiro: na lavoura a família nunca conseguiu nada





## Um homem que acompanhou a ocupação

Até parece mentira, mas quem conta a história é um dos gaúchos mais antigos e mais populares de Dourados. Há uns 20 anos, até o Banco do Brasil andou estimulando a fuga de minifundiários da área da colonização federal do município. O jornalista Mário Brandolph da Costa, nascido em São Borja, relembra esse caso e se sente orgulhoso porque foi dos primeiros a abrir a

boca para denunciar o que estava acontecendo.

Segundo ele, o Banco começou a financiar a compra de terras da colônia, e só parou com isso quando alguns protestaram. Se os financiamentos continuassem, um órgão do próprio governo estaria terminando com tudo o que foi planejado por muito tempo, e que vi-

nha dando resultados. Esses empresários beneficiariam, é claro, os grandes proprietários, que mesmo assim foram ocupando os lotes da colônia e outras regiões.

### TERRAS INVADIDAS

Seu Mário tem bagagem de sobra para falar desse e de outros casos. Ele chegou ao Estado com uns 30 anos, depois de morar em Curitiba, e hoje está com 72 anos. Já foi inspetor de ensino, professor, vereador, candidato a deputado, delegado de polícia, comerciante. De um cargo pra outro, ele foi acompanhando a ocupação do Mato Grosso — antes da sua divisão em 1977 em duas regiões. Viu os colonos chegarem de jardineira (um caminhão que carregava o pessoal), viu muitas crianças morrerem e acompanhou brigas e brigas pela posse de lotes.

No início dessas colonizações, nos anos 40, tinha até quem andasse a pé mais de 100 quilômetros, de Maracajú a Dourados, pois o trem fazia linha só até Maracaju. Nas áreas demarcadas para colonização, a ocupação era mais ou menos organizada, como aconteceu em Dourados, mas em outras havia confusão. Seu Mário acredita que uns 300 mil hectares foram invadidos pelos migrantes que não recebiam lotes logo que chegavam.

Junto com sua mulher, dona Glória, ele percorreu o Estado de uma ponta a outra e por isso conhece o Mato Grosso do Sul como poucos. Por causa dessa perambulação, e por estar sempre envolvido com os que iam formando os pe-

quenos núcleos no centro das pequenas propriedades, é que dona Glória até recebeu uma homenagem não muito comum. Ela, que também é gaúcha de Santiago, tem seu nome numa localidade que se emancipou, anos depois, e hoje é a cidade de Glória de Dourados.

### Cr\$ 3 MIL O HECTARE

O casal não conseguiu, no entanto, o que muitos gaúchos ainda almejam, que é a posse de extensas áreas de terra e uma vida boa e mansa no Mato Grosso. Seu Mário recebeu um lote da colônia, mas rejeitou o presente, pois preferiu não se transformar em agricultor. Há uns quatro anos, ele andou arrendando uma área, mas a experiência durou só uma safra. Hoje, continua fazendo o que mais gosta, escrevendo artigos para o jornal "O Progresso", onde fala de tudo um pouco. O casal não acumulou quase nada de patrimônio, e até a casa onde mora é alugada, pois seu Mário diz ter apenas "umas porcariazinhas por aí".

"Minha intenção nunca foi mesmo a de ficar rico", conta o jornalista, lembrando que os gaúchos ainda podem continuar chegando ao Mato Grosso do Sul, "porque há muitos vazios". Ele se compromete até a orientar a compra de terras, e conseguir áreas boas, com fácil acesso, por Cr\$ 3 mil o hectare. E não é só na agricultura que sobra espaço para o pessoal do Rio Grande. "Tem trabalho em todas as áreas", diz ele, fazendo uma previsão: "Os gaúchos vão acabar sendo as lideranças que o Mato Grosso ainda não tem".

## O tempo de terra à vontade já passou

O produtor que deixar seu Estado e arriscar a sorte no Mato Grosso do Sul, sem dinheiro no bolso, terá que voltar ou vai ficar perambulando de um lado pra outro. Depois da aceleração na ocupação das terras, nos últimos anos, pouco ou quase nada sobrou para quem pretende ser posseiro. O Mato Grosso ainda tem muitas terras a serem exploradas, mas hoje quase não sobra espaço para os pequenos agricultores que aparecem de fora. As terras já têm donos ou, mesmo que estejam no meio de conflitos, um dia irão parar na mão de alguém.

Não é segredo para ninguém que a situação fundiária do Estado começa a se definir. Os grandes proprietários já têm direito assegurado sobre vastas áreas, e os médios e pequenos continuam brigando, em muitas regiões, pelo que sobra. Nessa briga, já há muita gente envolvida, e fica arriscado pra quem ainda pretende entrar agora nessa confusão. Quem já está sobre alguma terra leva a vantagem de pelo menos lutar para continuar dentro dela.

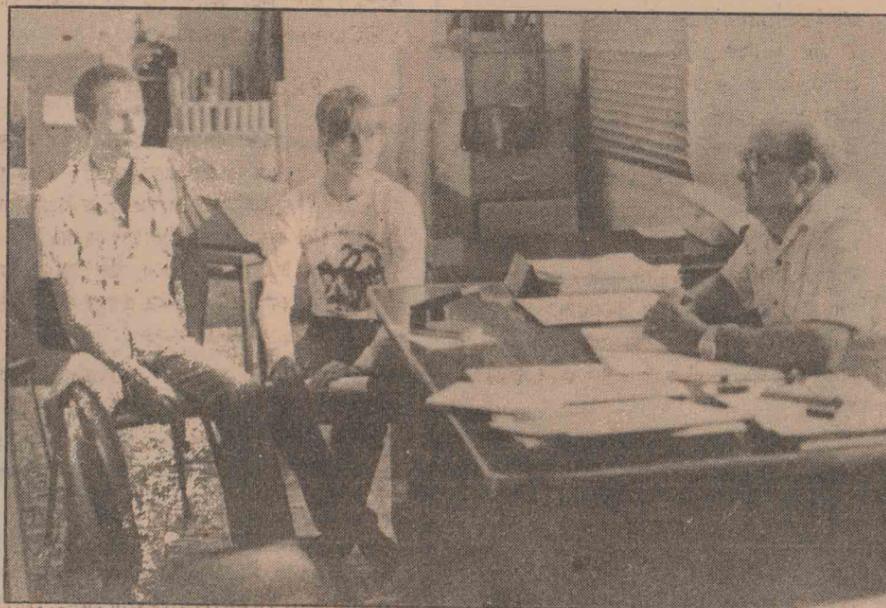
### O FIM DAS ÁREAS

Mesmo assim, o chefe do grupo técnico do Projeto Fundiário Dourados, Alfeu Almeida Veloso, não cansa de repetir que o

Mato Grosso do Sul já não tem áreas para colonizações. É que Alfeu recebe por dia a visita de uns quatro ou cinco candidatos a colonizador, que aparecem indagando sobre o que fazer para conseguir terras no Estado. No momento, Alfeu quer é levar adiante uma solução para os milhares de posseiros que ocuparam áreas da chamada faixa de fronteira, em quilômetros e quilômetros da divisa com o Paraguai, onde também houve coloniza-

ção, muito tempo atrás.

Há seis anos que esse projeto existe, só para fornecer títulos de propriedade a esse pessoal, e até agora foram asseguradas legalmente a posse de terras a uns sete ou oito mil proprietários. Mas Alfeu acredita que a regularização das posses ainda não chegou à metade do número de produtores que estão nessa faixa, o que quer dizer que o projeto ainda vai continuar por um bom tempo.



Alfeu para os estudantes: agora todo mundo quer terras

O chefe do grupamento técnico que faz esse trabalho, que é subordinado ao INCRA, lembra que só agora é que o Mato Grosso do Sul consegue atrair tanta gente. "Antes, era preciso mandar cartas para São Paulo, para o Paraná, pedindo que os colonos viessem", conta ele. Para Alfeu, "depois que o Mato Grosso ficou maravilha, todo mundo quer terras".

Foi isso o que ele disse aos estudantes Rogério Kapteinat e Clair Dieterich, que no final de maio apareceram em seu escritório. Eles estudam agronomia em Dourados, e chegaram perguntando sobre a existência ou não de área desocupadas no Estado. No início, foram confundidos com posseiros, mas depois explicaram que estavam pesquisando.

Rogério é gaúcho de Ijuí, e Clair é paranaense. Segundo eles, a pesquisa havia sido solicitada em aula, e vinha dando um bocadinho de trabalho. Os dois se sentiam meio perdidos, como talvez também estivessem os alunos do professor Lourival em 1954, quando largaram a cartilha feita no Rio de Janeiro e começaram a descobrir o Mato Grosso.

# PERDAS DE ALGUNS, GANHOS DE OUTROS

Foi exatamente no dia 30 de junho, quando uma boa parte dos produtores de soja veriam vencer seus financiamentos de custeio, que o Governo anunciou a prorrogação dos empréstimos desta cultura. E isto que em algumas regiões os contratos até já tinham vencido, como é o caso do Mato Grosso do Sul e do Paraná, onde as safras são colhidas mais cedo.

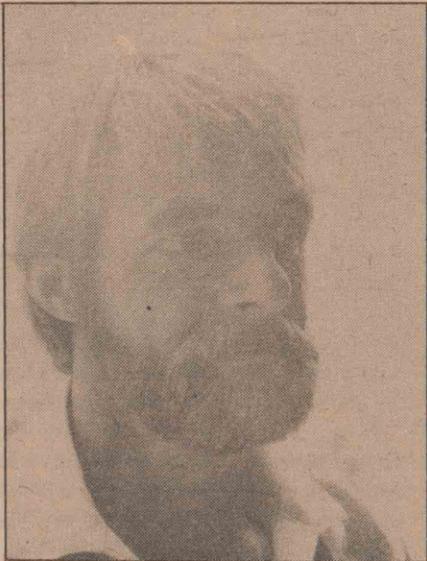
A dilatação em um mês deste prazo — que tem seu vencimento agora em 31 de julho — aconteceu quando também 50 por cento da produção da safra gaúcha já estava comercializada, como assinalou o presidente da Fecotriga, Jarbas Pires Machado. A pressão dos vencimentos dos contratos eleva hoje para 70 por cento o índice de comercialização. Mesmo que os preços não tenham reagido sensivelmente, os produtores se viram forçados a vender a soja ou realizar contratos de EGF para liquidar seus compromissos.

## HONESTO LEVA PAULADA

“Eu perdi uns Cr\$ 540 mil com esta função”, diz o Ake Bernhard Van Der Vinne, que financiou 540 hectares de soja em Maracaju. O vencimento do seu contrato era em 10 de junho e ele se viu forçado a pegar um adiantamento na cooperativa para liquidar seu custeio:

— No dia em que liquidei disseram que se eu atrasasse teria que pagar 5 e poucos por cento de juro ao mês. Então eu fiz os cálculos: se não tiro o adiantamento na Cooperativa, eu ganho 6 por cento ao mês do dinheiro que deixei lá, que entreguei tudo a preço médio. Então ainda me sobra uma diferença se eu não pagar. Mas daí eu pensei: é sujeira atrasar as contas, prefiro pagar. Com isto eu perdi 4 por cento de juro durante 50 dias, porque o adubo não tinha juro. Deixei de ganhar 6 por cento para pagar 2 por cento. Então, deixei de ganhar Cr\$ 540 mil, porque tive que pagar no Banco 9 milhões do financiamento.

O Ake só pensa então no prejuízo que teve o pessoal que não tinha colocado em Preço Médio sua produção. Foi muito maior do que o dele, pois naquela época o preço da soja beirava os Cr\$ 900,00 o saco, o que deu um prejuízo de pelo



Ake Van Der Vinne: deixei de ganhar

menos Cr\$ 100,00 o saco. É ele quem diz:

— O cara que é honesto, pagou em dia, levou paulada. O que atrasa, deixa correr, é relaxado, ganha sempre. Depois que muita gente pagou aí veio a prorrogação, que não adiantou mais nada.

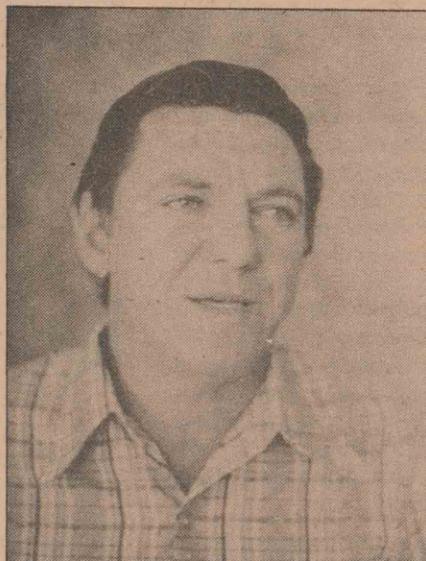
## O JURO VOLTA. MAS DEPOIS

Já o contrato do João Wilde- mar Casali, de Rio Brilhante — também no Mato Grosso — vencia em 31 de maio (os financiamentos, no Mato Grosso do Sul, venciam em duas datas diferentes: 10 de junho para o setor Norte e 31 de maio para o setor Sul). Só que ele não pagou naquele dia:

— Fui pagar em julho, que estava aguardando um EGF. O preço estava muito ruim para liquidar o produto. A própria Cooperativa demorou muito para dar uma decisão sobre a liberação dos EGF e eu só fui fazer este Empréstimo no dia 2 de julho. Paguei daí a carteira com juro superior ao contrato no custeio, que após o vencimento o Banco cobra juro de investimento.

Ele pagou em duas parcelas o seu custeio. Parte foi com o adiantamento do produto que tinha em Preço Médio na Cooperativa e o restante foi preciso lançar mão do EGF. Casali foi informado que vai receber de volta o juro que pagou a mais:

— Como a partir do dia 31 de maio até 2 de julho foi cobrado juro superior ao da cédula, deverá existir uma devolução deste juro que paguei a mais. Só que não vou poder pegar na hora este dinheiro.



João Casali: paguei juro



Valdemar Freitag: perdi dinheiro

Pelo que me falaram este valor seria retido para aplicação em RDB (Recibo de Depósito Bancário, um investimento a prazo fixo do Banco do Brasil). Isto é prejuízo para o produtor, porque este dinheiro vai ser retido durante um ano, quando está havendo falta de recursos nos VBCs apresentados.

## PERDENDO DINHEIRO

Mas não é só no Mato Grosso do Sul que a prorrogação chegou tarde. O seu Valdemar Freitag, que tem 200 hectares de terra na localidade de Itaí, em Ijuí, também precisou fazer EGF para pagar as dívidas do custeio da soja:

— Não vendi porque estava aguardando perspectiva melhor de preço. Por enquanto estou perdendo dinheiro, correndo o juro do empréstimo.

Ele fez o EGF no Banco do Brasil em Catuípe e acertou para pagar em quatro prestações, “então

## A maioria preferiu esperar

Não foram muitos os produtores que pagaram suas contas no dia do vencimento. Com as notícias do sa- não sai prorrogação a maioria preferiu esperar para ver no que dava, no lugar de liquidar a produção com o mercado em baixa.

Na agência do Banco do Brasil em Rio Brilhante, por exemplo, o gerente Angelo Sanches calcula que apenas 10 por cento dos financiamentos foram liquidados na data aprazada, dia 31 de maio. Já 10 por cento dos produtores vão ter direito a devolução do juro pago durante o mês de junho, pois liquidaram com atraso e, não existindo definição alguma sobre a prorrogação — que saiu dia 30 de junho — as agências cobraram taxas mais altas do que as contratadas.

É Angelo também quem explica direitinho a questão da devolução do juro pago a mais:

— A orientação é que quem pagou com correção terá a diferença para receber imediatamente. Nós sugerimos a aplicação desta diferença em RDB, Recibo de Depósito Bancário, mas isto só acontece com a concordância do cliente.

Também no Sul o pessoal se fi- ou na prorrogação. No Banco do Brasil de Ijuí foram liquidados apenas 1.000 dos 7.000 financiamentos que venciam no dia 30 de junho. É o gerente da agência, Jorge Serpa, quem fala:

— Foi um número bonito de produtores que liquidou seus contratos, já que todos estavam na expectativa de uma prorrogação. Quem não aguardou a prorrogação, teve realmente, a nível de preços, um certo prejuízo, mas também comprou uma certa tranquilidade.

## PEQUENO PAGOU ANTES

O que Serpa observou como fato interessante é que muitos pequenos produtores, que teriam seu prazo de vencimento apenas em 31 de junho — e, portanto, não foram em nada beneficiados pela prorrogação — liquidaram até antes de 30 de junho o seu financiamento:

— O produtor mais modesto é o primeiro a honrar seu compromisso, pois não pode correr risco de pagar mais juros. Estes não querem saber do banco, dos fiscais, correndo atrás de si.

Este fato também foi observado no repasse da Cooperativa, onde apenas uns 600 contratos dos 5.000 feitos para a soja, tinham vencimento no dia 30 de junho.

vou vendendo por parcela de acordo com o que preciso pagar”.

Caso não tivesse vindo a prorrogação ele acha que a situação podia ser até mais difícil, sendo obrigado a faturar de vez a produção. Agora, fica tudo na dependência do comportamento dos preços:

— Se o preço melhorar, futuramente a gente vai ter agido bem até mesmo em fazer este empréstimo. Mas se não melhorar aí é que está. É só prejuízo para o produtor. Eu tenho muito compromisso e preciso vender bem o produto, senão vou ter que fazer “papagaio” para me normalizar.

# APICULTORES COM MEDO DOS VENENOS

*A apicultura também aparece na região de Dom Pedrito como mais uma opção de renda para os produtores. Eles sentem, porém, o desenvolvimento da atividade ameaçado pelo uso de defensivos agrícolas nas lavouras que vão tomando espaço na região.*

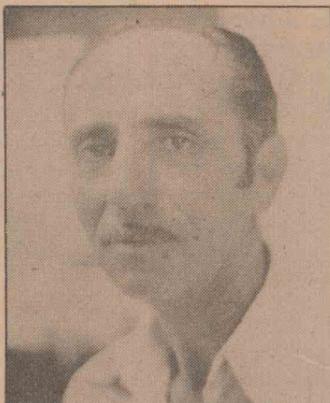
A produção de mel em Dom Pedrito vem aparecendo como mais uma opção para a propriedade rural. Como a região ainda apresenta boas condições para a criação de abelhas, por causa das matas nativas ou então dos bosques de eucaliptos, muito produtor ou está iniciando na apicultura, ou então está procurando dar maior atenção àquelas colméias que foram pegas pelos matos e que estavam produzindo mel para o gasto da casa.

Em Ponche Verde, o seu Dalmácio Moreira Garcia anda às voltas com uma criação de abelhas há alguns anos. Começou com dois enxames, pegos pelos matos e agora já tem mais de 20 caixas de abelhas "campeiras". Um tanto desestimula-

do na lida das abelhas, o seu Dalmácio não tem intenção de aumentar a criação. Ele é quem conta os motivos:

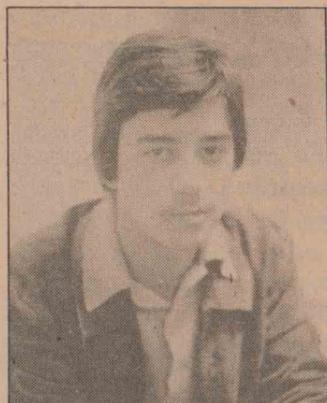
— Estou meio desacordado por causa dos venenos nas lavouras. Do jeito que está a situação, não vale a pena produtor nenhum investir demais na apicultura como, por exemplo, comprar enxames importados ou caixilhos modernos. Às vezes um apicultor tem uma criação caprichada, mas vem um lavoureiro e faz uma aplicação de inseticida antes da floração do soja e lá se vão todas as abelhas. Então o apicultor está sempre na dependência do lavoureiro.

Foi por causa das aplicações de inseticidas nas lavouras de soja, que o seu Dalmácio já



**Dalmácio Garcia: venenos atrapalham**

perdeu muita abelha. Teve anos que a mortandade foi geral. Em anos anteriores ele costumava tirar uma boa produção de mel, nas quatro vezes que melava durante o ano. Nesse último



**Catarino Severo: sócio do professor**

ano, porém, a produção foi tão baixa, que o seu Dalmácio só conseguiu melar umas duas vezes. E isto foi por falta de floração "porque sempre conser-vo alguma lavoura de pastagem".

## E A ABELHA COMUM

Trabalhando com abelhas "campeiras" — uma mistura da abelha africana com abelhas comuns — o seu Dalmácio lamenta que a comum, tenha desaparecido. E assegura que a culpada é a abelha africana:

— Os entendidos em apicultura dizem que a abelha africana produz muito melhor, só que quando tira o dia prá ficar furiosa, ataca toda a criação que passa por perto das colméias. Eu sempre gostei muito mais de lidar com a abelha comum e ninguém me tira da cabeça que foi por causa da africana que a outra andou desaparecendo. Era uma abelha mansinha que se pegava facilmente pelos matos.

## SEM PROBLEMAS

Embora lide com abelhas há pouco tempo, coisa de um ano, o Catarino Correa Severo, de 15 anos e estudante do científico, ainda não enfrentou problemas de mortandade em suas colméias. Mesmo assim, já demonstra preocupações quanto ao futuro das abelhas, frente a expansão das lavouras na região. Diz o Catarino:

— Nunca tive problemas de mortandade de abelhas, porque as colméias ficam longe de qualquer lavoura. Mas sei que as conseqüências da aplicação de inseticidas são grandes. Já ouvi dizer, e isso tem me preocupado muito, de que morrem colméias inteiras.

Dos seis filhos do seu Edgar Pereira Severo, o único que se envolveu com a criação de abelhas foi exatamente o Catarino. E isso depois que aceitou o convite de um professor, para formar uma colméia em sociedade. Desde então a colméia, de 60 caixas de abelhas, está instalada num bosque de euca-

lipto na Estância do pai.

— Me envolvi de tal forma com abelhas, que hoje já estou pensando em formar uma colméia só para mim, embora ainda tenha muito o que aprender.

O Catarino só espera as férias para sair pelos matos a procura de novos enxames para formar uma nova colméia. Enquanto isso, a sua preocupação é a de manter por perto do bosque de eucalipto alguma pastagem de trevo, cornichão ou então algumas hortaliças para a produção de mel, que tem sido da melhor. Na última vez que tirou mel, lá pela Páscoa, o Catarino com a ajuda do professor Antonio, tirou mais de 100 quilos de mel de apenas quatro caixas.

## DESDE CRIANÇA

Quando tinha 4 anos e seus avós, que moravam em São Miguel, perto de Restinga Seca, iam tirar uma séstia, o seu Aldo Erno Prade dava uma fugida para tirar favos de mel das caixas de abelhas com uma vara de taquara. Aos 12 anos de idade o seu Aldo começou a trabalhar com abelhas e, desde então, sempre teve a sua colméia em casa. Quando comprou uns campos em Dom Pedrito, a primeira coisa que fez foi procurar enxames pelos matos. Ele é quem conta:

— Lidar com abelhas é a coisa que mais gosto. Não crio abelhas prá tirar lucro. Um filho sempre me diz para plantar mais uma quadra de arroz e largar as abelhas de lado, que ganho mais dinheiro.

As 180 caixas de abelhas do seu Aldo estão espalhadas pelas suas propriedades. Um tanto fica em Encruzilhada e outro em Taquarimbozinho. E só nesse ano, de 80 caixas, o seu Aldo, com a ajuda da dona Alile Janner, tirou mais de 4 mil quilos de mel.

## UM SEGREDO

Todos os enxames do seu Aldo são uma mistura da campeira com a africana. Mas num tempo atrás ele só lidava com a abelha comum, que produzia mel das flores do mato. "Hoje as abelhas só produzem mel de eucalipto". Acostumado a pegar enxames pelos matos, o seu Aldo conta um segredo para que as abelhas não fujam das caixas:

— Cansei de pegar até um enxame por dia, só que tem de ter muita paciência. Depois que o enxame entra prá dentro da caixa, não se deve mexer no enxame por uns 5 dias. Tem que deixar a caixa ali no meio do mato, para que as abelhas se

## UMA APLICAÇÃO DE PRIMEXTRA VALE ATÉ POR 4 CAPINAS.



**E o mato nem aparece no milharal. E enquanto você descansa, seu milho cresce, cresce, cresce...**



**PRIMEXTRA**  
O herbicida para milho.

CIBA—GEIGY



Caixas de abelhas espalhadas pelos matos

acostumem e se acomodem. Se carregar a caixa, no outro dia elas vão embora.

#### PREOCUPAÇÃO

Assim como o seu Dalmácio e muitos outros apicultores da região de Dom Pedrito, o seu Aldo também vem se mostrando bastante preocupado com a mortandade de abelhas por causa de aplicação de inseticidas nas lavouras.

— É uma pena que o lavoureiro não se dê conta do bem que a abelha faz prá uma lavoura de soja. Se não fosse o veneno na lavoura, a soja granava muito mais.

A confiança nos benefícios que as abelhas trazem para qualquer lavoura é tanta, que o seu Aldo garante que a abelha é responsável pela grande produção de sementes de uma lavoura de trevo ou cornichão. “E com a soja acontece a mesma coisa. Quanto mais abelhas, melhor a produção”.

A mesma preocupação tem o Evandro Guilherme Bittencourt de Ávila, um técnico da CRT — Companhia Riograndense de Telecomunicações — e que nas horas de folgas aproveita para lidar com abelhas. Na apicultura desde 74, o Evandro também garante que o inseticida nas lavouras tem terminado com muitos enxames.

— Quem tem lavoura de soja não pode ter abelhas por perto. A melhor coisa é criar no meio do matq ou então do eucalipto. Criar abelhas e plantar soja são duas coisas que não combinam por causa dos inseticidas.

O Evandro tem um costume: não deixar muitas colméias juntas. As suas 150 colméias estão distribuídas em várias propriedades. Um ficam na propriedade do sogro, outras em casa de conhecidos. O Evandro explica as razões:

— Como quase nem existe mais tanto mato costume separar a minha colméia em grupo de 10 enxames. Não gosto de muitos enxames num mesmo local por causa da floração

que nem sempre é suficiente.

Um outro costume do Evandro é alimentar as abelhas nas épocas em que quase não existe floração. Esse alimento, à base de água, açúcar e mel, serve para estimular as abelhas a produzirem ovos e fortalecer o enxame.

#### POR QUANTO ANDA O PREÇO

Grande parte dos produtores de mel da região de Dom Pedrito anda entregando a sua produção no mercado da Cotrijuf. Os preços pagos pela Cooperativa, que variam de acordo com a qualidade do produto, agradam a uns e não agradam a outros. Para o mel de primeira qualidade (tipo 1), o produtor recebeu nos últimos tempos, Cr\$ 135,00 de adiantamento. O tipo 2, é de Cr\$ 80,00 e do tipo 3, Cr\$ 60,00 de adiantamento.

O Evandro já vendeu neste ano, coisa de 3.660 quilos de mel e não gostou muito dos preços pagos pela Cooperativa. “Se eu vender para particulares, consigo um preço muito melhor”. Mas o Evandro prefere entregar toda a produção na cooperativa por causa da confiança que o consumidor tem no produto. “Tem muito mel falsificado sendo vendido de porta em porta”. Já o seu Aldo nem se preocupa muito com o preço, embora saiba que pode vender a produção até pelo dobro do preço da cooperativa. Conta até que em Santa Maria chegaram a oferecer Cr\$ 300,00 pelo quilo de mel.

A melhor época para se vender o mel é no inverno, por causa da incidência de resfriados e gripes. É uma época, segundo o seu Dalmácio em que o produtor pode conseguir um preço bem melhor. “Mercado existe para o mel, o preço é que está sendo muito pouco. Acredito que a Cooperativa vá nos compensar um pouco mais” comenta o seu Dalmácio. Também o Catarino reclama dos preços e até diz que prefere vender entre os amigos. “Se vende rápido e o preço é mais compensador”.

## Um projeto dentro da Cooperativa

Dom Pedrito, uma região de campanha, oferece excelentes condições para a exploração da apicultura, pois além das abundantes florestas nativas, as grandes áreas de eucaliptos e de pastagens implantadas com leguminosas também auxiliam o trabalho das abelhas. E mesmo que a agricultura esteja em expansão na região, o técnico agrícola do Departamento Técnico da Unidade de Dom Pedrito, Odir Luiz Spohr, não acredita que ela já possa trazer algum prejuízo para a produção de mel. “Os malefícios causados pelos pesticidas às abelhas ainda são muito pequenos”.

#### ATIVIDADE RENTÁVEL

A instalação do projeto de apicultura em Dom Pedrito partiu do interesse dos próprios associados. “Foi uma atividade que nasceu de baixo para cima”, assegura o Odir. “Alguns produtores andavam produzindo mel e manifestaram o interesse de entregar a produção na cooperativa”. Tão logo se decidiu que a cooperativa passaria a receber a produ-

ção de mel da região, o Departamento Técnico tratou de montar toda a estrutura necessária para que se processasse o recebimento da produção. Primeiro se pensou na comercialização, um caso mais urgente e, num segundo momento, na aquisição dos equipamentos apropriados para o trabalho com as abelhas. O Odir é quem conta:

— Além da segurança na entrega da produção de mel, o associado de Dom Pedrito já conta com material específico, como luvas, macacões, fumegadores, centrífugas, máscaras, ceras laminadas, entre outros. O Departamento Técnico, por sua vez, não está só auxiliando na aquisição dos equipamentos, como também prestando assistência sobre a localização e instalação das colméias.

A atividade do mel, além de uma opção a mais e que propicia um aumento na renda familiar, sempre gera outros benefícios na propriedade, auxiliando em muito na produção

de sementes e ressemeadura de forrageiras implantadas através da polinização.

#### O RECEBIMENTO DA PRODUÇÃO

A produção de mel em Dom Pedrito ainda se encontra em fase inicial. Mesmo assim, já foram entregues mais de 15 mil quilos. “Essa quantia deverá ser aumentada, não somente pelo interesse de novos apicultores, como também pelas técnicas adequadas que ainda não foram implantadas”, diz o Odir.

Para que o projeto de apicultura em Dom Pedrito se desenvolva em perfeita segurança, a Cooperativa está realizando uma série de pesquisas buscando o melhor mercado e a melhor embalagem. O Odir explica as razões da pesquisa:

— Por se tratar de um produto nobre, é necessário elevar o grau de confiabilidade junto ao consumidor, sempre desconfiado com produtos falsificados, que são vendidos de porta em porta.



Imagine, agora, passar a grade mais duas vezes para incorporar o herbicida...

Defenda sua terra. Use Dual, o herbicida para soja tão moderno que dispensa incorporação.

Dual, a opção que faltou ao agricultor brasileiro nos últimos 10 anos.



DEFENDA SUA TERRA

CIBA—GEIGY

“em cada pedaço de terra um amigo”

Só aplique defensivos na sua lavoura depois de conversar com um agrônomo ou técnico. Eles poderão informá-lo sobre a melhor maneira de usar qualquer veneno.

# DISCUSSÃO FICOU NO AR

Já fazia quatro anos que não era feita uma discussão ampla, a nível nacional, sobre a soja. De um canto a outro do Brasil vem se levantando vozes para contestar os resultados que esta cultura trouxe em termos de melhorias para a vida do homem rural. Vozes que criticam o sistema de produção que a soja trouxe atrás si, incorporando o uso de insumos modernos e mecanizando as lavouras — expulsando, em conseqüência muitos trabalhadores da terra e gerando uma extrema dependência de importação de tecnologia e de insumos. Vozes que se queixam do empobrecimento dos produtores pelos altos custos de produção e má remuneração de suas colheitas. Vozes que criticam a interferência do governo em todo processo de produção e comercialização, seja via crédito, via tabelamentos, imposição de cotas de exportação, etc. E vozes, por outro lado, que vem defendendo os benefícios que a cultura trouxe na geração de riquezas e divisas representadas pela exportação do produto.

## POUCA NOVIDADE

A ocasião de reunir todas estas vozes, num lugar só e propor sistemas alternativos de produção, era

para ser o I Consoja, o I Congresso Nacional da Soja, que aconteceu em Campo Grande entre os dias 13 e 17 de julho. Só que no seu final, o Consoja acrescentou muito pouco em toda discussão.

Primeiro porque o Governo não esteve presente. O ministro Delfim Netto, do Planejamento — um dos conferencistas mais esperados — não participou e nem mandou representante. Durante o I Consoja ele estava na União Soviética, tentando aumentar as relações comerciais entre os russos e os brasileiros. O Governo não participou das discussões e nem levou respostas aos problemas que iam sendo levantados. Somente no encerramento do Congresso, através do ministro da Agricultura, Angelo Amaury Stábile, foi levada a posição oficial do Governo em relação à agricultura.

Um segundo ponto que prejudicou os objetivos inicialmente traçados para o Consoja é que ele foi feito mais a nível de lideranças, sem chegar a reunir produtores de diversos estados que têm na soja um de seus mais importantes produtos. Naturalmente que muitos produtores do Mato Grosso do Sul participaram ativamente das discussões, mas faltou a participação de produ-

tores de outras regiões. As Federações de Trabalhadores na Agricultura, por exemplo, que reúnem nos estados do Sul os pequenos produtores, não foram convidadas para o Consoja. Apenas as Federações de Agricultura, que reúnem a classe patronal, foram representadas durante as discussões. Os debates, por outro lado, pouca coisa acrescentaram. Os assuntos levantados continuaram sendo basicamente os mesmos que se fala há muito tempo: preços baixos, altos custos de produção, dificuldades de comercialização.

O ministro Stábile, a única autoridade federal a prestigiar o Congresso, reafirmou a prioridade que o Governo dá à agricultura. Segundo ele isto fica claro "pela decisão de aplicar no setor 30 por cento do orçamento monetário do País, o que perfaz um total de aproximadamente Cr\$ 1 trilhão e 400 bilhões". Ele continuou dizendo que o Governo sabe que o setor precisa de um volume bem maior de recursos do que o previsto no orçamento monetário, "mas não tem possibilidade, por suas próprias fontes de recursos, de aumentar seus créditos ao setor sem que se recorra à emissão de moeda ou a cortes ainda maiores no crédito para outros setores da economia".

Esta seria a razão de se adotar

a "decisão política de substituir-se, gradualmente a vantagem do subsídio pela vantagem de um preço mínimo que de tranquilidade ao produtor se tiver que vender sua produção ao Governo". O ministro repetiu diversas vezes a intenção de dar aos produtores preços mínimos decentes, como um estímulo à melhoria da produtividade agrícola.

## INTERESSE REGIONAL

O interesse maior do Consoja ficou realmente regionalizado para o Mato Grosso do Sul, que encontra na expansão de sua fronteira agrícola uma das saídas para o desenvolvimento econômico do Estado. E durante o Consoja muito se falou da abertura de novas áreas do cerrado e das perspectivas de desenvolvimento da lavoura de soja naquela região.

Mas será que de nada adiantou 600 pessoas se reunirem durante uma semana para falar sobre soja? Isto, francamente, não pode ser dito. Alguma coisa de novo sempre se aproveita em encontros deste tipo. O claro, porém, é que ainda não está madura uma discussão mais profunda e conseqüente para o problema da soja. Mesmo porque, quem tem alguma alternativa segura para propor aos produtores?



Sylvio Amado, presidente da Famasul, fez a abertura do Consoja

## Recebimento unificado

Uma das comissões que se reuniu paralelamente ao Congresso tratava de padronização de sistemas e normas de recebimento da soja em todo Brasil. A discussão sobre este assunto está sendo patrocinada pelo próprio Ministério da Agricultura, devido a diversidade de critérios que são adotados em todo país. Mesmo que existam normas que devem ser obedecidas sobre umidade, impurezas, etc, cada indústria e cooperativa adota descontos diferentes. A intenção, agora, é que todos trabalhem com as mesmas tabelas e não descontem apenas do produtor quando ele entrega produto muito úmido, por exemplo, mas que também

paguem um pouco mais quando o produto entrar com teores de umidade menores do que os 14 por cento estabelecidos como básico.

No Congresso, devido a pouca representatividade de produtores, as cooperativas participantes evitaram uma tomada de posição. Foi marcada uma nova reunião que deve acontecer dia 17 de agosto em Curitiba. Ali deverão ser unificados os critérios de recebimento, dentro dos padrões de qualidade exigidos pelo Ministério: 14% de umidade, 30% de grãos quebrados, 3% de impurezas, 8% de grãos avariados (ardidos, brotados, etc) e 10% de grãos esverdeados.

José Haroldo Galassini, presidente da Cooperativa de Campo Mourão, no Paraná, acabou sendo conferencista do I Consoja sem querer. Ele fora convidado para debater com o ministro Delfim Netto os problemas da Agricultura. O ministro não foi ao Consoja e Galassini, no lugar de fazer perguntas, levantou uma série de críticas e problemas da agricultura nacional.

Ele começou falando de comercialização e sobre a interferência do Governo nesta área. Ele tomou uma posição, que recebeu o apoio de vários outros conferencistas que passaram pelo microfone, de discordância com a interferência que existe nesta área. Sobre o draw-back, por exemplo, que consiste na importação de soja para cobrir a capacidade ociosa das indústrias e posterior exportação do produto já industrializado, ele disse não ser contra o sistema. Ele é contra — assim como outros representantes de produtores — a autorização de se realizar um draw-back, como acon-

teceu este ano, bem no momento em que os produtores brasileiros estão colhendo sua soja. Isto força o mercado para baixo, pois se as indústrias têm produto para beneficiar, os preços internos da soja ficam reduzidos.

Galassini também fez uma proposta de modificação de uma lei que trata da classificação dos produtos agrícolas. A sugestão que ele trouxe ao Consoja — e que já foi aprovada na Organização das Cooperativas do Estado do Paraná — é que também as entidades privadas, como as cooperativas, possam classificar todos os seus produtos com validade perante quaisquer órgãos. É que atualmente está existindo um verdadeiro monopólio do Estado na classificação dos produtos, o que acaba onerando o produtor. Segundo ele, as cooperativas possuem técnicos com curso de classificação devidamente reconhecido pelo Ministério da Agricultura e podem, perfeitamente, executar este trabalho.

## Importações fora de hora

## A representação é insuficiente

“Não faço parte do Governo, não ocupo função nenhuma” disse Mário Stadler de Souza, representante da Agricultura no Conselho Monetário Nacional, ao iniciar sua palestra no I Consoja. Stadler, que é paranaense, ocupa a função que há pouco tempo foi criada junto ao Conselho, que é o local onde são aprovadas as medidas econômicas postas em prática pelo Governo. Essa sua afirma-

ção foi no sentido de evitar que as críticas à política agrícola recaíssem sobre sua pessoa, “pois muitas vezes também sou crítico do Governo”.

Mais tarde, numa entrevista com jornalistas, Stadler colocou que a participação no CMN é válida mas insuficiente. A agricultura, segundo ele, deveria ter mais representantes, como acontece com a indústria e o comércio, que têm vários de seus setores representados:

— Muitos dos participantes do Conselho não sabem discutir e não são sensíveis aos problemas da agricultura. Às vezes se fica sozinho defendendo uma posição. Eu, por exemplo, tive que aprender tudo sobre óleo de dendê, sobre juta, para poder discutir esses assuntos.

O ideal, segundo ele, é que mais setores da agricultura sejam também representados no Conselho, para desta forma se ter uma maior força para discutir e fazer prevelecer os pontos de vista do setor.

Uma das posições defendidas por Stadler durante sua palestra foi a venda antecipada da produção agrícola. Desta forma, segundo ele, os produtores poderão atingir o crédito que falta para a formação de suas lavouras, criando um sistema de auto-financiamento agrícola:

— Deixo a idéia aos sindicatos, produtores e estudantes, para que ela seja estudada e vá se adequando às nossas necessidades. A intenção é que não fiquemos sempre na dependência do Governo, pois o Brasil é o país que tem a agricultura mais estatizada do mundo.



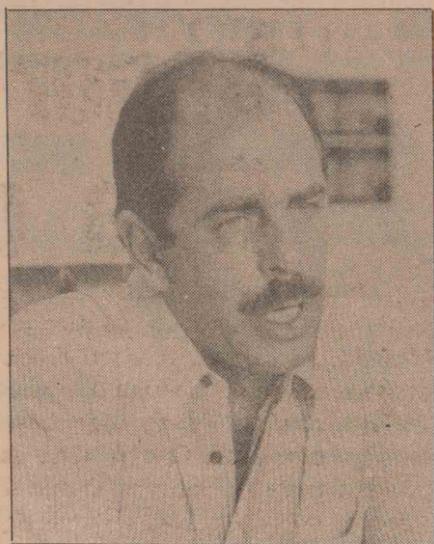
Stadler: também crítico

## Falar mais em custos

Falar menos em produtividade e mais em custos, adotando um novo comportamento em relação à atividade agrícola foi uma das propostas lançadas pelo presidente da Cotrijuí, Ruben Ilgenfritz da Silva, durante sua participação no Consoja. Segundo ele, todo processo produtivo está sendo induzido a aumento da produtividade sem que exista, em contrapartida, uma preocupação séria em relação aos custos deste aumento de produtividade:

— E não adianta só nos preocuparmos com os custos dentro da propriedade. Nossos custos de transporte também são altíssimos, porque transporte para nós é asfalto. É por caminhão que transportamos 72,8 por cento da produção de soja, 89,3 por cento do milho, 46,7 por cento do farelo e 68,8 por cento do óleo. O custo médio do transporte da soja no Mato Grosso do Sul hoje chega a 35 dólares a tonelada. No Rio Grande do Sul ele é de 24 dólares. Já nos Estados Unidos — este dado não é muito recente — o custo médio dos armazéns aos portos andava em torno de 7 dólares a tonelada. Então não é apenas dentro da nossa propriedade que vamos poder reduzir os custos. O custo do transporte inviabiliza a produção.

No Mato Grosso do Sul, por exemplo, não está sendo explorada a capacidade de transportar por



Ilgenfritz: preocupação com os custos

via fluvial a produção primária, o que reduziria em muito estes custos. Ruben lembrou da possibilidade de construção de um terminal fluvial em Porto Murtinho, para embarque da produção e descarga dos insumos usados na formação da lavoura.

Outra proposta levantada pelo presidente da Cooperativa foi a formação de uma bolsa sul-americana para a comercialização da soja. Isto poderia diminuir a extrema dependência que o produto sofre das oscilações da Bolsa de Chicago, que nada mais é, segundo ele, do que a cotação interna do mercado norte-americano. Uma bolsa regional poderia criar parâmetros nossos para remunerar a produção.



## As propostas das comissões

As decisões mais importantes tomadas durante o I Consoja nem chegaram a ser debatidas no plenário. A forma de aprovação adotada pelos organizadores do Congresso resumia a delegados das Federações de Agricultura dos estados produtores de soja o direito de voto sobre as questões levantadas nos trabalhos das comissões especializadas. Foi também dos delegados que veio a aprovação de um documento do Consoja, a Carta de Campo Grande, que nem chegou ao conhecimento de muitos dos participantes do encontro.

Esta carta, embora tenha um conteúdo crítico, não foi nada original. Ela apenas repetiu as manifestações já conhecidas do setor agrícola e, inclusive, tratou menos da soja do que de problemas gerais da agricultura. É uma carta extensa, dividida em 14 itens, onde se aborda as preocupações em relação ao crédito rural, preços de produtos agrícolas, escoamento de safras, etc.

### AS COMISSÕES

As principais proposições encaminhadas pelas comissões especializadas são o resultado de trabalhos específicos sobre crédito rural, uso da soja na alimentação e comercialização.

No crédito rural algumas das proposições aprovadas foram: eliminar a discriminação no tratamento de pequenos, mé-

dios e grandes produtores, concedendo VBCs de 100 por cento para todos os produtores; que sejam consideradas as diferenças regionais na liberação de recursos de VBCs e preços mínimos; acréscimo de 30 por cento previsto no Estatuto da Terra quando da fixação dos preços mínimos.

A Comissão que tratou do uso da soja na alimentação recomendou a criação de uma comissão de alto nível para incrementar e disciplinar o uso da soja na alimentação; introdução da farinha de soja à de trigo até níveis tecnicamente viáveis, para reduzir as importações de trigo e elevar o valor nutricional do pão; que se incremente o uso da soja e dos seus derivados através da LBA, Forças Armadas, projetos civis, como Itaipu, Carajás e outros.

A comissão de comercialização pediu maiores estímulos para a venda do produto no mercado externo, quando este estiver favorável. Entre outras proposições, foram aprovadas as seguintes: que o produtor receba os mesmos estímulos de exportação que são concedidos pelo Governo aos exportadores de produtos manufaturados; desenvolvimento de indústrias beneficiadoras de soja nas regiões produtoras; compra da produção baseada nas bolsas de mercado físico; vencimento das carteiras de custeio com um ano de prazo, permitindo a realização das vendas quando o produtor achar conveniente.

## O Conselho não saiu

Duas questões levantaram uma certa discussão durante o I Consoja. Uma delas era sobre a criação de um Conselho Nacional da Soja, a exemplo do que já existe para o café e está sendo consolidado para a carne. Só que ao contrário do que acontece com estes outros setores da produção primária, a idéia era que apenas produtores se reunissem neste Conselho.

A proposição não foi aceita por grande parte dos participantes do Consoja, que concordaram com uma afirmação feita pelo presidente da Cotrijuí, Ruben Ilgenfritz da Silva, de que “chega de conselhos, de comissões”. Ele afirmou, na ocasião, que já existem entidades para representar e defender os interesses dos produtores: as cooperativas, na parte mais econômica, e os sindicatos nas questões políticas. O que precisa é reforçar estas entidades para que tenham representatividade.

Exatamente esta questão de representatividade também foi muito discutida. Isto em função do fato que mesmo a Agricultura tendo assento — através de seu representante, Mário Stadler de Souza — no Conselho Monetário Nacional, muitas vezes — senão na maioria — ela não tem força para conseguir a tomada de decisões que realmente beneficiem o setor primário. O próprio Stadler falou de suas dificuldades de discutir com homens que não entendem e não tem interesse pelos problemas da agricultura.

Foi também de Ilgenfritz que partiu uma auto-crítica para o próprio setor agrícola, que não está fornecendo informações e cobrando do seu representante uma atuação que realmente venha ao encontro dos interesses da classe produtora. Segundo Ilgenfritz, enquanto o produtor realmente não encontrar eco na área oficial para as reivindicações, não adiantará ter nem cinco, seis ou dez representantes no Conselho.

# MELHOR PASTO CONSERVANDO OS CAMPOS

Sem que seja preciso apelar para a aração, sem que seja preciso mexer tanto com a estrutura do solo, sem que seja preciso dispende tempo e dinheiro no trabalho de plantio, o criador pode perfeitamente manter seu rebanho bem alimentado apenas com o campo nativo. A implantação de pastagens cultivadas, tanto de verão como de inverno, nem sempre é a melhor opção econômica na alimentação do rebanho. Desde que o criador procure conservar e aproveitar o campo nativo existente na propriedade (através de uma adubação ou introdução de outras pastagens nativas, principalmente durante o inverno) não será preciso lançar mão da introdução de pastos cultivados.

Por Dom Pedrito, onde os campos ainda predominam sobre a agricultura, muito criador de gado já anda se conscientizando do valor e da importância da conservação do pasto nativo. "É de lamentar", diz o agrônomo Marcelo Rech Pereira da Costa, que faz parte do

Departamento Técnico da Cotrijuí naquela unidade, "que algum produtor ainda substitua pastos como a grama forquilha, o capim melador, o desmódio (também conhecido por pega-pega) que são pastagens de verão, ou ainda o trevo carretilha, a babosa ou a ervilhaca, que são nativas de inverno, por outras pastagens que não são originárias da região". O recomendado é melhorar este campo com a introdução de outras pastagens nativas.

## O SOLO TAMBÉM CONTA

Conservando os campos nativos o produtor também estará conservando o solo, na medida em que não é mexida sua estrutura física. Não existindo os trabalhos da lavração e gradagem, que são necessários na implantação de pastagens cultivadas, os riscos de uma perda de solo ficam bastante reduzidos. Ou como diz o Marcelo:

— Toda vez que chove, se o solo foi remexido, a parte superficial que serve de sustentação ao casco



Os animais auxiliam no enterrio das sementes

dos animais, se transforma em barro. Com isso, a pastagem acaba morrendo.

Os campos nativos de Dom Pedrito, inclusive, são conhecidos como das melhores áreas para a criação de gado. Só o que é preciso é melhorar estes campos para que não exista o risco de toda pastagem se liquidar pelo constante pastoreio.

É claro que no inverno a preocupação do produtor de gado tende a aumentar, pois é sabido que nestas épocas, devido às geadas, as pastagens nativas não produzem massa verde em quantidade suficiente para garantir a alimentação do gado. "Mas nessa hora", como comenta o Marcelo, "nada é melhor do que introduzir uma outra pastagem junto à nativa de inverno, como, por exemplo, o trevo branco".

## MENOS TRABALHO

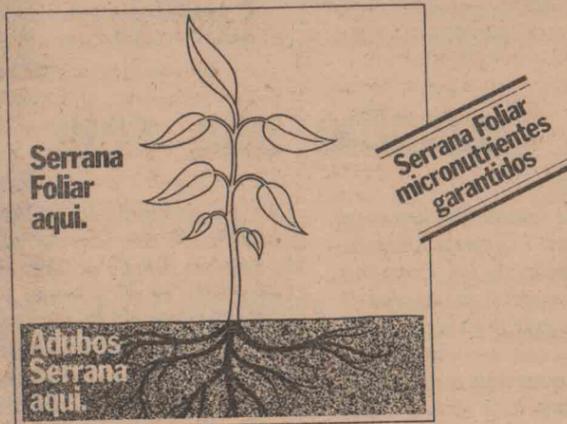
O Marcelo inclusive assegura que não existe necessidade de fazer qualquer lavração ou gastos excessivos com a introdução de uma outra pastagem para melhorar o campo

nativo. Basta apenas realizar uma gradeação no campo e atirar a semente a lanço:

— Depois, o próprio casco do animal vai se encarregar de pôr a semente em contato com o solo, facilitando a germinação. Neste caso, quem mais contribui é a ovelha, que é muito abundante na região de Dom Pedrito.

No lugar do lanço, também pode ser utilizada uma semeadeira convencional, que funciona com discos na frente e abre sulcos no solo onde deposita a semente e o adubo. Mesmo adotando este processo a estrutura do solo não fica tão afetada como com a prática de introdução de pastagens. Porém a maneira mais simples de melhorar o campo nativo consta de um rebaixamento da pastagem de verão, pois este campo já está seco e não volta a germinar durante o inverno. Neste caso, apenas se atira as sementes sobre o solo e se solta o gado no campo. Será o gado quem vai auxiliar no enterrio das sementes.

## Chegou Serrana Foliar: um final feliz para um bom começo.



Plantação que começou bem, com solo preparado, boas sementes e adubos Serrana tem quase tudo para se transformar numa boa safra.

Para garantir o final feliz, a Quimbrasil acaba de lançar o Serrana Foliar. Serrana Foliar contém a quantidade adequada de macronutrientes mais os micronutrientes necessários para a alimentação das plantas nas suas diversas fases de desenvolvimento,

garantindo lucro certo.

Quem já conhece a qualidade Quimbrasil sabe que pode confiar em tudo o que está escrito na embalagem do Serrana Foliar.

E sabe que terá orientação segura para a utilização racional do produto para cada tipo de plantação. Consulte os técnicos da Quimbrasil. E garanta um final feliz para a sua safra.



Serrana Foliar  
Um lançamento com a qualidade

Quimbrasil

## Aproveitar o que se tem

Utilizando pequenas áreas para experiências, Eduardo José Costa Pereira Duval, criador de cavalos, bovinos e ovinos na "Estância do Gingo", no 1º subdistrito de Leões, em Dom Pedrito, vem fazendo melhoramentos em seus campos nativos através de adubação fosfatada e introdução de algumas leguminosas que produzem uma quantidade maior de massa verde. "A riqueza e a importância do campo nativo é tão grande que jamais deverá ser destruído", comenta o Eduardo. "O criador tem de se convencer de que precisa aproveitar melhor o que dispõe na propriedade, oferecendo-lhe melhores condições

através de uma adubação, sem necessidade de substituir a grama forquilha, o pega-pega, a babosa, o trevo polimorfo, a ervilhaca...".

A área de campo nativo que melhor respondeu aos melhoramentos foi onde o Eduardo introduziu o cornichão. Por volta de 1977 o cornichão foi cultivado nessa área de maneira convencional, mas ainda este ano parece que a pastagem foi recém implantada, tanta foi a adaptação. "A pastagem nativa fechou, e o cornichão passou a conviver em perfeita harmonia". O Eduardo atribui essa conservação ao manejo correto da pastagem, utilizando o pasto apenas de março a outubro. Até

dezembro a pastagem costuma ficar em descanso para a produção de sementes. Mais ou menos ali por janeiro é feito o feno, rico em sementes, que é distribuído aos animais da propriedade, "que por sua vez, garantem a sementeação pelos campos", reforça o Eduardo. Tanto deu certa a sua experiência que ele acredita que o cornichão tem sido, até o momento, a leguminosa que melhor se comporta lá pelos campos de Dom Pedrito.

Como os campos de Dom Pedrito são pobres em espécies nativas de inverno, o Eduardo sugere que se acrescente ainda o azevém junto às nativas. "As gramíneas que existem, como a "flexinha" ou o "pictochaetium" não produzem massa verde suficiente para alimentar toda a criação durante o inverno. A introdução do azevém viria suprir essa falta".



**COTRIEXPORT**

CORRETORA DE SEGUROS LTDA.

A COTRIJUI, dispõe de sua própria Corretora de Seguros prestando serviços aos associados, funcionários e amigos.

Seja você o próximo a usar os seus serviços, pedindo quaisquer informações sobre SEGUROS em geral.

Seguro é com a COTRIEXPORT — mais um elo da união.

# O PROTESTO DO DESESPERO

Um suinocultor do município gaúcho de Casca, Luiz Tebaldi, se enforcou no paiol porque não conseguiu pagar a dívida de Cr\$ 10 milhões de seus investimentos na criação de porco. Dias depois, produtores do município mataram a pauladas centenas de animais, num dos protestos mais violentos contra a situação de crise da suinocultura.

Dias antes, em Frederico Westphalen, os produtores soltaram 100 suínos num estádio de futebol, enquanto milhares de pessoas se batiam para conseguir pegar um dos porcos. Mais tarde, em Chapécó — Santa Catarina — os suinocultores também distribuíram carne de porco no centro da cidade. Em Concórdia, outro município catarinense, o protesto dos suinocultores veio de uma forma insólita: em plena Exposição Nacional de Suínos, lançaram de um avião, de pára-quadras, um leitão de três meses de idade.

A matança, a distribuição de carne, o porco de pára-quadras, foram as manifestações que mais chamaram atenção. Mas em todas as regiões produtoras, tanto em Santa Catarina como no Rio Grande do Sul, os produtores vêm discutindo e protestando contra a situação de crise que promete arrasar a economia do produtor de suínos.

## PRESSÃO

As formas de pressão para que o problema tenha uma solução que sirva ao produtor estão sendo bastante analisadas em encontros que têm reunido produtores de vários municípios. O boicote à comercialização do suíno vivo, uma medida que chegou a ser posta em prática no ano passado, está praticamente descartada. E



Um conselho é reduzir, mas não eliminar, os plantéis

isto por duas razões: o porco continuará dando prejuízo enquanto continuar no chiqueiro, além de ser difícil contar com a adesão de todos os produtores a este tipo de mobilização e protesto.

Numa reunião que aconteceu em Três Passos, no dia 15 de julho, com 150 participantes de várias regiões produtoras do Rio Grande do Sul, foi também eliminada a proposição de acabar totalmente com os plantéis. Durante as discussões se analisou que é isto exatamente que muita gente quer que o produtor faça: mate todos seus porcos e deixe espaço para que apenas os grandes criadores de suínos e ainda os projetos integrantes junto a fri-

goríficos possam subsistir a esta crise.

A forma de pressão mais viável foi a de acampar em frente ao Palácio Piratini. O protesto, desta forma, ficaria bastante público. Se decidiu ainda pelo boicote a todas feiras de suínos que serão realizadas no Rio Grande do Sul, a começar pela Fenasoja. Foi resolvido ainda aconselhar os produtores a diminuir seus plantéis, mas não eliminarem totalmente seus animais, para que possam retornar à atividade tão logo a situação se equilibre. Outro conselho é no sentido dos produtores estruturarem sua produção de acordo com sua possibilidade real de produção de alimentos, principalmente de milho.

## Novo preço e venda direta não aliviam a situação

Duas medidas adotadas pelo Governo para reduzir os protestos dos suinocultores não conseguiram aliviar em nada a crise do setor. A primeira foi um reajuste no preço mínimo, que passou de Cr\$ . . . 48,00 para três preços diferentes, quando postos no frigorífico: Cr\$ 65,00 para o porco tipo exportação (o branco) Cr\$ . . . 55,80 para o misto (como o Duroc) e Cr\$ 49,60 para o tipo banha (porco preto, comum). A outra medida foi a de permitir que os produtores realizassem a comercialização direta dos suínos com os consumidores. Nenhuma das duas, como analisam as lideranças dos produtores, conseguirão resolver em nada a situação de verdadeira calamidade financeira dos suinocultores.

O preço, por exemplo, está inclusive inferior ou no mesmo nível daquele praticado pelos frigoríficos. E, inclusive, muito abaixo do custo de produção de um quilo de suíno vivo. A própria Embrapa, que é o órgão oficial de pesquisa do Governo, calculou o custo de produção em Cr\$ 78,93, tomando como base a situação do mercado em abril, maio e junho deste ano. E tem mais: a nível de produtor o preço não vai ficar nestes valores fixados pelo Governo. Pelo porco branco, por exemplo, ele alcançará no máximo Cr\$ 62,00, em função dos descontos

como o frete. Isto sem falar que o dinheiro só vem depois de 30 dias.

A fixação de três preços diferentes também foi criticada pelo presidente da Fetag, Orgênio Rott:

— Por acaso quando o consumidor for comprar carne de porco no açougue vai pagar preço diferente pelo porco preto, misto ou branco?

Canísio Weschenfelder, secretário da entidade, disse que estes preços são uma piada, pois estão abaixo do custo de produção, “o que dá a entender que as autoridades federais querem desestimular a criação”.

## VENDA DIRETA

Outra medida considerada inconseqüente é a da venda direta dos suínos aos consumidores. A intenção do Governo ao autorizar esta comercialização direta, segundo o ministro da Agricultura, Angelo Amaury Stabile, é permitir que a carne de porco chegue ao consumidor a um preço máximo de Cr\$ 120,00, contra os Cr\$ . . . 180,00 a Cr\$ 200,00, e média, que estão em vigor atualmente.

“Isto é outro papo furado”, diz um produtor de Ijuí, Harri Treter, “porque vão liberar a venda e no fim não vai resolver nada o problema. O produtor não tem condições de vender de casa em casa este

porco. É, o produtor e o consumidor são as duas pontas críticas. É o mesmo que acontece no leite: o produtor ganha pouco, mas o consumidor paga muito”.

Quem também pensa que a comercialização direta é praticamente inviável é o João Klohn, agrônomo responsável pela área de suinocultura da Cotrijuí. Primeiro porque mesmo reduzindo um pouco o preço, não se estaria viabilizando realmente um maior consumo de carne de porco pela população. Ela não come porco como também não come gado, nem peixe, nem galinha, porque não tem dinheiro para comprar.

Outro ponto é a dificuldade do produtor colocar no mercado sua produção, já que ele teria que montar estruturas paralelas de comercialização. É o João quem conta:

— Vamos pegar apenas o exemplo de Ijuí para mostrar o quanto é difícil viabilizar a comercialização direta por todos os produtores. Quem é que iria comprar a carne que todos produtores teriam para colocar no mercado? A população que mora na cidade de Ijuí não absorve sozinho todos os suínos produzidos no município. E a situação é a mesma em outros lugares. Não é possibilitando a venda direta que o problema da suinocultura vai ser resolvido.

## Proagro ficou mais caro

Agora é o produtor quem escolhe qual a faixa de cobertura de Proagro — Programa de Garantia da Atividade Agropecuária — que vai querer para a sua lavoura. Só que vai pagar bem mais caro para poder receber a indenização que é concedida nos casos de frustração na colheita.

A decisão foi tomada pelo Conselho Monetário Nacional e anunciada juntamente com os novos Valores Básicos de Custeio (veja na matéria que está na página 5). Agora a indenização do Proagro pode cobrir de 70 a 100 por cento do VBC, conforme aquilo que for acertado entre o produtor e o banco na hora da tomada do financiamento. O custo do Proagro, porém, vai depender também do número de vezes que o agricultor utilizou esta indenização para a mesma lavoura nos últimos três plantios.

Quem nunca recorreu ao Proagro vai pagar uma taxa que também varia de acordo com a margem de cobertura do Proagro: 1 por cento sobre o valor do financiamento no caso de escolher a cobertura de 70 por cento, 2,5 por cento na cobertura de 80 por cento, 3,5 por cento na cobertura de 90 por cento e 5,5 por cento para cobrir 100 por cento do VBC. Quem já utilizou uma vez o Proagro vai pagar, respectivamente, as taxas de 3 por cento, 4,5 por cento, 6 por cento e 8 por cento. Quem usou duas vezes pagará 5 por cento, 7,5 por cento, 10 por cento e 12,5 por cento. As taxas mais altas são cobradas dos produtores que já usaram três vezes consecutivas, na mesma área e para a mesma lavoura, a cobertura do Proagro. Eles deverão pagar 7 por cento, 11 por cento, 15 por cento e 18,5 por cento, de acordo com a margem de cobertura solicitada.

## Feira de Gado Leiteiro

Mesmo sem atingir os índices de feiras anteriores, a IX Exposição de Gado Leiteiro de Ijuí realizada no Parque Regional de Feiras e Exposições “Assis Brasil”, entre os dias 25 e 27 de julho, alcançou resultados bastante satisfatórios. Dos 421 animais inicialmente inscritos, estiveram à venda na exposição 298, dando uma abstenção em torno de 30 por cento. Aproximadamente 200 animais foram comercializados, repetindo-se este ano o que já havia acontecido no ano passado, quando o maior volume de negócios ocorreu à nível de galpão, em contato direto entre o comprador e o vendedor e não mais em leilões, como vinha acontecendo em outros anos.

O animal que alcançou maior preço foi vendido por Cr\$ 300 mil, e o de menor preço alcançou Cr\$ 50 mil. A média por animal comercializado ficou ao redor de Cr\$ 97 mil e o volume de dinheiro negociado na IX Feira andou em torno de Cr\$ 19.500.000,00.

Expositores de 15 municípios da região estiveram participando da Feira do Gado Leiteiro.



# A LAVOURA NO MÊS



**BATATA**

mais elevados tem favorecido o desenvolvimento das hortaliças nos últimos dias, e agora elas apresentam bom vigor.

O frio que se tem verificado não está prejudicando a maioria das hortaliças, pois elas normalmente são plantas de inverno e, portanto, tolerantes a baixas temperaturas.

As hortaliças de folhas podem ser prejudicadas. Porém, como elas são de rápido desenvolvimento, em pouco tempo é possível repor a produção.

Neste período já podem ser preparadas as sementeiras antecipadas de verão, para se ter pepino e tomate logo após o fim do inverno, quando os seus preços ainda são muito elevados. A semadura antecipada pode ser feita em canteiros cobertos com plástico, deixando-se no fundo do solo uma camada de esterco em decomposição que aquecerá o solo e o ar abaixo da cobertura de plástico.

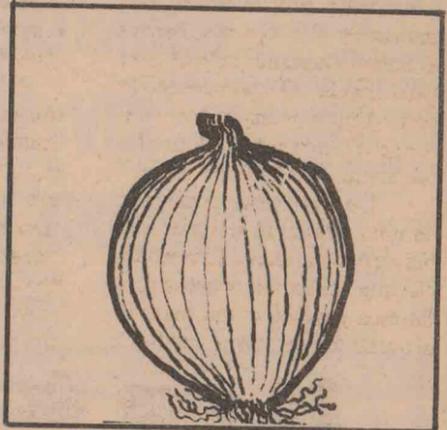
O vigor das plantas também é satisfatório. Por esta razão se recomenda aos produtores maior cautela na aplicação de adubos nitrogenados (uréia), pois pelo que se tem observado, esta aplicação não será necessária em muitas lavouras.

O controle dos inços é uma preocupação constante neste período, para que o excesso de competição com as ervas não venha a prejudicar os rendimentos da lavoura.

O período já é também de início da possibilidade de ataque de trips. Por esta razão o produtor deverá estar atento para efetuar o seu controle logo de início, evitando maiores danos. A identificação do trips às vezes é muito difícil, devido ao seu pequeno tamanho. Assim, existindo quaisquer dúvidas, elas devem ser esclarecidas junto ao Departamento Técnico de cada Unidade.

edição de junho do Cotrijornal, pelo que recomendamos uma leitura deste artigo e ainda um contato com o Departamento Técnico para esclarecer as dúvidas que persistam.

O tratamento de inverno é igualmente uma prática importante para essas espécies. Recomendamos que sejam buscadas maiores informações, pois cada pomar — mesmo doméstico — apresenta características próprias, que são muito importantes na escolha do tratamento.

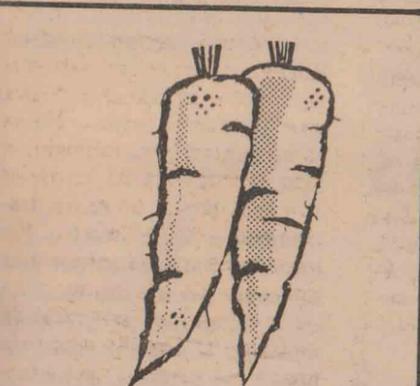


**CEBOLA**

**Região Pioneira:** As lavouras de cebola estão apresentando um desenvolvimento muito bom, o que é conseqüência, em parte, do calor do início do mês. Este vigor da planta dispensa, em muitas lavouras, a aplicação de Ureia. Esta aplicação até mesmo deve ser evitada, para impedir que as plantas fiquem excessivamente vigorosas e tenham uma redução na produtividade. A exemplo do alho, o trips também deverá ser uma preocupação, pois é uma praga difícil de ser observada, mas que causa graves danos à produção.

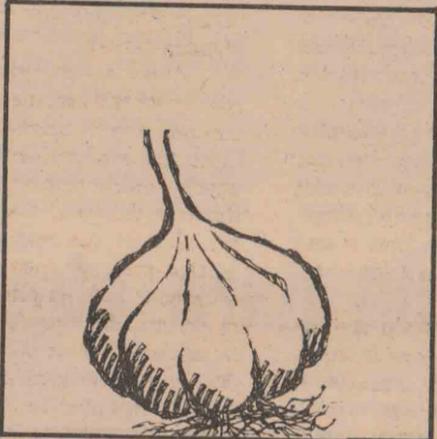
A Cooperativa continua dispondo de sementes nas diversas unidades. Apesar disso, alertamos aos interessados que, como acontece com toda semente disponível na região, ela não apresenta garantia de estar isenta de murchadeira. A semente é adquirida de outras regiões e não existe no Estado um órgão que efetivamente fiscalize a qualidade da semente de batata que é comercializada.

O forçamento da brotação da batata é uma técnica que pode ser melhor explicada através de um contato do produtor com o Departamento Técnico.



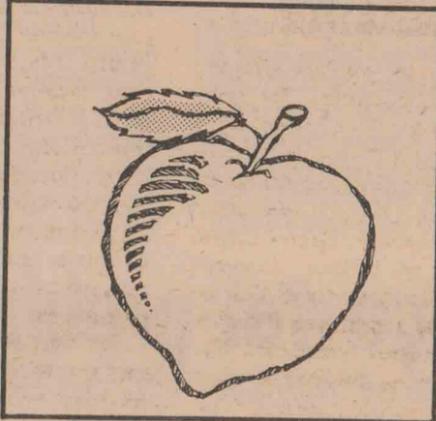
**HORTALIÇAS DIVERSAS**

A umidade do solo em níveis



**ALHO**

A maioria das lavouras de alho vem se desenvolvendo bem, não se verificando, de maneira significativa, o ataque de moléstias ou pragas.



**PESSEGOS, AMEIXA E UVA**

Estas três espécies, apesar de serem bastante diferentes, apresentam uma característica em comum, ou seja, a conveniência de se efetuar uma poda. A poda está descrita na

Compre nas  
Lojas Cotrijuí  
os produtos  
da Walita

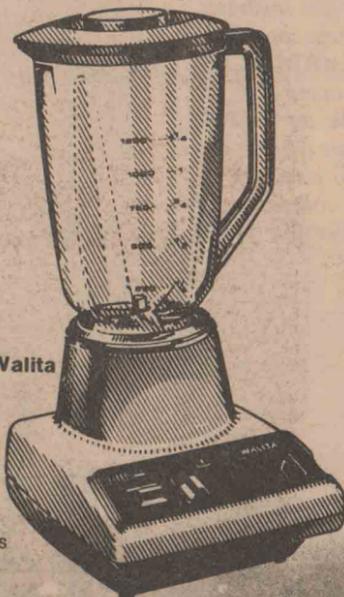
**WALITA**  
Produtos Honestos



Novo Aspirador Portátil Walita.

Liquidificador Walita  
Poliwalente - LI

- Motor com avançados recursos. Não desperdiça energia.
- Dez velocidades pré-programadas.



Batedeira Walita - Topa-Tudo

- Topa qualquer massa. Moderníssima. Muito leve.



Ferro Automático Walita

- Leveíssimo. Uma temperatura certa para cada tipo de tecido.

● Acessórios para aspirar tudo: tapetes, carpetes, assoalhos, cortinas, móveis estofados e até o pó dos cantos mais difíceis

# DEVAGAR COM A COLZA

Mesmo que a área de colza da Região Pioneira da Cotrijuf tenha aumentado consideravelmente, ela não chegou a atingir as estimativas previstas, que eram de 8 mil hectares. A área plantada com colza ficou em 4.250 hectares, prometendo uma produção em torno de 500 a 600 toneladas. "É uma área bastante satisfatória", diz o agrônomo Volney Luiz de Mattos Viau, do departamento técnico da Cotrijuf, "se levarmos em conta que muito mais produtores estarão envolvidos com uma cultura que ainda pode ser considerada nova". O Diretor da Região Pioneira, Bruno Eisele, por sua vez, diz que a cooperativa não procurou forçar ninguém a entrar na colza, "pois somos de opinião que as coisas precisam andar devagar".

Na hora de se decidir pela colza, o produtor andou esbarrando em muitos fatores, que vão desde a própria indefinição na escolha de uma opção de inverno, dúvidas em relação a uma cultura que não conhecem direito e VBC muito baixo, se comparado com o do trigo. Talvez o VBC é que tenha pesado mais na hora da decisão

final. Para formar a lavoura de trigo, o produtor podia pegar um dinheiro, que variava de Cr\$ 13.100,00 a Cr\$ . . . . . 21.200,00 por hectare, enquanto que para a lavoura de colza o dinheiro ficava entre Cr\$ . . . 8.025,00 a Cr\$ 13.376,00. "Nas condições atuais, explica o Volney, "é claro que o produtor ia optar pelo trigo, já que o dinheiro era bem maior. Só de adubo o produtor ia gastar quase todos esses Cr\$ . 8 mil".

## A FALTA DE COBERTURA

Como não existe um preço oficial para a colza, embora já tenha sido encaminhado, através do Comitê Central da Colza, uma proposta ao Governo solicitando a fixação de um preço mínimo, e nem tão pouco existe Empréstimo do Governo Federal - EGF - para cobrir a cultura, "a cooperativa tem procurado dinheiro no comércio, com custos bem elevados para liquidar a safra", explica o Bruno Eisele. Se houve uma demora na liquidação da safra, "é porque a cooperativa ainda enfrenta dificuldades para trabalhar com uma cultura que recém está ganhando mercado". Por outro lado o diretor

Regional critica a falta de atenção, por parte do governo federal, às culturas novas.

- O governo fala tanto em diversificação, lança campanhas, mas não oferece nenhuma cobertura financeira. As cooperativas se vêm obrigadas a se virarem por fora para conseguirem dinheiro para pagar o produtor.

Bruno Eisele reconhece que o produtor tem certa razão de reclamar do atraso na liquidação da safra. "Tudo gira em torno de dinheiro para pagar a produção e da colaboração da produção no mercado. E tudo tem custos: armazenagem, secagem, beneficiamento, análises, pesquisas, a própria produção de sementes. "Afinal", complementa o Volney, "já são 8 anos que a cooperativa vem investindo em cima da pesquisa da colza".

## O PREÇO PARA A PRÓXIMA SAFRA

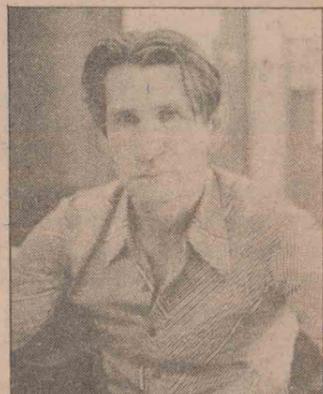
De acordo com os custos da lavoura e com a produtividade esperada - em torno de 1.200 quilos por hectare - o preço da colza para a próxima safra deverá ficar em Cr\$ . . . . 1.672,00 pelo saco de 60 quilos, que é a sugestão de preço



O plantio de colza na área da Cotrijuf alcançou 4.250 hectares

mínimo. Segundo Volney esse preço viria cobrir perfeitamente os custos da lavoura e ainda computaria os 30 por cento de lucratividade a que tem direito o produtor. "O preço tem que ser compatível com o custo de produção da indústria", explica o agrônomo. "Para estipular um preço, a indústria vai levar em conta o teor de óleo - o que produz de óleo uma tonelada de colza e o que produz de farinha - "e ainda por cima", completamente Bruno Eisele, "as fábricas de ração estão oferecendo certa resistência ao farelo da colza, por estarem acostumados a trabalharem só com o farelo de soja, que apresenta um teor de proteínas bem mais alto".

Os planos do diretor regional são de que, quem sabe até para a próxima safra, a cooperativa já tenha condições de



Bruno Eisele: custos do dinheiro

pagar pela colza o mesmo preço da soja. "Basta apenas que a Cooperativa consiga colocar bem o óleo no mercado". Só no ano passado a Cotrijuf industrializou 174 toneladas de óleo, "de excelente qualidade", que ainda está à espera do registro oficial para ser comercializado.

## Preço foi problema para alguns

Em Formigueiro, Augusto Pestana, o seu Ernesto Froner se queixa de que ainda não ouviu falar em liquidação da safra de colza. "Me adiantaram Cr\$ 700,00 na entrega da produção e até agora não vi mais nada. A promessa era de que a cooperativa ia pagar Cr\$ . . . . 1.000,00 pelo saco".

Mesmo que ainda não tenha recebido todo o dinheiro da colza, o seu Ernesto, que fez uma colheita de 120 sacos em 5 hectares, garante que o preço até nem foi dos mais ruins, "se comparado com os preços de outras culturas". Mas ele reclama da promessa que não foi cumprida e do atraso na liquidação. "Quem sabe até esse dinheiro ainda vem, só não sei quando".

Sé o seu Ernesto mesmo assim acha que o preço compensou, "deu para pagar o contrato", sua esposa, dona Elfrida, não perde a oportunidade e faz a sua reclamação dizendo que não está de acordo com o dinheiro pago pela colza.

O seu Reinaldo Arthur Arais, da Linha 11 Este, anda mais sossegado e garante que o preço da colza é a coisa que menos preocupa. Com o dinheiro dos 100 sacos que colheu, ele pagou o financiamento e ainda "fiquei com uns trocos em casa". Como entregou toda a produção para semente, ele recebeu de adiantamento os Cr\$ 700,00, depois mais Cr\$ . 300,00 na hora da liquidação

e ainda mais Cr\$ 200,00 de bonificação.

- A minha preocupação em plantar colza não é com o preço. Isso é o de menos. Claro que ajuda bastante, mas não é o principal. Prá mim o valor da colza está no bem que ela faz prá terra.

O seu João Neuberger, de Boca da Picada, Augusto Pestana, não vê as coisas pelo mesmo lado. Apesar de estar plantando colza pela primeira vez, já anda querendo saber como é que vai ficar o preço até a colheita. Pelos comentários dos conhecidos, o seu João já anda sabendo que o preço da safra passada não foi dos melhores. "Foi um preço meio apertado".

## DEMORA NA LIQUIDAÇÃO

A dona Lorena que trabalha na lavoura ao lado do seu João, acha que o preço desse ano foi muito pouco, e garante que até a colheita a colza não pode ficar por menos

de Cr\$ 2.000,00 por saco. "O pessoal da Cooperativa", comenta o seu João "anda falando que o preço pode ficar por uns Cr\$ 1.672,00 e mais um reajuste. Se desse por aí ou um pouco mais, pela produção que dá a colza, até que seria um bom negócio".

O preço andou incomodando bastante o Eclairton Kløver, também da Boca da Pi-

cada, que anda às voltas com a colza há dois anos. Toda a produção foi entregue como semente, "mas de preço fui muito mal", reclama.

A reclamação do Eclairton fica mais prô lado do preço da semente que é vendida ao associado - Cr\$ 50,00 o quilo. "Não entendo como é que o produtor recebe um tanto pelo produto, mas quando precisa

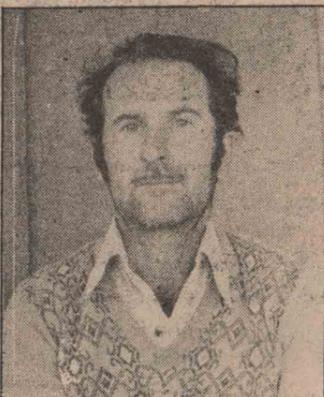
comprar o preço é três vezes mais caro. Me parece que essa diferença é um tanto exagerada". Ele reconhece que a cooperativa tem gasto muito dinheiro em pesquisa, armazenagem, classificação:

- Só acho que ela não pode tirar tudo de uma só vez do produtor.

As queixas do Eclairton não ficam só no preço. Ele quer saber porque a liquidação demorou tanto tempo para sair. Diz que andou ouvindo umas explicações, mas não ficou convencido. "Recebi o adiantamento logo depois da entrega do produto, mas o resto só veio seis meses depois, quando o dinheiro nem valia mais nada. E isso que nem saiu ainda a bonificação da semente. Está certo que atrase uns 60 dias, mas não 180".

## DEU UM LUCRO

O Oldemar Conrad, da Linha 6 Oeste, plantou colza em conjunto com a mãe, a dona Idalidia por uns dois anos. Por esse ano parou porque está esperando uma variedade nova. Não tem queixa do preço e garante que ele não tem nada a ver com o caso de não ter plantado esse ano. "A colza me deu um bom lucro. A liquidação é que andou meio demorando para sair, mas saiu e isso é o que importa". Tanto o Oldemar e dona Idalidia acreditam na colza, que já estão programando plantar uns 50 hectares no próximo ano.



Ernesto Froner: demora demais



Reinado Arais: boa pra terra



João Neuberger: compensação



Eclairton Kløver: mal de preço



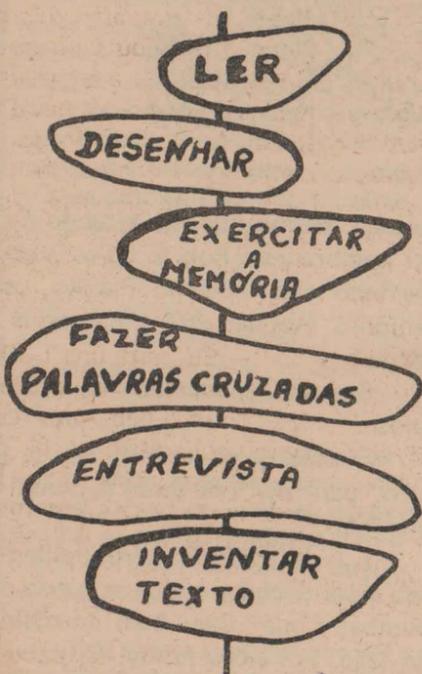
Idalidia Conrad: variedade nova



SUPLEMENTO INFANTIL

ELABORADO NA ESCOLA DE 1º GRAU FRANCISCO DE ASSIS - FIDENE IJUI

**NESTE NÚMERO**



**CARTAS**

Recebemos cartas dos seguintes leitores:

- Neidi Denise Bandeira - Ramada, Ajuricaba - RS.
- Márcio Dinis Bigolin - Linha 11 Leste, Vila Floresta, Ijuí - RS.
- Jussara Cortês - Linha Iracema, Chiapetta - RS.
- Andréia Maria Dallabrida - Linha 28 Norte, Ajuricaba - RS.

Descubra as palavras

C	A	N	G	U	R	Ú	O
E	L	E	F	A	N	T	E
P	E	O	M	G	C	G	G
R	H	O	A	B	F	D	D
O	B	C	M	E	A	I	J
C	A	P	Í	V	A	R	A
F	L	F	F	C	R	S	T
Q	E	B	E	I	U	V	X
X	I	H	R	J	Z	R	S
L	A	O	O	C	D	E	E
M	F	N	S	A	B	L	D

- ELEFANTE
- MAMÍFEROS
- BALEIA
- CAPIVARA
- CANGURÚ

Colaboração de:  
Neidi Denise Bandeira  
Ramada - Ajuricaba - RS.

**PALAVRAS CRUZADAS**

**VERTICAIS**

- 1 - Fruta de laranjeira.
- 2 - Tirar terra de.
- 4 - Feminino de mau.
- 5 - Sorri.
- 8 - Feminino de boi.
- 10 - Zona da cidade onde se faz agricultura.
- 11 - Dígrafo da palavra malha.
- 13 - Masculino de amiga.
- 14 - Masculino de galinha.
- 16 - Instrumento agrícola dentado.
- 19 - Instrumento agrícola (plural).
- 25 - Última sílaba do ovo.
- 27 - Aqui.
- 31 - Sobrenome.
- 32 - Oscar Tavares (iniciais).
- 33 - Cenoura, abóbora e vagem são...
- 34 - Feminino de anão.
- 35 - Cor do losângo de nossa bandeira.
- 36 - Terceira nota musical.
- 37 - Radical do verbo amar.
- 41 - Sorria.
- 42 - O contrário de sim.
- 46 - 10 x 100 =

**HORIZONTAIS**

- 1 - Produto que nos dá a vaca.
- 3 - Fruto da amoreira.
- 6 - Em + a
- 7 - 4 em romanos.
- 9 - Consoantes de granja.
- 12 - Lavar a terra.
- 15 - Vogais de cana.
- 17 - Encontrar.
- 19 - Vogais de reta.
- 20 - Colégio Naval (iniciais).
- 21 - Consoantes de nulo.
- 22 - Antes de Cristo (iniciais).
- 23 - Primeira sílaba de xodó.
- 24 - 56 em romanos, invertido.
- 26 - Vazia.
- 28 - 12 meses.
- 29 - Três últimas letras do arado.
- 31 - Astro-rei.
- 35 - Babá.
- 38 - Legume vermelho usado na salada.
- 39 - Graciosa, delicada.
- 40 - Dinheiro (gíria).
- 43 - Grito de dor.
- 44 - O que respiramos.
- 45 - Plural de mamão, sem a última letra.
- 47 - Pulo.

Resp. pag. 4

# OS 7 FEIJÕEZINHOS

Era uma vez sete feijões: pretinhos, de barriguinha muito branca.

Estavam todos dormindo.  
A panela de ferro era enorme.  
A cozinha dormia.  
O gato dormia.  
A casa dormia.  
O peixinho vermelho dormia.  
Até o ar dormia e o canarinho na gaiola dormia também.

Que sono! Que noite linda!  
Que estrelinhas no céu! Estrelinhas piscadeiras conversando uma conversinha azul.

Um feijãozinho acordou-se. Bocejou. Piscou os olhinhos. Chamou os amiguinhos:

— Acordem! Vamos passear?  
— Vamos.

Subiram bem devagarinho pela colher de pau: Upa! Saltaram para o chão. Passaram por debaixo da porta.

Saíram cantando noite a fora:

"Vamos passear  
Tra-lá-lá-lá-lá  
Vamos passear  
Tra-lá-lá-lá-lá..."

Assim:

Marchando talqualmente soldadinhos.

Cabeça erguida.

Passo marcado: um, dois! um, dois!

Depois de algum tempo, disse o primeiro feijãozinho:

— Estou muito cansado. Vou voltar. Arre feijãozinho preguiçoso!

Os demais iam pela estrada:

"Vamos passear  
Tra-lá-lá  
Vamos passear  
Tra-lá-lá-lá-lá..."

A noite tão bonita! Florzinhas coloridas ao longo do caminho. Nas poças d'água brilhava a lua — gran-

de, amarela, de bochechas lustrosas.

O segundo feijãozinho parou e resolveu:

— Eu fico por aqui.

Deitou-se debaixo de uma haste de capim e ficou conversando com uma centopéia.

— Chi Comadre! Como é que a senhora não se atrapalha quando anda? É tanto de pernas...

— Eh! Eh! Eh! — ria-se a Co-

tando pelo azul do céu: Socorro! Socorro!

Os outros feijõezinhos, de boca aberta olhavam para o alto.

O passarinho foi sumindo... sumindo e sumiram.

Eles chegaram à beira do regatinho ligeiro. O filhote-de-rio corria cantando uma canção branca e macia. Vinha de longe, da raiz da serra. Vinha de longe, polindo os

mão, abriu a janela.

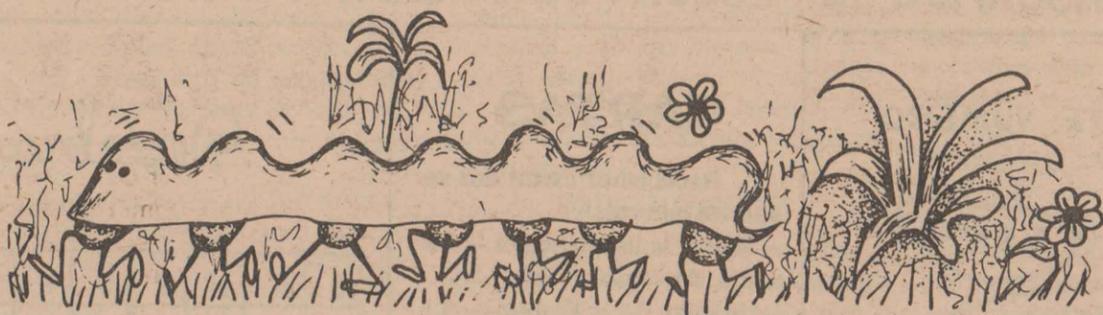
— Entre, entre! Venha descansar, meu amiguinho.

O feijãozinho obedeceu.

Ficou morando com o vovô Besouro.

Bem. No mínimo pensam que a história terminou? Pois estão enganados.

Olhem: você se lembra do feijãozinho bicado pelo pássaro?



madre. Cada um sabe de si.

O feijãozinho número três, aquele de olhinho arregalado, achou melhor ficar de papo para o ar, tirando uma sonequinha.

— Adeus!

— Adeus, dorminhoco! — responderam os outros seguindo a caminhada.

Eram quatro feijõezinhos muito valentes.

A manhã com seus dedos cor de rosa, foi abrindo, bem devagarinho, as janelas do céu.

Os amiguinhos pararam a viagem.

Sentaram-se. Enxugavam as testas molhadas de suor. Ufa! Calor e mais calor e mal amanhecia!...

Nisto, o pássaro veio voando e nhoc! pegou um feijãozinho no bico.

Logo o mais alegre!

Coitadinho. Lá se foi ele gri-

seixos, fazendo cócegas nos peixes.

Um dos feijões teve a idéia de fazer um barquinho de pétala de uma rosa.

— Adeus! Adeus meus amigos, sou almirante navegador dos sete-mares!

Desceu o arroio abaixo em busca de novas terras.

Ficaram, então, dois feijões.

Era meio-dia. Calor bem brabo incendiando o campo. As cigarras cantadeiras zuniam.

O feijão, cansado, bateu na porta do formigueiro: toc! toc!

Dona Formiga apareceu.

— Bom-dia, senhora dona, como tem passado?

— Muito bem, obrigada, que deseja?

— Queria morar na sua morada

— Entre amigo feijãozinho, a casa é sua.

Ele entrou.

O último ficou sozinho.

Pensou, pensou.

Nada!

Caminhou, caminhou.

A noite quase chegava.

Longe, muito longe, avistou uma casinha.

Já muito cansado, chegou até lá.

— O de casa! O de casa! — gritou ele com a voz fraquinha.

Nada.

Tudo muito sossegado.

— O de casa! O de casa!

Nada.

Então, ouviu-se o barulhinho de pés arrastados e o vovô Besouro, de óculos de aro de espinho de li-

Aquele mesmo que foi gritando no ar? Lembra-se? Pois é. Lá se ia ele pertinho das nuvens. Piscava os olhinhos, mas não estava mais assustado.

Era um feijãozinho muito corajoso.

O passarinho, voando, abriu o bico, para dar boa-tarde à pombinha rola.

E o feijãozinho: zuim! despençou para o chão. Vinha zunindo e bumba! Chuá! Caiu bem no meio do lago. Foi até o fundo. Os peixinhos nadavam espantados. Os sapinhos arregalavam os olhos. Depois, ele veio subindo, subindo. Nadou, nadou. Chegou à beira. Saiu da água tremendo de frio. Arrastou-se. Encontrou uma terrinha bem macia. Cavou um burquinho. Entrou. Cobriu-se. Ferrou no sono.

Os dias foram passando.

O feijãozinho sempre dormindo.

Foi crescendo.

Foi crescendo.

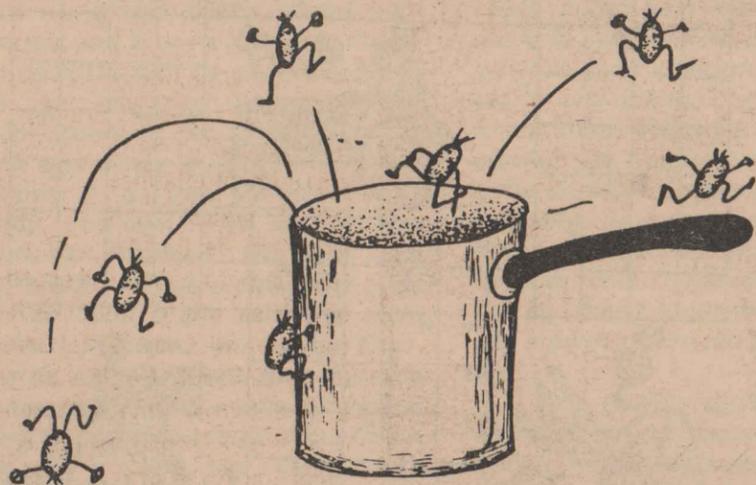
Ficou redondinho.

Um talinho verde apareceu nele.

Furou a terra.

Apareceu o sol!

E aquele feijãozinho transformou-se no mais lindo pé de feijão que houve, começando, outra vez, a bonita história dos milagres da natureza.



Extraído de Criatividade e Outros Bichos, de José Fernando Miranda.

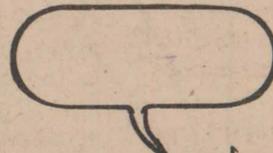
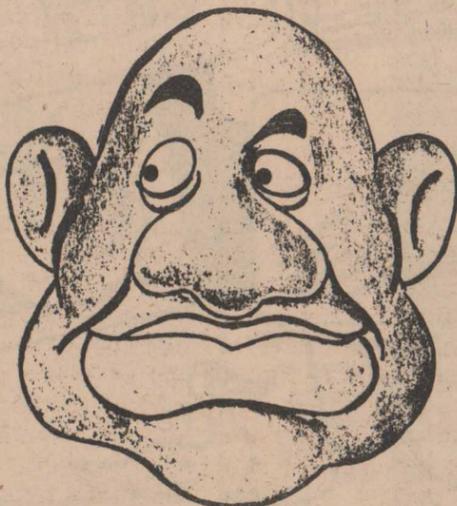
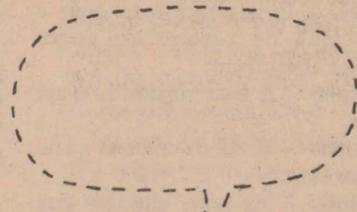
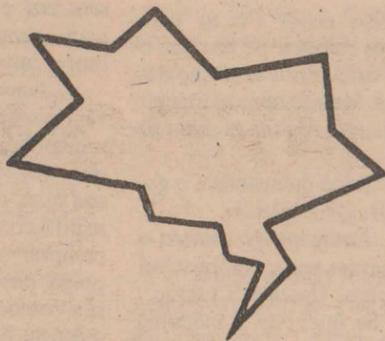
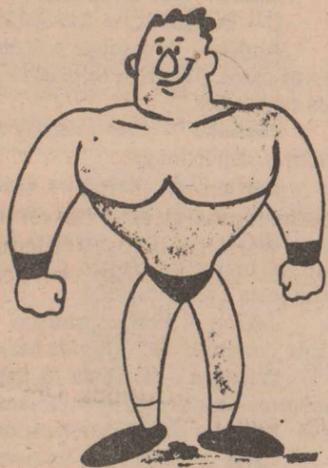
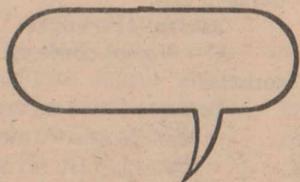
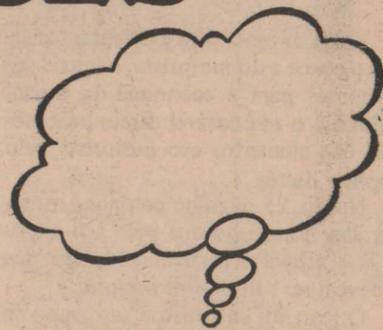
# CARICATURAS E BALÕES

*Você já fez caricaturas?*

*Cada pessoa tem seu tipo de corpo e rosto característico (alto, baixo, gordo, magro, careca, etc). Exagere nestes detalhes e você terá feito uma caricatura. Os balões que desenhamos junto às caricaturas podem transmitir uma mensagem falada, um som qualquer e pode até ser mudo. Crie um texto para cada balão representando as situações das caricaturas.*

*Experimente desenhar a caricatura de alguém que você conhece. Vai ser legal! Não esqueça de exagerar os detalhes.*

*Você estará desenvolvendo sua criatividade e ao mesmo tempo se divertindo. Mande os resultados para o Cotrisol, que publicaremos seu trabalho, certo?*



# ENTREVISTA

Entre as profissões existentes temos a do colono e a do motorista, as quais são importantes para a economia da região. O colono é o responsável direto pela produção dos alimentos e o motorista pelo transporte destes.

No dia 25 de julho colonos e motoristas são homenageados pelo seu trabalho, mas achamos oportuno lembrar que eles devem ser valorizados sempre.

O Cotrisol entrevistou um grupo de meninos e meninas da idade entre 9 e 11 anos, para saber o que eles pensam sobre o assunto.

E vocês que são filhos de colonos ou motoristas o que pensam sobre este tema?

**Cotrisol:** Vim aqui para conversar com vocês e gostaria de saber o que vocês pensam sobre os colonos e os motoristas.

**Jakson** — Sim, sim, meu avô é colono, ele tem plantas: feijão, trigo, soja, cria galinhas, porcos, tem açudes para criar peixes.

**Ivana** — Eu tenho um amigo que é colono. É o Valdemar. Ele planta soja, trigo, as vezes planta feijão só para a família comer. Cria galinhas e porcos.

**C** — Vocês acham que os colonos vivem melhor que nós da cidade?

**Ivana** — Depende da época do ano. Às vezes têm problemas financeiros e às vezes por doenças.

**C** — De quem eles pegam doenças?

**Ivana** — Dos porcos, cachorros, gatos.

**Paulinho** — Se pegam uma gripe no inverno, não podem trabalhar.

**Joana** — Às vezes eles vivem mal por causa das secas. Eles só colhem o mínimo porque falta água.

**André** — É! A planta sente sede e precisa de água. Se a planta não cresce o colono fica endividado.

**Paulinho** — A seca prejudica ou até acaba tudo.

**Cristiane** — E até os colonos e animais passam sede.

**Paulinho** — Às vezes eles têm que abandonar as terras por causa das secas.

**Cezar** — O açude seca e acaba os peixes.

**Jakson** — Mas o colono leva vantagens porque na cidade não se pode criar animais como vacas, galinhas e porcos.

**Ivana** — E ele pode plantar de tudo.

**Jakson** — Na cidade só podemos comprar galinha já morta.

**Joana** — Aqueles que criam galinhas na cidade levam multa.

**Paulinho** — Também aqueles que criam vacas e porcos. . .

**André** — E os colonos também têm, geralmente, rios ou açudes por perto onde eles podem nadar, criar peixes.

**Paulinho** — E fazer valetas para irrigar a plantação, o arroz. . .

**Cristiane** — Na colônia não precisam comprar frutas. . .

**Cezar** — Na cidade não tem espaço para plantar nem criar animais. . .

**Joana** — E a fiscalização não permite.

**C** — Vocês acham que foram importantes as invenções das máquinas para a agricultura?

**André** — Não acho! Foi só para tirar o dinheiro dos colonos. Se vão mal o banco hipoteca e os colonos têm que devolver as máquinas. Mesmo com as máquinas eles ganham pouco. Alguns ganham só o salário mínimo.

**Ivana** — E o único que ganha é o governo.

**Paulinho** — Antigamente usavam o cavalo. Não precisavam pagar combustível e tinham mais lucro. Usavam a carroça.

**Fabíola** — Se quebram a máquina eles têm que trabalhar o ano todo para pagar. Acho que não foi bom inventar as máquinas.

**Cristiane** — Eu não acho bom, porque agora eles lavam as máquinas nos rios e poluem a água.

**Joana** — Com as máquinas eles espalham mais inseticidas e a planta não é saudável. Antigamente alguns bichos comiam outros bichos que destruíam as plantas. Agora é diferente.

**Ivana** — As batatas ficam com gosto ruim quando tem adubo químico. Não ficam com gosto de batata.

**C** — Vocês querem dizer que os colonos espalham muitos venenos?

**Joana** — Sim! O veneno é muito caro e ainda vai para os rios e mata os peixes. E ainda enfraquece a terra.

**Paulinho** — Ele se prejudica e até já morreram muitos colonos por causa dos venenos.

**Jakson** — O inseticida mata tudo. Até os passarinhos.

**Cristiane** — Não sei se é sobre isso, mas eu acho que os adubos químicos não são bons tanto quanto os orgânicos.

**Jakson** — É sim! Meu avô aduba a terra com esterco de vaca ou de galinha. É jóia! Se cai no rio não mata nenhum peixe.

**Paulinho** — Às vezes usam aviões para passar venenos e matam até as pessoas.

**C** — Como seria nossa região sem os colonos?

**Cezar** — Não existiriam alimentos nos mercados.

**Ivana** — Nem as indústrias para fazer os enlatados que vendem nos mercados. Não ia ter comida para as pessoas!

**C** — Já ouviram falar dos colonos sem terra?

**André** — Seria bom se todos tivessem um pedaço de terra e produzissem para comer e não precisassem pagar tantos impostos.

**Ivana** — Alguns vendem a terra e vêm para a cidade. Outro dia eu encontrei um senhor e conversei com ele. Ele disse que quando veio para a cidade morou nas ruas, porque com o dinheiro que conseguiu com a venda da terra, não deu para comprar uma casa. Ele não conseguia emprego porque não sabia ler e escrever e sua mulher trabalhou de empregada doméstica. E os filhos passavam frio e fome.

**Jakson** — Se o colono vem para a cidade ele não sabe trabalhar nas indústrias e passa fome.

**Cristiane** — Os colonos devem ficar lá. Eles tem de tudo. Não precisam comprar tudo como nós.

**C** — Vocês acham que os colonos são explorados?

**Sim!**  
**Sim!**  
**Sim!**

**C** — Por quem?

Pelo banco, pelas firmas que fabricam e vendem as máquinas e adubos, inseticidas e pelo governo.

**C** — E os preços pagos aos produtores são justos?

**Paulinho** — Tá brincando, tia? O dinheiro que eles ganham na venda das safras quase nem dá para comprar roupas, remédios e calçados.

**Jakson** — Eles são explorados. Dizem que vão pagar tanto e pagam sempre menos.

**André** — No rádio dizem que o preço vai ser bom. Ele então planta e na hora de entregar na cooperativa, se ele demora dois dias na fila para descarregar, o preço baixa e eles saem perdendo. Ele vende assim mesmo porque se guardar a produção ela apodrece.

**C** — Como vocês imaginam que os colonos se divertem?

**André** — Nos torneios de bochas e futebol.

**Virginia** — Nos bailes.

**Paulinho** — Ele se diverte porque todos se conhecem. Se o colono vem para a cidade e vai à uma discoteca ou bar não conhece ninguém. Ele fica triste.

**Cezar** — Nos casamentos.

**Ivana** — Nas festas de casamentos duram 3 dias.

**Jakson** — No bolão.

**C** — Vamos conversar sobre os motoristas.

Será que é bom ser motorista?

— Não.  
— Não.  
— Não.

**André** — Não compensa. . .

**C** — Por quê?

**André** — A gasolina e o óleo estão muito caros. Também os pneus e as peças dos caminhões.

**Paulinho** — Eles ganham uma mi-charia e viajam longe.

**Dalva** — Às vezes eles somem, são assaltados e não aparecem nunca mais.

**Bárbara** — E o governo não gosta que os motoristas façam greves. Mas eu acho justa a greve deles.

**Jakson** — Porque ganham pouco e ainda correm o risco de vida nas estradas.

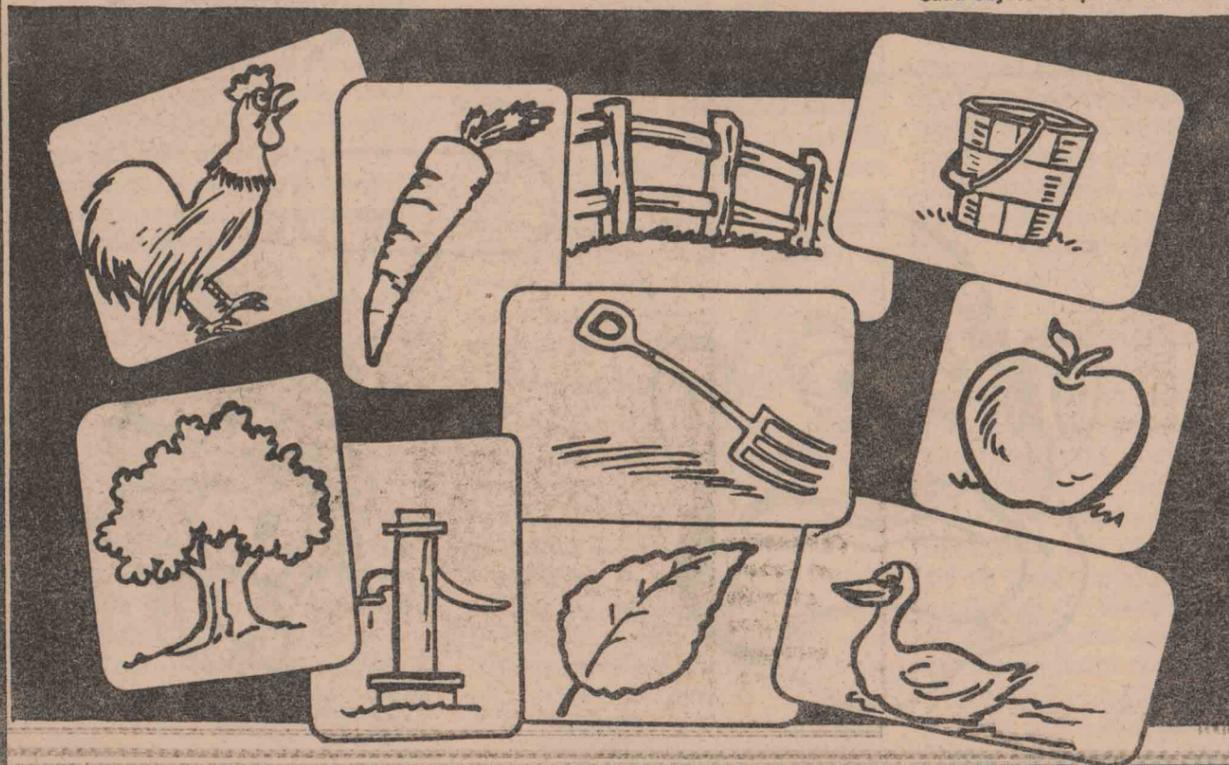
**Cristiane** — E ainda os patrões são violentos com eles. E os exploram.

**C** — Mas eles são necessários!

**Carla** — É! Porque na nossa região não temos navios.

**Dalva** — Eles contribuem para o Brasil ir pra frente!

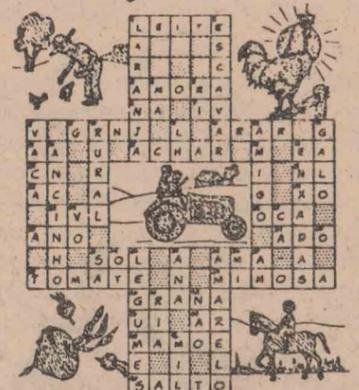
## EXERCITE SUA MEMÓRIA



Durante um minuto olhe os desenhos.

Depois feche os olhos e tente se lembrar de todos. Conte dez pontos para cada objeto de que se lembrar.

Resp. página 1



RESPOSTA DO POEMA ENIGMÁTICO EDIÇÃO ANTERIOR

DIA SANTO, NEM DOMINGO TENHO  
COMIDA POUCA  
PIRES DE FEIJÃO, E UM PINGO  
DE CAFE  
QUE MOLHA A BOCA!

# EDUCAÇÃO

COMUNIDADE – FAMÍLIA – ESCOLA

Suplemento elaborado pelo Grupo de Assessoria aos Professores Rurais – Convênio Cotrijuí/Fidene

## ATENÇÃO PROFESSORES

Atenção, professores! Estamos aí com mais uma edição do nosso Suplemento de Educação. Mesmo tendo este nome não fiquem vocês pensando que é somente para professores que escrevemos este jornal.

Já falamos em outras oportunidades o que entendemos sobre educação, mas vamos repeti-lo. A educação, para nós, constitui-se no desenvolvimento da capacidade de compreensão do mundo, da realidade local e geral em que vivemos. Esta capacidade de compreensão se concretiza através dos conhecimentos que adquirimos, da personalidade que assumimos, da pessoa humana que somos ou buscamos ser.

Somente por esta rápida definição, podemos perceber o porquê nos propomos elaborar este jornal, e destiná-lo não somente para vocês, professores, mas também para a família, para a escola e para a comunidade.

As pessoas, ao contrário do que muitos ainda poderiam pensar, não se educam somente na escola ou somente na família. As pessoas se educam no seu trabalho, nos divertimentos, nos estudos, na sua vida comunitária, enfim, no seu dia-a-dia.

Para sermos coerentes com este nosso modo de pensar, procuramos, em todas as edições, tratar de assuntos relacionados com o trabalho escolar, com a vida familiar e comunitária, com a participação em entidades de classe, etc. Neste número, resolvemos escrever sobre um tema muito polêmico: partidos políticos. Para isto, nos utilizamos de um fato ocorrido por ocasião da manifestação do confisco da soja. Partindo da narração deste acontecimento, o Leonardo escreveu "O medo da política", tendo como finalidade incentivar uma reflexão dos leitores sobre esta questão.

Especialmente para os professores se encucarem um pouco, a Dolair elaborou uma matéria muito importante. Trata-se de um esquema para analisarmos os manuais didáticos usados com os alunos. E, para como se diz na gíria, "matar a cobra e...", o artigo mostra como estes manuais tratam, por exemplo, o assunto família e ainda, como o mesmo poderia ser tratado numa perspectiva mais real.

A pedagogia da paralisação, escrita pelo Leonardo, é o nosso outro assunto. Nele procuramos apresentar um dos muitos aspectos dos movimentos reivindicatórios levados pelos mestres nestes últimos anos.

Para finalizar esta apresentação, queremos manifestar nossa satisfação pelas cartas recebidas e publicadas no Cotrijuí do mês de junho. Cartas essas que fazem referências ao nosso trabalho. É isso aí professores, continuem escrevendo.

## A PEDAGOGIA DA PARALISAÇÃO

Há muito tempo ouve-se falar nos problemas do nosso ensino. De um lado são os professores com salários baixos e poucas condições de trabalho. São as escolas sem bibliotecas ou com bibliotecas cheias de livros inadequados às necessidades. É a falta de inúmeros recursos didáticos necessários para o desenvolvimento de atividades. É a falta de preparo dos professores juntamente com as dificuldades destes em desenvolverem estudos visando o seu aperfeiçoamento profissional. Isto tudo gera muitas vezes um desinteresse por parte destes profissionais, agravando ainda mais a situação. Nestas condições, muitos professores fazem somente aquilo que são obrigados a fazer para receberem o seu minguado, mas providencial, salário.

De outro lado, vemos os alunos e os pais dos alunos insatisfeitos com o trabalho desenvolvido nas es-

colas. Apesar do esforço de muitos mestres e administradores, a escola não ensina o que de fato as crianças precisam aprender para serem pessoas capazes de resolverem os seus problemas de hoje e do futuro.

Estes e muitos outros problemas que poderiam ainda ser aqui apresentados, indicam a crise pela qual passa o trabalho escolar. Muito se tem feito para melhorar esta situação, no entanto, muito pouco se tem conseguido. As nossas autoridades educacionais procuram inovar currículos e conteúdos, ditam normas de funcionamento das escolas que devem ser seguidas pelos mestres e nada se resolve. Os pais dos alunos expressam o que não desejam e o que esperam em termos de educação de seus filhos. Mas eles não possuem uma fórmula que diga faça assim ou assado e tudo estará resolvido. A criança talvez encontre naquilo que os adultos cha-

mam de indisciplina, uma forma de dizer da sua insatisfação pelo que ela é obrigada a fazer na sala de aula.

Vemos aí uma situação difícil de ser solucionada. Difícil, porque ninguém possui uma receita pronta para ser aplicada ou uma varinha mágica que resolva todas as questões. A única afirmação concreta que poderemos fazer é a seguinte: se os problemas existem e são constatados, cabe a todos os envolvidos e interessados buscar soluções.

Os professores estaduais do Rio Grande do Sul e também os professores municipais de diversos municípios gaúchos têm feito, nos últimos anos, movimentos de paralisação de atividades. Em princípio, estes movimentos têm como finalidade primeira o aspecto reivindicatório. No entanto, tem-se percebido nestas paralisações a existência de um intenso debate em torno de toda a problemática educacional. E este debate não tem acontecido somente entre os professores, mas se estende para as famílias e as comunidades. Com isto há uma tomada de consciência geral sobre os problemas do ensino e a conseqüente busca de soluções.

Esta busca de soluções já é uma realidade, no nosso entendimento, no próprio desenvolvimento do movimento reivindicatório. Como diz o ditado popular: "se as palavras convencem, os exemplos arrastam montanhas". Os profissionais da educação nos fornecem um exemplo de participação e solidariedade para com a sua classe, atitudes estas muito importantes para todas as pessoas. Entendemos ser uma lição sem sala de aula, sem giz e sem livros, uma aula diferente, que indica, senão soluções, caminhos muito seguros a serem seguidos. Poderíamos afirmar ser esta uma aula eficiente, ministrada com uma pedagogia muito especial.



As paralisações têm permitido debates sobre os problemas educacionais

## O "PONTO" FORA DO PONTO

Uma das práticas mais usadas em nossas escolas, para ensinar Estudos Sociais, é dar um "ponto" para os alunos e, sobre o mesmo, organizar um questionário. Neste artigo apresentamos algumas considerações sobre como são tratados os conteúdos nos manuais didáticos de 1º Grau e alternativas do que é possível fazer, tendo em vista uma proposta para a Área de Estudos Sociais. Inicialmente procuramos nos situar em um campo de trabalho — o Ensino de 1º Grau para as primeiras séries, no meio rural.

Lembrando que trabalhamos com crianças cuja idade varia de 7 a 12 anos; — crianças que em sua maioria têm um universo muito restrito, isto é, conhecem poucos lugares, poucas têm acesso a livros antes de ir à escola; os adultos com os quais elas convivem também apresentam as mesmas limitações; — crianças que, pelo seu desenvolvimento, aprendem mais e melhor se o conteúdo em estudo fizer parte de sua experiência e da sua prática e não pela simples apresentação do mesmo através de leituras e questionários. Lembrando ainda que o Currículo por Atividades prevê que se organizem situações de aprendizagens, mais do que se deem resultados prontos para a criança, prevê que, para esta idade, deve-se organizar trabalhos que façam a criança compreender sua vida a dia. Então nos perguntamos:

- Qual o sentido que tem um "ponto" para as crianças?
- Quanto desse "ponto" elas aproveitam para compreender a sua realidade?
- O que os "pontos" apresentam para serem apreendidos, incorporados?
- Há adequação entre o conteúdo dos "pontos" e a realidade dos alunos? — Os fatos, os exemplos, a linguagem, são de domínio das crianças do meio rural?

Deixando cada leitor pensar nas respostas, podemos tratar dos "pontos" de Estudos Sociais, que é o que nos propomos no momento.

Para as considerações que faremos a respeito dos referidos "pontos" nos baseamos em indicadores organizados pela Profa. Dulci Matte para um trabalho com professores do meio rural. (Uma Perspectiva para o Ensino de Estudos Sociais é a apostila que foi usada pelo GAPP para realizar este trabalho em 1978).

Os textos ou pontos, que de um modo geral são encontrados nos livros de 1º Grau, apresentam aspectos como:

### 1. SUPERFICIALIDADE NA ABORDAGEM DO OBJETO EM ESTUDO:

A narrativa é a forma mais comum de abordagem dos assuntos, na maioria dos livros. Informam o

"o que", o "quando", o "como", o "onde", o "quem" a respeito dos assuntos e fatos, porém o "porque" e o "para quê" dificilmente são tratados.

Achamos válida a preocupação com o "o que" a respeito dos "quando", com o "quem" e com o "onde" dos fatos ou assuntos em estudo, mas temos que ver claro que estas informações não são suficientes para que o aluno compreenda as relações que ocorrem na realidade e se torne capaz de intervir no processo de desenvolvimento social. Para isto é necessário tratarmos também do "para quê" e do "porque" dos fatos e assuntos.

**2. HOMOGENEIZAÇÃO DO REAL**  
Um segundo critério usado para analisar os textos dos manuais didáticos refere-se ao tratamento das diferenças e contradições locais e regionais, sem abordar as particularidades dos assuntos. Estes são apresentados como se os homens, o tempo e o local não exercessem interferência sobre os mesmos. É uma versão, e pronto! Tanto o professor como o aluno, na maioria das vezes, não se dão conta que estão trabalhando sobre uma realidade que não é a sua, que até a contradiz.

O estudo da realidade acaba por se resumir em exercícios que exigem mais memorização e repetição, do que compreensão e assim estas informações que o aluno vai somando não contribuem para o desenvolvimento da habilidades, como a de perceber o meio e suas relações, e de ser capaz de nele intervir. Escodem-se as contradições oferecendo-se ao aluno uma realidade ideal e desta forma a criança não percebe nem as relações mais próximas, aquelas que acontecem nos grupos de que participa.

### 3. FRAGMENTAÇÃO DO REAL PELA APRESENTAÇÃO DE FATOS OCASIONAIS

É muito freqüente encontramos textos que apresentam partes do fato, e sabemos, pela própria experiência de vida, que os fatos acontecem



As ilustrações aqui usadas são deste livro

tecem de modo inter-relacionado. Nada é isolado, parado, ocasional, independente. O dia-a-dia nos mostra que tudo tem sua origem em fatos, acontecimentos, situações anteriores, e que determinarão o surgimento de novos fatos, acontecimentos. . . Mas, da maneira como os textos são apresentados, a realidade adquire um certo caráter de magia. Acontece e pronto! As causas, as conseqüências, as relações, dificilmente são trabalhadas com profundidade. A história é ocasional — os fatos acontecem independente das relações sociais, econômicas, políticas. O mesmo se dá com a geografia. Apresenta-se uma realidade fria e distante, sem implicações sociais, políticas, humanas, culturais. . . As relações homem-natureza, num tempo e espaço determinado, parecem inexistentes. As coisas estão assim porque sim, e pronto! Repetimos: a ocorrência dos fatos adquire uma forma mágica.

### 4. DENTRO DE UM DETERMINADO PONTO DE VISTA

É outro indicador que nos permite analisar os referidos "pontos". E a este respeito cabe rever aqui uma das funções que a educação vem desempenhando, a função de reprodução. Isto é, cabe à educação, nesta perspectiva, reproduzir, manter, conservar o sistema vigente. Assim, são levadas aos alunos informações que atendem aos interesses de determinados grupos. Os fatos, como parcelas da realidade, são apresentados dentro de determinados pontos de vista, apresentados de tal maneira que mostram apenas um lado da realidade, aquele que se tem interesse em mostrar. Desta forma o aluno é conduzido a formar uma idéia parcial a respeito da mesma. O debate, a análise, o confronto de idéias não ocorre.

### 5. OS HERÓIS E ANTI-HERÓIS completam nossas coleções

O dito popular — "basta um minuto para fazer um herói, mas é necessário uma vida para fazer-se um homem" aqui se aplica. Pouco se trata dos homens, de seu trabalho, de sua vida, do dia-a-dia nos manuais didáticos.

A ocasionalidade dos fatos é aqui ainda mais caracterizada. Os personagens são em geral colocados ou como super-homens em bondade, coragem, heroísmo e tantas outras virtudes, que aparecem repentinamente, e, salvam a situação. . . ou como anti-heróis exemplo de maldade que prejudicam o povo, que merecem ser eliminados.

Parece-nos que a vida real, a vida que o aluno participa é relegada a um segundo plano e dela não se trata. Ensinamos a não dar valor a todo o esforço de vida, mas apenas a algumas circunstâncias. . .

E, esta é a Área de Integração Social!

# O "PONTO" DA FAMÍLIA FELIZ



## COMO VIVE A MINHA FAMÍLIA

Minha família é muito feliz.

Estamos sempre satisfeitos.

Eu e meus irmãos acordamos bem cedinho, tomamos café e vamos para a escola.

Todos os dias papai vai trabalhar.

Mamãe fica em casa preparando o nosso almoço.

À tarde, estudamos as lições, ajudamos mamãe, brincamos um pouco e aguardamos papai.

Papai chega muito cansado mas sempre tem uma novidade para contar e um sorriso para todos.

À noite, enquanto papai lê o jornal ou conversa com mamãe, nós assistimos televisão.

Cedo vamos para a cama e antes de dormir nós rezamos.

Aos domingos papai nos leva à praia ou ao parque e à tarde todos vamos à igreja.

Tomando como exemplo o texto — como vive uma família — aqui reproduzido, podemos, a partir dele, perceber como é apresentado ao aluno de 1ª série, o assunto: — família.

Pensando na maioria dos alunos desta série, que são do meio rural, das periferias urbanas ou de cidades, revendo as considerações apresentadas a respeito dos textos didáticos, pensando numa proposta para o ensino de Estudos Sociais, vamos "ler" o texto tendo por base algumas considerações, tais como:

— Esta é uma família padrão. É composta de pai, mãe, filhos. A mãe cuida a casa. O pai tem seu trabalho que garante alimentação, tranquilidade, estudo, lazer, felicidade, aos filhos. Há um perfeito entendimento entre os membros dessa família. Os filhos parecem ser muito "bem educados": levantam cedo, fazem os temas, ajudam a mãe, deitam cedo. O pai tem estudo, lê jornal, é informado. A felicidade até existe.

Podemos ainda considerar o que ocorre em outras famílias:

— Pais que vivem separados. Mães que precisam trabalhar fora de casa. Filhos que trabalham ou esmolam desde crianças. Famílias que não têm recursos econômicos para alimentar e vestir os filhos. Crianças que precisam deixar a escola antes dos 14 anos. (O ensino é um direito. A obrigatoriedade escolar prevê como limites as idades de 7 a 14 anos). Nestas famílias dificilmente encontramos felicidade, satisfação, diálogo, bem como tempo e recursos para o lazer. Também é possível não encontramos crianças com "bons hábitos", pois muitos se educam sem a presença dos pais. Encontramos muitos pais sem instrução e muitas casas sem jornal. Encontramos situações

de desentendimento e brigas, como encontramos famílias até sem casa e pais sem trabalho.

Neste último caso, existe família? O texto mostra um lado da realidade, mas não orienta para a percepção e compreensão do que realmente pode ocorrer numa família. Não deixa ver as várias formas de organização familiar que existem, que fazem parte da realidade. Que são, em muitos casos, as famílias de nossos alunos.

Do mesmo modo que o texto, os exercícios oferecidos pelo livro referem-se a situação da família padrão e determinam um tipo de resposta padrão. O aluno é conduzido a dar respostas falsas, como por exemplo, no exercício — Vou à escola todos os dias ou dar respostas que podem não ser verdade para o caso do aluno — Tomo banho todos os dias. Os exercícios de respostas consideradas pessoais são, na maioria das vezes, orientadas para o enfoque dado ao assunto no texto e não a experiência que o aluno possui em relação ao assunto.

Estes tipos de exercícios e textos fazem com que ocorra a memorização de "belas mentiras", não permitindo que o aluno perceba e compreenda a sua realidade e as relações que aí se manifestam.

Questões, como as que seguem, poderiam favorecer a percepção da realidade da criança:

— Todas as famílias são assim felizes?

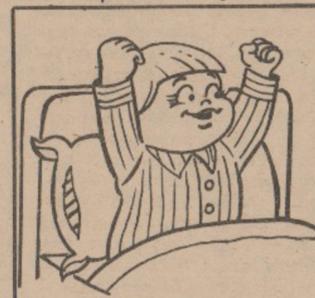
— A vida que as crianças do texto têm assemelha-se à vida de nossos alunos?

— O papel que a mãe e o pai desempenham no texto equivale ao dos pais dos alunos?

— Porque muitas mães precisam trabalhar na casa dos outros?

VAMOS FAZER UM JOGUINHO COM O QUE VOCÊ LEU ?

1 — Repare bem as figuras abaixo e complete as frases, sobre você:



Eu me levanto às \_\_\_\_\_ horas.



Eu me deito às \_\_\_\_\_ horas.



Antes de dormir eu \_\_\_\_\_ rezo



Eu \_\_\_\_\_ gosto \_\_\_\_\_ de estudar as lições.



Vou à escola \_\_\_\_\_ todos \_\_\_\_\_ os dias



Tomo banho \_\_\_\_\_ todos os dias

— Porque há pessoas que não têm casa e pais que não têm emprego?

Mas, ao invés destas questões, podemos trabalhar o mesmo assunto — família —, porém de modo diferente.

Inicialmente orientamos as crianças a observarem o seu próprio meio, em conjunto (através de um passeio) ou individualmente (observando a própria casa e família).

Outra atividade seria conversar com as pessoas que residem na casa, saber suas funções; para que usam cada espaço (as peças da casa); como usam seu tempo; onde trabalham . . .

— Ainda podemos solicitar que desenhem o que observaram o respeito da família; a ação das pessoas nos trabalhos caseiros; a localização da casa em relação ao local de trabalho. . .

— Num bate-papo com as crianças, permitir que elas contem o que viram, o que conversaram. Como é sua família; — o que elas fazem em casa nas horas de folga; — quem cuida da casa; — que dificuldades encontram para mantê-la; — como é seu lazer, seu divertimento, sua alimentação, seu vestuário; — orientá-las a escrever frases sobre a família; a fazer pequenas redações sobre a mesma. Após estes exercícios, realizados em vários dias, podemos discutir com eles o que é comum em todas as famílias; o que é diferente; porque acontecem as diferenças. . .

Podemos, após tudo isto, trazer textos, livros de histórias, revistas e outros materiais para que elas leiam a respeito de outras famílias e façam comparações, ampliando assim seu conhecimento.

Desta forma a criança adquire o conhecimento a partir de sua própria realidade e vai organizando-o em relação a uma realidade maior, onde há outros fatores que interferem e modificam as informações.

O aluno com esta prática realizada sobre vários assuntos será capaz de aprender, não só o conteúdo, mas também as

2 — Faça uma cruz no que você faz nas horas de folga



Ilustração do livro Ainda Brincando

técnicas de como aprender e, por certo, adquirirá informações em maior quantidade e de forma mais dinâmica. A matéria de ensino passará a ser coisa sua, compreendida. Interessando-lhe mais porque ele foi capaz de fazer "o seu ponto" sobre a sua realidade.

Concluimos que, da forma como são apresentados os assuntos e fatos, não é possível preparar o aluno como participante do processo de desenvolvimento social. Para que ocorra esta participação torna-se necessário, desde as séries iniciais, orientar o aluno a observar, compreender seu dia-a-dia. Temos que oferecer condi-

ções para que eles percebam o real, o concreto; que diferenciem fatos com suas causas e conseqüências; que percebam a interdependência entre os mesmos; as relações entre homem-meio; que, iniciem-se assim no processo de investigação científica.

É necessário que trabalhemos para preparar pessoas capazes de tomar decisões adequadas ao meio e ao homem deste meio; pessoas capazes de decidir e agir; agir e refletir sobre sua ação. Pessoas que sejam capazes de, compreendendo a realidade, participar do processo de desenvolvimento social.



## O MEDO DA POLÍTICA

### AGRICULTORES X POLÍTICOS

Dia 21 de março de 1980, caravanas de diversas localidades do interior do município e dos municípios vizinhos, chegaram até o bosque dos "capuchinhos" na cidade de Ijuí. Eram homens, mulheres, jovens e crianças, todos vieram fazer o seu protesto contra o confisco.

Desfrutando da sombra que as árvores lhes ofereciam, aquela gente escutava os oradores, líderes sindicais e cooperativistas, que transmitiam as posições das organizações que representavam. O chimarrão estava presente em algumas rodas, os refrigerantes em outras. Nos bares próximos alguns tomavam, tranquilos, a sua cervejinha, em meio aos perplexos estudantes e outras pessoas. Um ambiente de alegria e confiança na força da união misturada com a consciência de que a luta era difícil. Essa era a preocupação estampada na fala dos agricultores.

Foi nessa situação que alguns deputados quiseram fazer uso da palavra, para expressar o seu apoio ao movimento ou então para tirar um naquinho da situação, visando aumentar seu prestígio político.

Neste momento aconteceu um fato talvez inédito: os agricultores negaram a estes políticos o direito de falar. Justificaram essa atitude que na Assembléia Legislativa eles já tinham sua tribuna. Aquela ali, montada com tábuas rústicas, serviria para aqueles que a haviam construído expressarem suas idéias. (texto extraído da série "Caminhos" — 3º volume, página 56, da Fidene)

Em outras edições deste Suplemento já escrevemos sobre a participação em sindicatos e cooperativas. Procuramos, nesses artigos, destacar a importância desta participação e demonstrar também as dificuldades a serem vencidas para que tal aconteça. Desta vez vamos, a partir do fato ao lado narrado, fazer algumas considerações sobre a participação num outro tipo de instituição, os partidos políticos.

O fato ocorrido no dia da manifestação do confisco reflete muito bem a visão que muitas pessoas têm da política ou dos políticos. Falamos aqui da política partidária, aquela que envolve partidos políticos, candidatos, eleições de vereadores, de prefeitos, de deputados. . . A população de um modo geral entende, e talvez com razões para isto, que esta política partidária tem muita "sujeira", e que os políticos só aparecem nas horas de pedir votos. Assim, as pessoas participam dos partidos políticos sem muita fé de que através deles vá se resolver os seus problemas. Participam de um ou de outro partido muitas vezes pela amizade que tem com o político tal, ou porque o pai já era daquele mesmo partido, entre outros motivos. Nessa situação, as agremiações partidárias não conseguem ter uma atuação mais permanente e conseqüente.

#### PARTICIPAÇÃO POLÍTICA

Por outro lado, esta mesma população possui outros meios de participação política. Vamos nos referir aqui a política classista e comunitária. Os agricultores, os professores, os operários, os comerciantes. . . se organizam em seus sindicatos e associações para discutirem os seus problemas e lutarem pelos seus direitos. Os moradores de bairros e das comunidades do interior organizam-se em associa-

ções e núcleos para buscar soluções para as suas dificuldades e conseqüentemente, a busca do seu bem-estar. Isto como dissemos, também é participação política, só que não partidária.

Os partidos políticos também são, ou deveriam ser, um lugar das pessoas discutirem e buscarem soluções para os seus problemas, assim como o fazem em suas entidades de classe ou comunitária. Mas então, porque esta visão diferente, porque esta maneira diferente de encarar as entidades e os partidos? É momento de nos perguntarmos. O que é um partido político? Para que serve? Devemos ou não participar de política partidária?

Um partido político, é uma forma de organização de pessoas que comungam idéias em torno de questões políticas e sociais. Estas idéias são expressas no programa do partido. No programa é onde estão escritas as propostas que o partido tem para a sua atuação. Ali irá constar, por exemplo, como o partido pensa que deve ser a política agrícola, a política educacional, a política habitacional, quais são os princípios doutrinários desta agremiação. . . Quando este partido conseguir conquistar o poder municipal, estadual ou federal, deve cumprir com as determinações do seu programa, colocando em prática as suas propostas. Vejam que um partido político tem um campo de ação bem maior do que um sindicato, por exemplo. O sindicato atua no nível da categoria profissional que representa. Um partido atua ao nível de toda a população, vendo os problemas de todos e não somente de determinada parte. É evidente que no sindicato também devem ser discutidos os problemas gerais da sociedade, mas a sua ação fica normalmente num âmbito mais restrito.

#### BUSCA DE SOLUÇÕES

A nossa participação na política partidária tem, portanto, razões muito semelhantes das razões da nossa participação nos sindicatos e associações. Entre estas razões poderíamos citar a busca de soluções para os nossos problemas e discussão das questões políticas, econômicas e sociais. No entanto, esta participação não é encarada da mesma forma por motivos vários que podem ser discutidos. Um deles talvez seja a maneira como acontece esta política partidária, que não permite uma atuação mais ativa da população e faz com que a população desacredite nos políticos de um modo geral. Há momentos em que, no entendimento de muitos, os políticos até atrapalham a atuação de um sindicato ou associação comunitária. As pessoas chegam a criar uma barreira, dizendo que não admitem que "botem política no meio da nossa luta".

O que existe talvez é uma grande confusão em tudo isto. Nós precisamos compreender muito bem o significado de nossa participação política nestas organizações. Algumas pessoas participam mais do sindicato, outras das associações comunitárias, outras dos partidos políticos. Todas estas entidades são instrumentos que devem pertencer à população. São formas de organização com finalidades específicas.

Precisamos, portanto, estudar, discutir, conhecer muito bem as finalidades de cada uma destas formas de organização, para sabermos como, onde, porque, em qual, ou quais, é mais prioritária ou necessária a nossa presença ativa. O acontecimento do dia da manifestação do confisco da soja, pode ser um elemento importante para alimentar esta discussão.